





# UM EXTENSO CONTINENTE

**Título****Um Extenso Continente**

Antologia de homenagem a António Salvado

**Organização**

Maria do Sameiro Barroso

Maria de Lurdes Gouveia Barata

Alfredo Pérez Alencart

**Prólogo**

Ricardo Marques

**Pintura e desenhos**

Miguel Elías

**Design**

Carine Pires

Rogério Ribeiro

RVJ - Editores

**Edição**

RVJ, Editores, Lda.

Av. do Brasil, n.º 4 r/c | Apartado 262 | 6000-909 Castelo Branco

Telf. 272 324 645 | Fax. 210 112 063 | Telm. 965 315 233

www.rvj.pt | email. rvj@rvj.pt

**ISBN**

978-989-8289-32-2

**Depósito Legal****Data**

maio 2014

# UM EXTENSO CONTINENTE

Antologia de homenagem a António Salvado



**Organização**

Maria do Sameiro Barroso

Maria de Lurdes Gouveia Barata

Alfredo Pérez Alencart





August  
21/11/2013

Poeta  
Antonio  
Salvado

*Poeta António Salvado pintura de Miguel Elías, 2013*

## POESIA PARA O POETA

Que maior, mais poética, ou mais apropriada distinção se pode fazer a um poeta que dedicar-lhe uma Antologia de Homenagem?

A ideia nasceu, talvez entre dois dedos de prosa entre amigos e admiradores, e a verdade é que o livro *Um Extenso Continente – Antologia de Homenagem a António Salvado* deu ao prelo e chegou às mãos de todos nós, que estimamos o homem e admiramos o poeta e a sua obra.

Natural de Castelo Branco, António Salvado e a sua poesia são do Mundo.

E isso reflecte-se nesta obra, com poesia seleccionada de 191 autores, a esmagadora maioria dos quais do universo da lusofonia ou castelhano falantes.

O reconhecimento da qualidade e da projecção da obra poética de António Salvado é um facto que enobrece e prestigia Castelo Branco, a cidade onde nasceu e onde escolheu viver.

Também por isso nada mais justo que esta homenagem – à qual me associo em nome pessoal e em nome institucional –, num gesto de reconhecimento público a este ilustre albicastrense, poeta, ensaísta, tradutor, homem da Cultura e das Humanidades.

Ao longo da sua vida, António Salvado tem deixado a sua marca indelével em todos os que tiveram – e têm - o privilégio de com ele privar.

Como professor, como director do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, como pensador, como tertuliano de palavra sagaz e ironia acutilante, como bon vivant capaz de apreciar os mais simples e mais poéticos prazeres da vida: um livro, um petisco, meia de conversa na companhia de amigos.

Ao homem e ao poeta a minha homenagem, que institucionalmente também é a homenagem do Município de Castelo Branco.

*Luís Correia*

*Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco*

Uma antologia é, por definição, uma colecção, uma selecção de textos ou excertos de textos, em verso ou em prosa, que em princípio reunirá alguns dos mais importantes trabalhos de um autor ou de vários autores com determinado objectivo.

Ora, poucas coisas seriam mais apropriadas que o lançamento desta Antologia de Homenagem ao poeta António Salvado, ilustre albicastrense, autor de uma vasta obra literária, mas também com um percurso notável enquanto professor e enquanto director do Museu Francisco Tavares Proença Júnior.

Falar de António Salvado é falar de um Humanista, de um homem com uma formação clássica e erudita, um pensador lúcido, de ironia fina e acutilante.

É por isso com naturalidade e grande satisfação, pessoal e institucional, que me associo, através deste testemunho, à edição desta Antologia de Homenagem ao Poeta António Salvado.

São palavras sentidas estas que expresso, ao homem, que considero e estimo, mas também ao poeta, que merece reconhecimento nacional e internacional.

Na minha qualidade de autarca, que sempre privilegiou a promoção cultural, não posso deixar de destacar a figura de António Salvado, uma personalidade incontornável – também – no âmbito da cultura regional, pelo papel e alcance da sua acção na preservação da nossa memória colectiva, das nossas raízes, requisitos essenciais à reafirmação da nossa identidade.

*Comendador Joaquim Morão*



# PRÓLOGO

## ANTÓNIO SALVADO: IMAGENS DE UM *EXTENSO CONTINENTE*

*Por Ricardo Marques*





0. Olhar o passado de décadas de um poeta e homem da nossa cultura como é António Salvado (AS) é uma tarefa hercúlea<sup>1</sup>; Confunde-se com uma viagem por um *extenso continente* que apenas se tornou terra física com o primeiro passo de quem o criou: preparamos o percurso de noites e dias, tentando fundir-nos com a terra, isto é, com o texto, escrevendo com ele, e sabendo que mais do que tudo (até porque o tempo nunca nos permite uma viagem completa e longa) o que podemos levar dessa peregrinação é a imagem, ou a colecção de imagens, que perfazem o todo, ou que dele falam: assim, é isto que proponho: **imagens, marcos, âncoras**, com que rizomaticamente referir tudo o resto – numa obra que, dizemo-lo de novo, de outra forma, se confunde com a própria vida que a criou: sessenta títulos para sessenta anos de vida literária:

*A Flor e a Noite, Recôndito, Na Margem das Horas, Narciso, Difícil Passagem, Equador Sul, Anunciação, Cicatriz, Jardim do Paço, Face Atlântica, Tropos, Estranha Condição, Interior à luz, Amada Vida, Descodificações, Matéria de Inquietação, Soneto em Lembrança de João Roiz de Castelo Branco, Utere Felix, Nausícaa, O Prodigio, O Corpo do Coração, Malva, estórias na arte, Certificado de Presença, Castália, O Gosto de Escrever, Rosas de Pesto, O Extenso Continente, A Plana Luz do Dia, Quadras (Im)populares e Sábios Epigramas, Rochas, entre pedras, o verde, Palavras Perdidas*

---

1 Não iremos falar delas, mas são inúmeras as actividades que acompanharam AS ao longo da sua vida, reconhecidas pela medalha de mérito cultural do Ministério da Cultura. Para além da faceta de poeta, dedicou-se profissionalmente à chefia e direcção do Museu Tavares Proença Júnior, na cidade natal de Castelo Branco. O seu livro mais intimamente relacionado com o mundo da história de arte e museologia é precisamente o de 1995, *estórias na arte*, uma espécie de museu privado em diálogo poético. Na esteira disso, e já no mundo das letras, foi autor de inúmeros ensaios referentes à cultura do seu distrito, tendo igualmente sido editor de várias antologias, da qual gostaria de salientar a *Antologia de Poesia Feminina*, que ainda hoje é importante pelo carácter pioneiro da mesma. A sua faceta menos conhecida porém, deve ser a de tradutor, tendo, inter alia, traduzido o *Cântico dos Cânticos de Salomão*, para a extinta Delfos, em 1962.

*seguidas de Oito Encómios, Se na Alma Houver, Quase Pautas, Os Dias, Largas Vias, Flor Álea, A Dor, Águas do Sono, Pausas do Aedo, Coisas Marinhas e Terrestres, Ravinas, A Quinta Raça, Recapitulação, Modulações, Os Distantes Acenos, Afloramentos, Ao Fundo da Página, Essa Estória, Outono, Odes, Conjunto de Sonetos seguidos de Novo Livro de Odes e de Redondilhas e Heróicos Quebrados, O Sol de Psara, Repor a Luz, Auras do Egeu e de outros mares, O dia a Noite o dia, Na Sua Mão direita Direita e Sonetos do Interregno.*

Façamos uma rápida análise a estas palavras: repare-se desde logo como o campo lexical está tendencialmente ligado ao “gosto de escrever”: página, aedo, as estórias que a poesia conta nos seus géneros (odes, quadras, sonetos, redondilhas<sup>2</sup>), bem como as relações com o fenómeno poético: “modelações”, “afloramentos”, “descodificações”, ou essa “estranha contradição” que é a do próprio poeta. Aqui voltaremos.

A palavra porém, que mais se repete, e que ilumina como imagem toda a sua obra, é mesmo **LUZ**, porque parece também ser assim que AS parece ver o acto poético, *entre dia e noite* (título do primeiro livro e de um dos últimos), ou o poeta como esse *prometeu* (título de um dos primeiros poemas da sua obra) sempre lançando a sua voz própria contra o mundo, numa batalha de luz e trevas. Cristalizemos aqui com a primeira e mais importante imagem para ler a obra de AS.

---

2 Não iremos igualmente falar da obra de AS numa perspectiva intertextual directa com outros autores, mas seria útil deixar como achegas, para um futuro estudo, a influência que têm os poetas renascentistas, nomeadamente Camões.

1. Vejamos agora uma imagem do meio da vida, mas de sempre, num poema dedicado a Raul d' Andrade, e presente em *Matéria de Inquietação*<sup>3</sup>, o livro que publicou em 1988:

O poeta vive aí  
como estendido o *herói*  
jaz no campo de batalha

Em fala: húmus e asas  
Em ter: e nada foi tido  
caminho fronteira além

Mora: no secreto arfar  
do coração feito sílaba  
desprendido interrogado.

Círculo dentro do círculo  
esgar de boca cerrada  
o ponto final da dádiva

Só: de tudo despojado  
aí dentro do poema.

O poeta *vive aí dentro do poema*, e a sua condição individual suprema é a de criar uma voz própria contra o mundo, por isso vive *só: de tudo despojado*, e fala da própria contradição que é o espaço e tempo onde vive: entre *húmus e asas*, com uma devoção ao seu dom (*o secreto arfar/ do coração*) que nunca pode estar concluído (*é caminho fronteira além*) porque é da natureza da sua *sílaba desprendida interrogada* estar sempre nesse mesmo caminho (como diria Karl Jaspers)<sup>4</sup>.

---

3 In *Matéria de Inquietação*, 1988, p. 47 (Ed. Associados, Castelo Branco).

4 Karl Jaspers, *Iniciação Filosófica*, Guimarães Editores, Lisboa, 1998.

Encontramos um excelente complemento desta ideia num poema mais antigo, nomeadamente no livro *Cicatriz*, ainda dos anos 60. O poema em questão dá nome ao livro:

De tudo o que se vê  
de tudo o que se diz

de tudo o que se faz  
ou não se faz\_\_

a cicatriz:

sinal  
de permanência.

Repare-se, em primeiro lugar, na concisão da expressão poética. Creio ser este não só um óptimo exemplo desse aspecto da poesia de AS (ainda que durante estas seis longas décadas tenha tido momentos mais narrativos e descritivos) - *cicatriz* é, antes de mais, uma marca temporal numa coisa, metáfora que AS aproveita para dizer o que é o acto poético e aquilo que faz quem o desenvolve. E o que faz o poeta? Repare-se então agora nos verbos: “vê”, “diz”, “faz”, são três verbos de acção inerentes à actividade em poesia (ainda que o que se faça possa ser não fazer nada, ou ficar atento ao silêncio que informa as coisas existentes, de acordo com princípios da filosofia zen oriental, e de que os haikus são paradigma literário). O que o poeta, para AS, parece defender, com a escrita do poema, é ver, dizer, fazer (também aproveito para lembrar a génese da palavra poesia: *poiesis*, ou fazer, fabricar) como *sinal de permanência*, essa outra palavra que poderia definir, na acepção salvadiana, o que é um poema. Fiquemos com mais esta pista.

2. Já dissemos que a concisão é uma pista de leitura desta poesia, mas notamos que desde há umas décadas, essa tendência de depuração se vem acentuando, tendo-se bifurcado na primeira década deste século. Em primeiro lugar, a palavra vai-se tornando um veículo da palavra de Deus, na Sua mensagem redentora e profetizadora, e por isso sucinta, sobretudo na aproximação que AS sente à inexorabilidade da morte. É disto apanágio e último livro publicado ao tempo deste artigo - *Na Sua Mão Direita*, título retirado a um verso de Antero de Quental. O seu canto/lamento perante tal inevitabilidade, não obstante, é sempre de esperança:

Desfaz, Senhor, esta vivaz angústia  
que me comprime o coração dorido -

e nada mais Te rogo, no crepúsculo  
que vai aproximando a noite à minha vida.

Noutro sentido, segue a concisão, a aproximação a uma estética helénica, verificada em dois livros da parte ulterior da sua obra poética: *O Sol de Psara e Auras de Egeu e de outros mares*, ambos publicados em 2011. Será esta confluência de dois mundos tão distintos numa mesma obra uma ideia contraditória? Apenas quando não pensarmos a poesia precisamente como esse oxímoro ou síntese maniqueísta entre coisas antagónicas e que está sempre por definir (cf. Jean Luc Nancy<sup>5</sup>) – dito por outras palavras, o poeta, AS, é o detentor da sua luz ou centelha divina, e assim escolhe que terrenos iluminar na sua senda pessoal, em que espaços depor os seus pés:

---

5 Jean-Luc Nancy, *A Resistência da Poesia*, Lisboa, Ed. Vendaval, 2005.

## PROMETEU

Curvado, que assim mesmo é alta ainda  
A torre do meu sonho, eu só percorro  
O pobre calendário dos meus dias  
Afogado nessa angélica visão  
De sol!

E permaneço, pois...  
Confundo a minha vida anuviada,  
Descubro o infando espaço onde navego,  
E encontro o nó da corda que me prende  
À ilusão, este impossível nó!

De longe gritos surgem...  
E as longas mãos profusas do abismo  
Prendem seguras o erguer da frente!

Continuemos então a falar do Tempo, do “pobre calendário dos dias” que é o deste poeta-prometeu. Se houvesse uma estação para rimar com a poesia de AS, essa seria, seguramente, o Outono. Este é tema de muitos poemas, quer de uma forma denotativa, referindo-se aos rituais sazonais da sua terra<sup>6</sup>, quer de um ponto de vista metafórico, com a referência à passagem do tempo.

Não existirá melhor exemplo na sua extensa obra para mostrar isto do que, precisamente, Outono, um livro de haikus de AS, traduzidos em japonês e espanhol, e ilustrado por Kousei Takenaka (Trilce/ Verbum, 2009). Aqui encontramos a mais recente linha de concisão do poeta albicastrense:

---

<sup>6</sup> Veja-se este curto passo do poema “Vindima”, incluído no livro *O Extenso Continente*, de 1988: “[...] Por vezes, também as estações não habitam um tempo delimitado. Como uma exaltação do poema” (p. 68).

Outono. Como restam  
ainda nesta árvore  
as verdes ilusões?  
(p. 17)

São páginas y páginas  
que tu foste escrevendo.  
Porém pouco disseste.  
(p. 57)

Chegado ao dealbar de uma longa vida feita de livros, parece ser esta a lição poética que AS quer transmitir e deixar como legado: por mais que se escreva (ou tente escrever) a ilusão da vida, pouco se diz no fim. É necessário assim, e antes de mais, tomar cada um dos dias por inteiro e viver com esperança:

Entrego-te o segredo:  
nunca o teu coração  
treme perante a dor.  
(p. 25)

**3.** Como dizíamos atrás, o poeta começa por ser *Prometeu* nesta extensa obra<sup>7</sup>. É a primeira linha de leitura. Do mito de Narciso ao de Nausícaa, porém, se desenha outra linha para ler a obra de AS.

Em primeiro lugar, talvez possamos ler a presença inicial de Narciso como a voz do poeta encontrada. Dito por outras palavras, Narciso é o poeta refletido sobre si próprio no lago da poesia - encantado com a sua voz, não deixa outra voz, a da ninfa Eco, enamorar-se dele, apaixonar-se, provocando a morte desta e o eterno eco da recusa, da morte estéril. E, tal como Prometeu, “[...] desafia o Tempo a rir, a rir/ por saber – umbroso saber – que existe!” [...]<sup>8</sup>

---

7 Cremos que a primeira incursão será como segundo poema do seu segundo livro, de 1959, *Recôndito* (p. 7).

8 In *Narciso*, 1961 [apud AA.VV., *Los dominios de la mirada – Antología de Homenaje al poeta portugués António Salvado, Salamanca*, CEAS, 2000, p. 40].

Nausícaa, em segundo lugar, é uma linha de leitura forte e paralela nesta obra poética. Nausícaa é a princesa de Feácia que se enamora de Ulisses, esse navegante poeta e errante como o seu inventor Homero, apenas que o encontra náufrago na ilha de seu pai Alcínoo, já ele estando liberto de Circe, e despojado da sua armada e dos seus homens. Este encontro será a acção determinante para Ulisses voltar a casa, uma vez que ela o leva à presença de Alcínoo, e este o ajuda a regressar a casa. A princesa simboliza assim o lugar da memória, a saudade:

Depois de te encontrar  
soube que as lágrimas  
tinham os mesmos sons  
do meu silêncio.<sup>9</sup>

É no fim de *O Sol de Psara* que temos aquilo que é o retomar da “estória de Nausícaa”<sup>10</sup>, projecto que já tinha sido alvo de um livro autónomo, *Nausícaa*, de 1991, narrativo *malgré* descontínuo, polifónico e lírico no tom de contar a história do mito<sup>11</sup>. Vejamos agora o momento do encontro, que a meio parece cotejar o destino de Ulisses na sua expedição com o do próprio poeta, sempre peregrino de poema em poema, entre a memória, o olvido e novas mágoas:

---

9 *Nausícaa*, 1991, p. 48.

10 Op. Cit., pp. 35-36.

11 Como aflorámos, cremos que esta linha é deveras rica para ler toda a obra de AS porque o primeiro momento em que dialoga com este mito é logo num dos primeiros livros, *Tropos* (curiosamente dedicado a Natércia Freire), numa longa meditação em que junta a sua voz, através de um canto redentor de Ulisses, à de Nausícaa - “[...] porque o destino foi feito pelo ruído diáfano dos teus passos, caminharemos juntos, Nausícaa, para a morte” [sic]. (Op. Cit, 1969, p. 47).

## A Graça das donzelas [...]

(...)

tão súbito sozinha quebrantada  
pelo bulício pelos gritos lídimos  
das companheiras servas a jogarem,  
em frente àquele corpo [...]:

“Rebento de palmeira, que segredo  
envolve o ar o mar, a comoção  
do teu silêncio sobre mim lançado?  
E deixa de fixar-me: as minhas mãos  
querem saber se és deusa, se mulher...

Venho do infortúnio a navegar  
por incertezas trevas e procelas,  
**tudo perdi: amigos e a memória...**

Será que novas mágoas venho achar ?”<sup>12</sup>

(...)

Memória, morte, saudade. Em tudo a passagem do Tempo conjura no destino do poeta navegante, como reflectido nestas interrogações de Nausícaa perante o corpo inanimado de Ulisses na praia que acaba de encontrar:

(...)

São bategas na face? o sol traçando  
sulcos negros no rosto?  
Em fuga que passado? Incerto que futuro?  
Um zumbido feroz ao meu ouvido  
apagará as dúvidas  
rasgando as incertezas?<sup>13</sup>

(...)

---

12 Op. Cit. Negritos nossos.

13 *Nausícaa*, 1991, p. 5.

4. Recordamos agora esta imagem final, resgatada ao filme *O Sangue do Poeta*, de Jean Cocteau, de 1930 - e que com prazer aproveitamos para homenagear AS mais à frente neste volume, em diálogo poético. Neste filme, o protagonista desenha uma boca que depois ganha vida quando a deposita numa estátua. Esta diz-lhe que deve atravessar o espelho, coisa que o poeta faz, para do outro lado encontrar um mundo surreal, distópico. Cocteau parece assim traçar simbolicamente a aprendizagem da voz do poeta – o mesmo poeta que, passando o espelho da poesia como Narciso, e não morrendo apesar de se tentar suicidar, volta no fim para destruir a estátua, quando já viu o suficiente do mundo sobre o qual pretende falar. Efectivamente, o que vemos com o exemplo de Salvado é que a aprendizagem do poeta acontece naquilo que faz e a que se devota (de acordo com a máxima latina de *Opus Artificem Probat*) *na margem das horas, recôndito*, escrevendo *no fundo da página essa difícil passagem* que é o texto poético. E assim se liberta da lei do tempo, perenemente, como o poeta de Cocteau.

Digamo-lo então numa só frase: Entre contar a *estória* e ser conciso, olhar a *face atlântica*, helénica e oriental, e a atenção local às coisas e costumes da sua terra, às suas *rochas*, às suas gentes - disto fez AS a sua obra, e da sua obra fez AS a sua vida: tudo o mais deve ser lido por este diapasão do silêncio, esta eterna volta do poeta sobre as coisas<sup>14</sup>:

---

14 In *Os Dias*, 2000.

## VOLTA

Respostas ao que vi    amei    chorei  
moldam meus versos    letras peregrinas  
ou que sonhei —

                  de tudo fiz colheita  
a ser no coração    o prol    o timbre,

a tudo recolhi nas mil maneiras  
que a vida palmilhou dentro de mim,  
a vida apaixonando o fundo leito  
p'lo rio a passar nele sem destino.

Tudo servi: quantos percursos idos  
e quanta solidão e con-vivência  
em paragens forçadas imprevistas:

conjuntos e migalhas de fonemas  
aguardam sempre    o gesto do aceno  
que os faça perdurar ao serem escritos.







## A CASCATA DAS PALAVRAS

Homenagear um Poeta é recolher a lira poderosa e doce das sementes por ele já lançadas no sopro transparente e leve da sua aragem, impregnada pela sua marca e fulgor. A sua paleta policromada projecta-se num vasto continente do qual começamos apenas a dar conta, aferindo a sua génese, a sua extensão, o seu fôlego, lavrado na pauta inquieta do seu recolhimento.

A obra de António Salvado cresce como uma árvore, onde são visíveis as suas raízes e os pássaros que pousam nos seus mais altos ramos. As flores e os frutos criam reflexos que nela se reinventam, no Outono, na Primavera, ao pôr-do-sol, percorrendo as tonalidades onde brilha a sombra mais recôndita até ao auge negro da palavra, cascata branca que se incendeia em toda a extensão do espectro da luz.

Nesta obra com a qual o homenageamos, assomam vozes múltiplas, em variados registos de afinidade e proximidade. O tempo e o vento ditam a génese desta palavra poética que projecta a sua vitalidade a partir da seiva do seu criador. Um poema nunca termina, nem uma homenagem, tal como a obra que lhe deu origem. A esta voz respondem ecos, oferendas, geminado cristal, plasmado em afectos e sementes que continuarão a crescer, disseminadas pelos esporos do vento.

Assinalámos apenas alguns registos entre muitas outras vozes possíveis. Dada a pluralidade de idiomas e de variantes linguísticas, optámos por fixar apenas a versão original. Alguma dificuldade cremos que será facilmente ultrapassada, uma vez que todos os participantes falam e entendem a língua universal da poesia.

Salientamos o entusiasmo, o carinho e a admiração pelo Poeta e a sua obra por parte de todos os que colaboraram. Pela generosidade expressa, a todos deixamos a nossa nota do mais profundo reconhecimento.

*Maria do Sameiro Barroso*

**UM EXTENSO CONTINENTE**





## TRISTEZA

Solo, entre el oleaje  
de dos furiosos mares  
me sumerjo y hundo.

Llamo, grito...  
sólo me responden las tinieblas  
y las voces feroces de unas ciegas olas.

El viento se me acerca,  
me tiende una mano templada,  
me acaricia con ternura y se retira.

Abrazo mi sombra,  
eternamente, solo.

## PARA ANTÓNIO SALVADO

A voz – mensageira      virtual  
em sua interioridade: lugar      de enigmas.  
E suas margens para o desconhecido  
o exterior de      si:  
istmo      que a conduz  
ao mundo intermédio da audição  
onde      ela se      revela      ou clarifica  
como      o sol rompendo a região da sombra  
até a aurora.  
Por vezes é apenas um murmúrio de água  
e pelo      silêncio se reverte à contemplação.

## ADIÓS

Adiós Lisboa  
el sol resbala por los tejados fértiles.  
Quedan atrás los adoquines blancos  
queda atrás el tranvía de los besos.  
He vertebrado tus calles  
con un poco de tristeza  
he recogido tus láminas  
como un encaje para el recuerdo.

Adiós Lisboa  
tus manos guardan la tibieza  
dibujaste mi sombra con todos los nombres  
y no pude regresar las horas a mi antojo  
las puertas anunciaban caracoles  
y las calles ebrias parían lamentos de luz.

Adiós Lisboa  
alguien me recoge del vuelo  
entre sus brazos  
y en el vértice preciso de tus gaviotas  
sueño la canción sin escribir  
la de extensión azul.

Adiós Lisboa  
alguien te nombra en soledad  
con el sol entre los dedos  
y parpadea entre sus labios  
tu nombre  
y besa otros labios  
y te besa.

**CONVERSA, EM FORMA DE POEMA,  
COM ANTÓNIO SALVADO**

Vai assim, em jeito  
de conversa, António, o que devia,  
dizer-te num poema. O que devia  
dizer-te com palavras limpas  
do sarro da tristeza  
destes dias. Peço  
emprestado ao José Terra  
o título de um antigo  
livro seu e digo  
que a tua poesia sempre foi  
para mim um *canto*  
*submerso*, como é  
o canto dos rios  
subterrâneos. A tua  
palavra flui, quero dizer,  
como sentença proferida entre  
a revelação e o enigma. É essa  
a sua constância e a sua glória.

## FRAGMENTO

*Para António Salvado*

VI

No extraterreno, ni subterráneo,  
sino sobre la tierra, comprendo con los ojos  
como balcones hundidos en el firmamento  
que hay una estrella fugaz en todo sueño  
y horribles huellas en las estaciones  
que cruzan por el rostro de los desaparecidos.  
Lebran los pueblos fantasmas, ei estremecimiento  
y el terror, el llanto oscuro  
y el deseo, como un camino que no llegó,  
cuando la aurora con los dedos ensangrentados  
acaricia la tumbas y todo termina  
como los muertos en los caminos.

## ANTÓNIO SALVADO

I

Desenhar a face de Deus  
no leve traçado das sílabas,  
na fímbria do efêmero.  
Traçar linha a linha  
o ímpeto do incêndio,  
derramá-lo em rosas,  
em chagas abertas  
na trêmula face do poema.  
Afagar o silêncio,  
esculpi-lo em febre,  
para que em tua alma  
floresça apenas o que somos,  
em exata sinfonia.

II

Uma gota de silêncio  
desenhou o infinito.  
Por isso as constelações ardem.  
Para que o poema seja  
a verdadeira face da infância.

III

Um pássaro rasga  
o silêncio,  
pousa sobre as sílabas,  
canta do íntimo  
coração da poesia.

Todo o universo está intacto  
na precisa arquitetura da página.

IV

Florescer no incêndio  
a pele da água.  
Arder no instante  
a fúria das procelas.  
Explodir na página  
o fogo de mil  
cavalos no cio.  
Decantar na palavra  
o frêmito selvagem  
da hora aberta.  
O poema nasce  
do coração  
dos relâmpagos.

V

Quando germina tua palavra  
todo homem renasce,  
límpido, primeiro,  
no brando coração  
da página.  
Os milagres acontecem  
quando queimam o teu silêncio.

## VI

Uma árvore que nasce  
não da semente,  
mas do fogo.

Uma rosa que floresce  
não do pólen,  
mas do sangue.

Um pássaro que canta  
não do íntimo das asas,  
mas da nudez das constelações.

Uma poesia que palpita  
não das grades da página,  
mas no coração aberto  
de todo sentimento humano.

## VII

Há um milagre,  
maduro, pleno,  
em cada sílaba  
de tua vida.

Por isso se fez o teu poema.  
Para que a infância seja  
o verdadeiro nome da eternidade.

*Alfredo Pérez Alencart (Espanha)*

## **PASO A LOS POETAS Y AL LENGUAJE DEL ALMA**

*Homenaje a António Salvado,  
mi hermano lusitano*

Nos resucita el lenguaje del alma, el hondo acento  
de tablas resonantes trasladando sílabas electrizadas  
desde la boca bendita del trueno. Nos regresa  
la nunca apagada promesa que purifica el equívoco de los hombres.  
Nos precipita a la existencia el deseo azul palpitando  
en sangres que germinan asombros.  
Nos amanece el fognazo acantonado en el predio  
donde descansan las revelaciones. Nos enraíza  
lo insondable que gobierna con maestría  
el mediodía de la creación, plegando su corazón  
saltarán para colocarnos años encima.

Así vamos acumulando augurios,  
como si sucediesen muertes cultivables o vidas  
enseñando cómo horadar secretos, cómo cambiarnos  
de traje para el viaje donde nos lavarán las cicatrices  
de todos los inviernos.

¿Estamos en diálogo con las venas del enigma,  
con su lengua adiestrada de cada destino?  
No queremos decirlo de pronto. No entramos  
en ello como si fuera una contienda ganada.

Hemos escuchado al transparente espíritu  
que dona palabras necesarias. Sabemos de los hilos  
que sujetan nuestros cuerpos, de las ideas  
levantadas para que el milagro sea cotidiano y pase  
por nuestra garganta, ya convertido en llamada  
de invocaciones.

Despertamos porque las escamas de la noche  
humean legendarios temores. Es difícil no arder  
en medio de lo oscuro, protegidos por los párpados  
del silencio habituados al paso de los cielos  
más taciturnos, atados a la esponja del recomienzo.

Quizás sea ocasión para saludar a los arcángeles.  
Quizás vayamos al otro hemisferio con la varita mágica  
de la alegría. Quizás los pájaros cantores  
llenen el aire de silbidos premonitorios. Quizás  
sólo vendimiemos hipnotizadas  
horas de guardia.

Alguna vez los desastres muestran su faz más oscura  
y dejan que escuchemos la trompeta que exaspera  
hasta la zozobra. Alguna vez no vemos el faro  
que advierte de escalofriantes acantilados. Alguna vez  
los zarpazos nos hacen añicos en medio de la pena.

Marchamos por el desierto de las calamidades,  
aprisa pestañeamos ante mortajas o amuletos de tupidos odios.  
¡Ay con esta plantación de catedrales extenuadas!  
¡Ay con estos medicamentos acribillando cuerpos!  
Seguimos adelante porque sentimos las heridas  
que nos hacen culpables a todos, que nos instalan  
en la plaza pública donde se practica el oprobio.

Mas he aquí que agarramos el cable de alta tensión  
que contiene lo venidero y lo presente, el fragor del pasado  
y la honda luz que logra aclimatarse  
en la ciencia del corazón coronado de mensajes.

Somos miembros de un linaje dispuesto a todo sacrificio.  
Y así nos hundamos en el foso, vamos descarnando  
atropellos, mostrando por nuestra cuenta  
lo que al hombre lleva a la ruina.

No es el oro el que nos traba la mandíbula  
sino la ofrenda enamorada, capturados pero libres  
en medio de realidad tan poderosa  
que los amanuenses no logran describir.  
¡Váyase al infierno quien se cree rico con diamantes!  
El amor nos hace danzar  
como en las mejores fiestas, al tañido de un eco  
amarrado a lo desconocido.

Divino es el amor que nos instala el alma  
ricamente vestida para la pura entrega.  
Por las puertas del día paseamos nuestro amor,  
orgullosos como el trovador que cautivó a su doncella.

Alguien dirá: ¡Éstos son unos complicados  
que se preguntan dónde comenzó el misterio!

Nosotros decimos: ¡Si no estás comprometido  
con el futuro, sigue en tu presente soez!

Ayer nos dedicábamos a cosas agradables  
pero un bisturí operó nuestros sueños, dejando heridas  
que sólo podrán curarse  
cuando los pulmones amanezcan cantando  
la sencillez de renovados juramentos.

No necesitamos E-mail para comunicar que están volando  
pájaros heridos o que la primavera llegó  
con sus fragancias silvestres.

Hoy cargamos las piedras del ángulo  
que antes arrastraban los herejes.

Séanos permitido forcejear con la descripción de los comienzos,  
con la duda al interior del grito virginal o con la atmósfera  
que nos recarga el alma  
porque somos víctimas de saltimbanquis  
que nos colocaron las primeras cadenas de fuego.

Vengan unos minutos de descanso para este lenguaje  
desgarrado con el que rompemos  
el fango que atora el caudal de nuestras vidas.

## TRIBUTO A ANTÓNIO SALVADO

*“num barco sem dia a dia”*

às mulheres do primeiro mundo  
de cujos braços teremos obtido o  
genuíno mel por que vivemos, um  
verso instruiu: naveguem-me corpo  
acima e morram-me aos pés. do que  
então choveu, mais entre dois corpos  
do que cai do céu, nasceu o poeta. eis  
como se faz um homem: pega-se numa  
estrela e mede-se a geometria do tempo,  
contam-se, separadamente, as horas que  
vão da fecundação à morte, subtraindo um  
único brilho. e a criança cresce e sobe como  
uma onda que cresce e sobe até ficar desfeita

## ANTÓNIO SALVADO, POETA

A poesia é rio.

Percebes tu que o rio ressurge?  
Este Tejo que, ao som de um violão,  
entrelaça amanheceres?

Tangendo a música.

Rio caminhando labirintos de sendas tantas.

No entre sonho, os tons de um fado.

Daquele violão d'água,  
os desenfreadas arroubos

*aturdem o rosto do amor.*

Violando as margens,

dedos d'água  
cinzelam madrigais

que vêm pairando enlevos,  
luziluzindo a surdeza dos ramos

*de sonhos enflorados.*

Ah, rio Tejo, das cordas dedilhadas,

a ti, este cântico, renascido.

Cântico velejando o aroma

*de um amor reencontrado.*

Quisera desvendar o leme

deste lugar que zune,  
que enche de invisíveis os ecos da planície,  
irisando a *crueza das ausências.*

Ah, quanto quisera o leme

ouvindo os passos da noite de Lisboa,  
adentrar o êxtase do mundo!

## **ANTONIO, POETA**

.  
observa a cor do dia  
esse corte de asas feridas  
o pássaro  
a ave  
esse estar-se entre as pedras  
esse cantar-se por dentro a poesia  
esse deixar-se calar  
porque a tarde se acaba

observa, antonio,  
a alma das pedras  
o musgo da folha  
e a raiz que corta a terra  
a poesia que faz nascer  
o que tudo se encerra.

antonio, observa  
o que resta do campo e das ovelhas  
dessa tez tecida em toda sina  
a porta das igrejas fechadas  
nessa prece que termina  
uma palavra que se apaga  
ao tempo que se destina.

·  
observa, poeta,  
tal silêncio faça aguda  
no acento grave do silêncio  
ausência do aceno  
o que se perde  
entre os oceanos de náufragos

·  
observa, antonio,  
o que nasce e renasce  
e ainda a noite não terminou  
nessa lua no teto do quarto  
onde anjos se calam  
palavra que não se diz

·  
observa, poeta,  
teu poema que se desvenda  
e se desfaz da palavra  
e se desfaz do minuto  
e se desfaz da face  
e se desfaz do tempo  
da cicatriz e seu disfarce

·  
observa, antonio,  
que ainda é tarde  
a entardecer pressentimentos  
a anoitecer o gesto nulo  
no canto quieto dos lamentos

·  
observa, poeta,  
a sílaba da poesia  
no verso que se acaba  
o poema que se escreve  
a pensar-se numa sala  
essa palavra que se cresce  
e em silêncio se cala.

## **SURDO CONCERTO**

Ouve, que, solidários, gemem, em surdo concerto, os elementos: as folhas das faias, o vozerio dos ventos, o cambiante cromatismo do mar.

Ouve, que é de ti que falam.

Nega, pois, teus ouvidos ao canto das sereias e ouve apenas a voz dos elementos.

Quando atravessares o negro rio, conduzido pelo solícito barqueiro, ainda eles continuarão a falar de ti, mesmo que num gelado sopro, num sibilo, num silencioso marulho.

**[DE SÚBITO, SABEMOS QUE NÃO  
PERDEMOS O CORAÇÃO.]**

De súbito, sabemos que não perdemos o coração.  
O coração eleva-se ao ermo, cinge-se à memória,  
passa a sufragar tudo o que resta – e aparece.  
Aparece a brilhar num espaço negro.

De súbito, tudo volta para trás. Tudo é cativo.  
E volto a passar as mãos pelo teu cabelo,  
essas ínfimas aves que chegaram a uma praia  
que ninguém sabe que existe, o coração.

De súbito, a morte faz sentido. Não se sabe  
que quantidade de dor estiolou na árvore, como ficaram  
roxas as mãos, e o mar, a sua superfície azul, foi  
os teus olhos, os meus olhos nos teus num movimento atroz.

De súbito, o coração aparece – é um barco  
à deriva no teu peito, e tudo o que te pertence me pertence,  
e é por ti que chega, e é a ti que reconhece quando a treva vem  
e nada mais vem ao coração.

*Américo Rodrigues (Portugal)*

O que a velocidade  
traz  
ao gesto de correr  
contra a paisagem:  
os homens  
perdendo a nitidez  
da sua espantosa crueldade  
perdendo o rasto  
de olhar para o passado  
perdendo a vontade  
de serem corpo  
presente  
no desenho do mundo.

## POEGRAFIA AO ANTÓNIO SALVADO

**A Flor** é o escuro que cobre a **Noite** assolada pelas **Águas do Sono**, **Recôndito** nas rochas do tempo o poeta emigra na **Difícil Passagem** pelo **Jardim do Paço**, onde no Interior do mesmo **A Plana Luz do Dia** acende o **Outono** com a **Matéria da Inquietação**. **Entre Pedras o verde** anuncia o silêncio agudo das lágrimas-folhas cicatrizadas no extremo **Sul do Equador**. Aqui o calor queima, arrasta a **Face Atlântica** de **João Ruiz**-construtor de um **Castelo** pintado de Branco (cor de neve) em pleno Verão dissipado nesta Freguesia **A Dor**.

E **Se na Alma Houver** bicicletas frondosas a pedalarmos na aurora da(s) **Des Codificações** do destino vazio, **Largas Vias** conduzirão-nos a interminável **Lembrança** (esta **Estranha Condição**) *de plantar vento e colher tempestade*.

Caso não, domesticaremos os cavalos de chuva para com eles molharmos **O Corpo do Coração** esquecido **Na Margem das Horas** amargas deste **Extenso Continente** o soluço.

Na foz do Rio sem fim os alpinistas escalam **Os Distantes Acenos** da palavra montanhosa de sonhos e o **No Fundo da Página** assiste-se o baptismo de uma viagem eterna:

*\*Onde plantei as rosas  
nascem ciprestes:  
sob un ligeiro manto de alegria  
a minha face esconde  
a cicatriz da tristeza.*

\* *PLANTACÃO* - António Salvado

*Ana Maria Puga (Portugal)*

Não se reacende  
Por obra de um vende a vale  
O perfume da roseira  
Que se desfez em farrapos  
Nas palavras sem sentido  
Semeando a condição  
Tudo se abarca na ideia  
Da primavera que ordena  
Rebentos de verdejar  
A Palavra por inteiro  
No grito dos seus aromas  
Sem império sazonal  
Terminada a gestação  
Por entre os lençóis da terra  
Manchados de sangue e cheiro

## **PALABRAS PARA ANTONIO SALVADO**

No buscar ni una palabra.  
Ni una sola.  
Buscar con frenesí el delirio de la sal.  
Salir al encuentro del sendero  
Y derrotar la confusión  
saboreando  
la incierta luz que brota  
del cromatismo de los vidrios,  
de los bulbos ocultos  
en el pozo de las sombras.  
Salir al encuentro  
del ocaso y la verdad,  
de la palabra y la vida,  
del alma y del sendero,  
del espíritu alineado a las estrellas  
y hallar  
algo parecido  
a una luciérnaga.

No poro seco do chão  
a minha mão é o vedor  
contorcido  
que encerra o veio cristalino -  
Ergo-me de rochas embrionárias,  
nasço e morro nos rebentos dos dedos.

Sou um túnel onde corre o lençol.  
Encho cântaros. Se as mãos se levantam  
à limpidez - sou ave acima.  
A paisagem implode da crosta  
cicatrices abertas.  
Há esse orvalho lustral,  
essa água que me aflora a boca -  
abro as nascentes, espalho-as  
pelas dores fracturais.

Sigo a directriz do magma vivo,  
a luz bafejando o verso brotante -  
O minério dentro é opalino, contido  
na ramagem cristal.  
Abro o poema. A água canta.

*(A António Salvado)*

## **INMERSIÓN**

Una palabra pesa  
más que el agua.

La palabra bucea  
en la profundidad  
del agua estanca.

Las palabras nadan  
contra corriente.

Una palabra flota  
más que el corcho.

La palabra es vaso  
de agua fresca  
que ofrece el mar  
al primer sorbo.

## **AMOR / ÁGUA**

Alfabeto íntimo: escrevo amor e construo,  
pedra a pedra, as arcadas desta aurora,  
cada letra uma flor ou uma estrela  
que acendo no coração da vida, na alvura  
das manhãs despertas, alma azul, arado,  
acácia desfolhando o tempo e libertando  
as árvores cativas, as âncoras afundadas,  
água, gota a gota desenhando  
o colar de Vénus, fonte da vida  
onde nascem rios velozes e ribeiras mansas  
que vão morrer no oceano, esse lugar  
onde convergem todos os caminhos.

Calar a sede, supremo desejo do amor  
e da água que fecunda a terra  
e povoa o céu de nuvens errantes  
com suas crinas de maresia e luar  
e se derrama sobre a incredulidade dos seres,  
animais, plantas, o próprio Homem  
onde habitam amor e água em partes iguais.

Sei que sou uma nascente oculta  
alquimia de lágrimas amargas  
sombra viva das esquinas  
poema em argamassa,  
vagueio ao sabor da sede  
até que o verso flui e desagua  
na palavra amor, água limpa de mim,  
deste abecedário sentimental.

## ISABEL DE ARAGÃO

*Homenagem a António Salvado*

A neta de Manfredo, a filha de Constança  
que trouxe da Sicília ao Mondego  
o vermelho do império e o branco da heresia  
A pedra pura de Aragão, a neve fria dos picos  
a dama Cortesia  
que Donis cantou em versos doídos e abrasados

Ardeu mais fundo a neve, desfaleceu a rainha das rosas  
e pingou em chão sagrado, ó Santa Clara  
a primeira gota do sangue de Inês  
O dragão gibelino, a sobrinha da serpente alada  
a Ísis que peregrinou ao fim da Terra  
para sacrificar no sal do Tejo o Ser  
Nas fragas de Alenquer, no desterro do nada  
ardeu mais fundo a neve sem derreter

## LLAMAS EN LA MORADA

*Para António Salvado,  
en su morada del Oeste*

Morada, centro de mi ser  
en llamas:  
me has llamado y he acudido.  
Aquí estoy devolviéndote  
cuanto me diste.

Te devuelvo lo más sagrado:  
mi infancia, las escasas  
palabras del poema,  
ese misterio transformado en música.  
Te devuelvo  
el pico amarillo del mirlo,  
la piedra negra con su musgo verde,  
las viñas adormecidas  
por la helada,  
el milagro de la mujer,  
el vuelo en la noche de la lechuza blanca,  
el ruiseñor ausente.

Me has llamado  
y he acudido con este cuaderno,  
con este poco  
de música,  
con estas brasas de las palabras últimas.  
Don que me diste,  
ofrenda que te entrego,  
aunque mía no sea.

Me das este desvelo, este silencio  
que sana  
y que tan sólo es tuyo,  
y que tan sólo es mío  
en lo secreto  
de esta soledad de poniente  
poblada de abismos  
maravillosos.

## **A ESPERANÇA VALE TUDO**

Cada poema,  
Um mistério revelado,  
Cada verso,  
Um enigma oferecido,  
Cada palavra,  
Um momento de encontro,  
No verbo que é tudo.

O mar distante,  
Bate nas praias da memória,  
Apenas o céu e a terra sempre presentes,  
Haja ou não sóis, luas ou estrelas,  
A noite e a madrugada, os desencontros,  
Amores, até paixões,  
E esta ânsia de criação  
A partir do nada da palavra  
No talento dos poetas.

Ligo os versos.  
Dão sentido ao pensamento.  
Venço o caos em cada reencontro.  
Percebo as gentes e refaço o mundo,  
Entre o passado e o futuro,  
A frustração e o sucesso,  
A morte e a vida.  
A esperança vale tudo,  
Na pura ilusão do presente.

## **PENA(S) SUSPENSA(S)**

Escondo minhas penas  
Escondo minhas cobiças  
Antes da visita ao ninho  
No labirinto do caminho  
Coberto de pó e pedras  
De lama pejado de invejas

Interrogo o corvo douto  
De meu indeciso destino  
Procuro um dicionário  
P'ra falar com insólito  
E caprichoso destinatário  
Mima meu esgar atónito

Sigo impressionado  
*“que sejam tu, só tu”*  
Assim sejam minhas penas  
Assim me desejas tu  
’squecer o duro passado  
E chamejar novas penas

*António Graça de Abreu (Portugal)*

**PARA O ANTÓNIO SALVADO,  
LAPIDANDO SONHOS DE XISTO**

O rumor longínquo da ventania  
na crista dos pinhais.  
Uma nuvem, o grito do céu azul  
no célere perpassar dos dias.  
O bater do coração do poeta  
ecoa pelas paredes de bronze da montanha.  
O granito, o xisto, o jade  
iluminados pelo sol do entardecer.

## **FADO**

Um corpo.

A impossível eternidade de um corpo,  
névoa matinal sedenta de sol,  
instante incerto da ferida,  
navalha afiada sem destino.

Um corpo.

Coração embriagado de sangue e de desejo,  
olhar perdido nas margens desoladas  
do futuro.

Um corpo.

Deus de carne e de silêncio,  
pássaro cego a voar  
rumo à poeira obscura do tempo.

## **OS TEUS POEMAS...**

Os teus poemas são VIDA:  
São coração e juízo.  
E se não negam a morte,  
Têm NELA um tom preciso.

O teu poema é 'prodígio':  
Tece a palavra tão viva  
Que a graça mesmo da vida  
Está no poema cativa!

Os teus poemas são sábios:  
Se a alma tem nos segredos  
A força do génio bom,  
Como decifras enredos!

Os teus poemas são canto  
De catedrais e de sinos;  
De flores, sonhos, abelhas,  
Rios, vento... destinos!

O teu poema é ardente:  
Traz-nos a luz sem neblina.  
Oh! que carícia tão querida!  
Oh! poesia divina!

*Antônio Miranda (Brasil)*

*“Penso, logo existo”.*

DESCARTES (1596-1650)

*“Pois o mesmo é pensar e ser”.*

PARMÊNIDES (530-460 a.C.)

Não sei em que minha identidade  
me assemelha ou me diferencia...

Só percebo as semelhanças  
contrapondo as diferenças...

Pouco me importa as diferenças  
que me separam dos outros...

O que importa são as diferenças  
ao longo da própria existência?

Semelhanças e diferenças se fundem  
e me confundem... Porque sou  
o que não mais sou... Mas  
nunca serei o que nunca fui...

Como bem disse Parmênides:  
*“o nada não é”*. E *“não  
conhecerás o não ser”*  
mesmo que os poetas o queiram.

Continuar sendo o que deixou de ser  
pois o ser é *“uno e contínuo”*...

E continuaremos sendo  
mesmo depois de sermos.

Na Natureza nada se extingue:  
e não há princípio nem fim.

Se não viemos, tampouco  
iremos a lugar algum.

*António Ramos Rosa (Portugal)*

Creio nas palavras  
transparentes  
que pertencem ao vento  
ao sal  
à latitude pura

Aqui  
no meu reduto  
entre ramos de ar  
entre a cintilante indolência da água  
creio no que nos une  
em ondas vagas  
apaixonadamente lentas

Aqui  
eu pertença  
ao centro da nudez  
como uma gota de água  
ao rés do solo  
na sua imediata e nua felicidade

*In "Numa folha leve e livre", p. 18  
Coleção Meia-Lua - Editora Lua de Marfim, 2013*

## **AO POETA ANTÓNIO SALVADO**

Ao Nume da poesia albicastrense,  
Que pelo mundo inteiro fez rumor,  
E no Pindo dos vates promotor,  
Seu estro é voz de Herói, que tudo vence.

A tertúlia da poética beirense,  
À luz de Apolo com fulgente alvor,  
Um preito de homenagem e louvor,  
Com grata cortesia lhe dispense.

E assim, génios à terra mãe natal  
Desçam da sua olímpica morada,  
Numa apoteose viva e triunfal,

E celebrem-no, alegres, em consílio,  
Num grande poema de arte sublimada,  
Entre os laureis de Mílton e Virgílio.

*António Vieira Pires (Portugal)*

## LAMENTO

E não paro o meu queixume -  
a vida não é o que era:  
transporta certo azedume  
por perder a Primavera.  
O Inverno se aproxima  
sem fazer vénia a ninguém  
e devagar de encaminha:  
e coisa alguma o detém.

*Araceli Sagüillo (Espanha)*

## HABRÁ QUE HACERSE NIÑO

*A António Salvado, por nuestra amistad siempre.*

*En la claridad interior  
de esa palabra que yo no dije  
a tu oído, mi amor,  
(mira si yo mismo la oyese  
ciertamente perdería  
toda su intención) quedó  
con certeza la única poesía  
que mi boca hacia ti llevó.  
António Salvado*

Habrá que hacerse niño  
para volverse santo.  
Sentir sobre las manos  
el viento de las penas,  
hundirse entre poemas  
a cientos de kilómetros,  
y envejecer entre rosas  
para morir en agua de colonia.  
Memorizar un verso de Neruda  
porque pensar palabras  
no es más que un silencio.  
Dios cobija el silencio  
allá donde Él habita.

**POEMA Nº 21**

Hoje farejas indícios  
de novas trilhas,  
velas o teu coração tornado  
rípido, brumoso,  
e vais às praças públicas colher  
um súbito rosto.

Hoje tenho nos olhos  
somente a dança das  
estrelas cadentes  
fazendo-se mar e poesia:  
a minha melhor  
porção diária de vida.

## **MAPA TOPOGRÀFIC**

Els relleus de la vida, els diferents estrats  
han patit l'erosió  
dels moments difícils.  
Les corbes de nivell  
produeixen vertigen en els records.

Però, què faríem si tot sedimentés  
i res ni ningú no donés forma  
al nostre relleu interior?

## **MAPA TOPOGRÁFICO**

Los relieves de la vida, los diferentes estratos  
han sufrido la erosión  
de los momentos difíciles.  
Las curvas de nivel  
producen vértigo en los recuerdos.

Pero, ¿qué haríamos si todo sedimentara  
y nada ni nadie diera forma  
a nuestro relieve interior?

## **PAINAS PLUMAS**

Aves no âmago dos ovos  
dormem as painas do trópico  
no cárcere dos capuchos.

Depois se desfaz o sono  
e explodem em rosas nuvens  
num abraço azul da tarde.

São outras rosas, serenas  
flutuando junto às plumas  
de cânticos em viagem.

E nevam. Nevam de leve  
roçando a tépida pele  
de setembro ardendo em febre.

*Aurelino Costa (Portugal)*

Se eu escutasse o que tens para dizer em silêncio....  
Uma alma sossegava o universo?  
Bastará um só nome por dentro do que acontece?  
Sal, mar e ar em permanência?  
Um incêndio, uma cratera astral?  
O voo, secreto, da gaivota empoleirada no mastro  
Com olhos de luz e mosto...

Sob a ânfora o desejo, num intersticial diálogo  
reclamavam o poema de vime e enxertia?  
Não mexia um mosquito sequer...  
zelosos aguardavam o pão diário  
e recolhiam animais secretos e belos  
numa pastorícia de deuses escolhidos...

e, como em noites e dias de suprema devoção  
amavam-se sem saberem do Tempo  
anunciavam a água que mais tarde  
beberemos, até à morte.

## **A ANTÓNIO SALVADO, GLOSANDO EMERSON**

Da pátria que amaste sobrou o verão  
Quando tarda, mais o sentes como a pátria  
Onde mamaste a luz do início O fulgor  
A pátria no exílio dispersa e não reencontrada  
Sem safra e sem regresso No país retalhado  
Pela faca da fealdade e corrupção No entulho  
E em lixeiras a esmo Em escombros  
Vogando na terra como restos de naufrágio  
Então nela subitamente bate o sol a pino  
Quando uma luz intensa o ilumina  
O próprio feio em belo se torna  
Eis o teu programa  
Repor a luz  
Recuperar as raízes secas  
Buscar saída ao labirinto  
Através do fio que desdobra a luz intensa

## **24 DE JUNHO DE 1128<sup>1</sup>**

*aos 50 anos de vida literária de António Salvado*

Em Guimarães a Pátria começou,  
numa tarde fantástica de Junho.  
De Afonso- rei Primeiro – teve o cunho  
E S. Mamede, em festa, a baptizou.  
Guimarães, desde aí, não mais parou  
de espalhar o heróico testemunho,  
erguendo, bem alto, em cada punho,  
o facho patriótico que herdou.  
Já quase nove séculos passaram  
E as sucessivas vozes não calaram  
o grito sacrossanto da vitória.  
Acorda, Povo: vamos celebrar  
a data heróica que urge consagrar  
no dia UM da nossa linda História!

---

1 Dia da Batalha de S. Mamede – Dia UM DE PORTUGAL

## UN TIERNO BREZAL

*(Homenaje al maestro Salvado)*

Un tierno brezal acaricia la tarde  
del cuadro que nunca me atreví a pintar,  
hablándote a los ojos  
de largo entendí  
que no hacía falta que habláramos más,  
serás mía en esta vida  
como yo seré tuyo hasta  
la muerte,  
inflorescencia cerrada  
que consume mis tardes  
sin apenas sol entre la yema de tus cimas,  
carnoso corazón que sobrelleva  
la existencia vegetal  
cuando el tiempo nos lleva por delante,  
esta vida está calculada para un suspiro  
y yo no tengo pasta de otros renombres.  
Qué hermosura la tuya, maestro,  
cuando no conocías ni nuestros rostros  
y la llanura imberbe de tu verso  
alimentaba ya la mañana  
recién acostado sobre la hierba.  
Un tierno brezal  
acaricia la tarde  
que yo nunca me atreví a soñar.

## ENVENENARAM AS POMBAS

*para António Salvado*

Na rua do Arsenal as horas arrefecem  
às duas da tarde a declinar  
em sinais de solução final

Enrolada na dor a pomba agoniza  
As pena agitadas pelo vento polar  
a presença quase invisível  
entre a parede e passeio da angústia

Onde as revoadas sobre os largos de Lisboa  
o ruflar das asas na memória da saudade  
a povoar de sons angélicos jardins  
avenidas e praças desta cidade  
a mais triste do mundo?

Desliza nas artérias sem vida alada a proibição  
de alimentar as aves da nossa infância  
e a indignação desprende-se dos corpos tombados  
no luto da luz baça desta hora nona

No Largo do Pelourinho  
afrontando a lei municipal  
às duas e trinta da tarde  
uma pomba caminha penosamente  
sobre as pedras da eternidade.

*Carlos Aganzo (Espanha)*

## **PALABRA INCONSÚTIL**

*El vocabulario  
está en el diccionario.*

*En la vida sólo hay  
lo que en él no está.*

(‘Filología’, Antónío Salvado)

No la palabra santa  
que empleaba Moisés cuando decía  
sus razones al cielo:  
*Yahvé es mi fortaleza y mi canción.*  
Tampoco las palabras encendidas  
que compuso Teócrito el idílico  
pensando en el muchacho  
que hurtó su corazón y su sosiego  
una tarde de invierno:  
*quien arde con amor  
envejece en un día.* Ni siquiera  
la palabra cifrada y confidente  
que en voz baja prestaba don Antonio  
a aquel que iba consigo...  
Ni palabras lujosas  
como las que trenzara Sherezade,  
con distinto embeleco cada noche...

Una palabra, amiga, quiero darte  
cuya voz no conozca el diccionario.

La palabra secreta.

La palabra prohibida.

La palabra imposible.

La palabra sin rastro y sin memoria.

La palabra que nace de los labios  
clausurados del tiempo.

La palabra que es vida únicamente  
cuando no se pronuncia.

La palabra inconsútil,  
enigmáticamente

bordada con el hilo del silencio.

## **OLHOS DE PRATA**

Pode ser que venha  
rolando pela encosta,  
irrompa em meu quarto  
& leve tudo pelos ares.

Pode ser  
pode ser que se infiltre  
sem alarde pelas frestas  
da janela ou da porta  
e eu nem chegue a saber  
que chegou.

Esse animal  
melodioso (olhos de prata  
asas de espuma) um dia  
virá.

Mas pode ser  
pode ser que não venha.  
Mesmo assim estarei  
à espera  
demore o que for.

## **PERMÍTEME**

Permíteme un momento. Déjame que te explique.  
La extraña oscuridad que ves aproximarse  
son las nieblas de marzo ocultando el camino.

No confundas la noche con la falta de luz.  
Puede ocultarse el sol,  
desdibujar las sombras su silueta,  
esas sombras venidas del confín de los sueños  
para cegar los ojos de los viejos creyentes.

Omnímodo silencio que se extiende en la nada  
como un inmenso manto de olvidos asimétricos.  
Y, lentamente, lejos  
desgranan la canción del no me importa  
las voces de exacto claudicar ante el desastre.

Permíteme un momento. Déjame que te cuente.  
El tiempo en que vivimos es un tiempo caduco.  
un tiempo acaso antiguo, desfasado, irrisorio.  
Tendrás que acostumbrarte  
al ruido que produce el infernal contacto  
con mentes abducidas del amor, de la historia,  
incluso de un mañana mentiroso  
que acaso no compense del dolor de estar vivos.

*Carlos Lopes Pires (Portugal)*

*A António Salvado*

protege o meu amigo das dores  
e em cada hora afflita  
de alívio dobrem as rosas

e nas amargas palavras feridas  
tenha a contenção de um anjo  
em movimento  
e a sua hora não chegue hoje  
nem amanhã

e no mundo seja muito  
como a falta que nos faz

*Carlos Vaz (Portugal)*

## **O POEMA TODO É UMA PALAVRA**

Inclina-se para o interior da flor com a mesma inquietação da abelha  
é a verticalidade da palavra que se afeiçoa em verso  
O leitor arranca as pétalas enquanto canta  
procura o mel do poema, o pequeno texto dulcificado

*Clauder Arcanjo (Brasil)*

## POEMA SALVADO

*Ao poeta António Salvado*

Salvar-te assim  
Em veios de luz e cor  
Salvar-te assim  
Em passos de cruz e olor  
Salvar-te assim  
Em cacos de sangue e dor.

Mas não precisas de salvatério  
A Poesia te alumbra  
A Poesia te basta...  
A tua Poesia nos encanta.

...

Desde que pousou  
Em cada verso teu  
Em cada rima tua  
Em cada metro teu  
Tão sublime agonia...  
A hora sagrada:  
Parto da música em flor.

## ANJOS

sinto que chegam.  
com a tuba de súbito alarme  
esvoaçam e ferem a sesta dos pardais.

não os espero nem temo:  
registo numa frase pequena  
o seu grande clamor.

aprendi que deus os envia um a um  
com missões de desvelo e precisão:

poisar a mão (a asa?)  
sobre a cabeça instável dos rebeldes  
ou sob as nádegas imaculadas dos infantes.

brancos ou diáfanos  
como a água ou o vento brando matinal  
dançam uma alegria andrógina  
rente ao respirar impercetível dos telhados.

se trazem música  
os mortais não a desfrutam pelos sentidos  
gastos das árias profanas dos coretos.

asas que tenham são feitas de plumas de fé  
nada propícias a voos picados como as aves  
na coreografia linear da fome.

anjos de deus  
adeus adeus!

*Claudio Willer (Brasil)*

## TRÓPICO DE SAGITÁRIO

*Empenbara-me, efetivamente, com toda a  
sinceridade d'alma, em revertê-lo ao seu estado  
primitivo de filho do sol*

Rimbaud

fragmentos celestes  
    suspensos a uma nuvem  
podemos observar o lento giro dos portões do mar  
    e sentir que a vida toda se condensa em um momento

as palavras respiram  
    no livro invisível  
                                feito de água

novas sensações  
                                escondidas por trás do vento

## TRIBUTO E GRATIDÃO

*Para António Salvado*

Marcam os poetas os lugares que para viver escolhem  
Ainda que a mesma seja acaso ou de circunstâncias  
Difícilmente repetíveis fruto... Vindouras vivências  
Justificá-la-ão a seguir \_\_ quando as terras os merecem.

Assim em Castelo Branco. Um grande poeta aqui festejo  
Sempre que passo, indo ou vindo. Não podendo parar  
Não deixo de o saudar, como que a taça empunhar  
Bater-lhe a pala se fôssemos tropas. E assim cumpro o desejo.

Sei que compreende o silêncio, esta falta de contacto  
Que outras circunstâncias mal explicam. Sabe, no entanto  
Como lhe estou grato, como comungamos neste espanto  
Das palavras que nos visitam, e nem sempre abunda o tacto.

Aprecio-lhe o testemunho, sábia constância ele a tem.  
É bem verdade sagrarem os poetas os lugares que escolhem.

## OUTONO DE ANTÓNIO SALVADO

O que faz o homem  
Dizer as coisas  
Como elas não são?  
Dar palavra ao sonho  
Sob a solidão das estações?  
O que pensa o homem  
De Castelo Branco, raro,  
Em seu voo eterno, rouco,  
Do fado que o orquestrou  
Íntimo da amada vida  
Mas que não escolheu?  
Ouve flores secas na jarra,  
O que o torna idêntico  
De ternuras e tristezas,  
Criador de frutos fugitivos  
Da ilusão que ainda colhe  
No desfolhar desta árvore.  
Há uma pedra nesta hora  
Mas não é dela sua voz,  
Nem de areia o prodígio  
De cantares que semeia  
A ritmar a alma invisível  
De seu ser-estar em tudo.  
Dos sentimentos e ideais,  
Pétala de turbações na dor,  
Das sílabas de chuva e sol,

Claros amores perseguidos,  
Seus perfumes no poema  
Ressoam sortilégios, desejos.  
De onde vem assim cantante?  
Para onde vai a se procurar  
Por onde passa em silêncio?  
No peito tantos tremores,  
Estes brilhos na corrente,  
Esta flor tardia que pende  
Doce beijo a doar-se.

*Daniel Abrunheiro (Portugal)*

## SONETO EM SALVAÇÃO

*Para António Salvado*

Não é de grave gravidade ou mor importância,  
a meu ver, o simples haver nascido.  
O que me causaria, porém, vera repugnância  
seria o morrer sem ter vivido.

Não me parece tal o caso, digo eu,  
do senhor Poeta António Salvado.  
Os versos p'ra qu'ele nasceu  
& os muitos livros que há publicado

no-lo firmam, afirmam & confirmam.  
Ele é daquelas claridades que timbram  
a montanhosa, digamos, atlanticidade.

Por dele useira leitura, tenho nisto o à-vontade  
que me traz a reiterar-lhe (juro e prometo)  
a mais salva(da) admiração. E em soneto.

## SAGRADAS PALAVRAS

*Ao poeta António Salvado*

Regadas pelos rios Ponsul e Ocreza,  
nos recônditos dos montes  
da Cardoso e São Martinho,  
afforam palavras por entre pedras,  
flores,  
noites.

E, na margem das horas,  
deságuam no estuário do Tejo,  
ávidas por contemplarem a face atlântica  
como matéria de (in)quietação.

Em voos sem confins  
cruzam turbilhões de águas  
serenam corações  
alumiam largas vias  
- com luzes e sonhos -  
cicatrizando o medo e a fadiga.

A saliva dessas palavras  
se espraia como um manto  
de êxtase fulgor esperança beleza  
e nos faz crer que cada aurora  
traz consigo a combustão  
eterna do amor.

*Delmar Maia Gonçalves (Moçambique)*

*Ao Poeta António Salvado*

## **PENSAMENTO**

Meus pensamentos  
não são imóveis  
São como as ondas do mar  
só não andam ao sabor do vento  
vão e vêm  
Mas como um turbilhão de Vendavais.

## **AUSÊNCIA**

Em terra minha  
era eu a ausência perdida  
o silêncio sufocado  
Mas nem sempre  
fui silêncio...!  
Fui talvez  
o Murmúrio dos novos tempos.

*Domingo F. Failde (Espanha)*

## COMO UNA DESPEDIDA

*Y yo me iré y se quedarán los pájaros  
cantando*

Juan Ramón Jiménez

*É tempo para morrer.*

António Salvado

El día en que me vaya  
-que es una forma amable de decirlo-,  
no cantarán los pájaros  
ni el viento cortará rosas en el jardín.  
Me iré. Y me habré ido  
en mitad de la noche, como cualquier fugado,  
apenas con lo puesto, por no decir desnudo  
-ni siquiera soy hijo de la mar-,  
y las manos vacías.  
Me iré sin avisar, serenamente,  
ni hacer ruido, no fuera a despertarse  
la ciudad y, de pronto, se encendieran las luces  
y yo quedara expuesto en mi tristeza.  
Me iré, por el camino  
que ya siguieron otros y otros antes  
y mi sangre se sabe de memoria.  
Detrás, en la ventana, cubriéndome la espalda,  
ella, la sola luz,  
agitando un pañuelo inútilmente.

## **ARENAS MOVEDIZAS**

*Para Antonio Salvado*

Veo pasar los dioses  
con su hilera de nombres. Son sus leyes  
arenas movedizas que señalan  
que detrás del vacío está la piedra:  
la sola piedra fija, sin sueños ni memoria.  
En el envés de aquella caliza que sepulta  
todo cielo y sus datos,  
muere un dios, es el hombre,  
creador de sus propios misterios. Mas el duelo  
de qué mano sacó el enorme puñal  
con que se agrieta todo. Ni verdad ni mentira  
dejan huella en la carne.  
Son tantos dioses, tantos,  
viajando a deriva y tanta muerte.

*Elena Díaz Santana (España)*

## HACIA EL NO SER

*El silencio del calor y de la nostalgia.*

*El silencio de la muerte futura.*

*El roto silencio de la sorpresa.*

António Salvado

*La Hora Sagrada.*

Me preguntas  
por qué el silencio habita mi espacio,  
cada día más cierto,  
posado en mí.

Cómo explicar  
el miedo a perderte,  
el día que el aire  
olvide tu nombre.

Estoy ante ti cobarde,  
asida a tu mano.

Caminas hacia el no ser,  
pactas con el silencio  
y me arrastras contigo,  
aunque sé:  
que siempre  
habrán palabras  
que te nombren.

Hasta el olor de esta rosa  
callará para siempre.  
Nada permanece,  
ni lo más puro nació para quedarse.

*Enrique Villagrasa (España)*

*Ao esquecimento encaminhei meus passos  
de peregrino audaz... Ao esquecimento  
as minhas Horas entreguei: suspensas  
quando o sentir cruzou  
o pensamento.*

António Salvado

La página vacía acoge al peregrino audaz.  
Tradicción e interpretación errante tras de sí,  
tras el surco de la palabra en el espejo:  
única encarnación de la imagen individual,  
cual ejercicio de recreación, íntimo y singular.

¿Qué poema no brota de la necesidad?:  
el poeta sabe hacia donde encamina sus pasos,  
también sabe que el día claro existe  
y confía en que cuando entregue sus Horas  
el sentir cruzará su pensamiento.

El lector tiene catorce infinitas caras.  
Todo olvido es el texto más absoluto.  
El escritor confía(do), reescribe la senda.  
¿Brilla el sol: misterio (in)finito, tal vez?

(lectura del poema Ao esquecimento, de Antonio Salvado)

## **¡SALVADO ERES!**

Desde Caracas siento golpear tu fatigado corazón.  
Sus palpitaciones me llegan en forma de versos,  
poemas que han cruzado el Atlántico  
en los bergantines de tu solidaria poesía.

Todos hemos debido ser peninsulares  
de allá y de acá,  
sin las divisorias Columnas de Hércules  
ni el ponzoñoso mar de los Sargazos.

Antonio, me comentan que Dios es omnisciente,  
ubicuo, políglota, pero en ocasiones  
especiales sólo habla portugués.

Ya iré gustoso a Castelo Branco cuando,  
para envidia de Enrique, el Infante de Sagres,  
levantemos entre todos  
el merecido y espigado Torreón de tu poesía.

¡Salve, navegante de los mares de la eternidad!

## SONETO

Vive, se viver podes, inda na velhice,  
e tua morte vai preparando aos poucos.  
Não desejes, agora, nutrir sonhos loucos,  
como se um futuro longo te sorrisse.

Sol já caiu; no fim do dia, alma nua  
solta vontade antiga, que mais nada faz.  
Ter medo de quê, se ganhámos tempo assaz,  
despedindo-nos como quem tem à sua

vista eternidade? Porque, entretanto,  
nada levas contigo, larga pesos, cuida  
dos amigos, de ti, ensaia ida fluida,  
insensível a perdas, qual fosses um santo –

fosses sábio, sereno, contra dor vazia,  
na recusa do Lá, de vã ave-maria.

## **Y TODO**

La esencia tiene tierras muy fértiles.  
Sus cabras corren entre la harina que dejan los truenos  
al atravesar las nubes. Hoy celebramos la mano abierta  
al cielo de lo cotidiano. La naturaleza cordial, el cuerpo fresco  
del patio de tostar café cuando el índice del tiempo,  
la esencia y todo, recitan la piedra diaria de António Salvado.  
Los hombres vueltos árboles; las lágrimas danzando  
en sus ojos alegres, aclaran el verdor  
de las aves y del haikú que repite un peregrino.

La esencia tiene manos muy fértiles  
y una insignia dulce de expansión,  
como este pan horneado en la boca aldeana de la noche.

## ANTÓNIO SALVADO

Por caminhos de palavras,  
fazes, em silêncio,  
o percurso das letras,  
interior à luz  
e com matéria  
de inquietação.

Sustentas na raiz  
a terra nossa  
plantando a flor  
e a noite  
no espaço recôndito  
da amada vida.

E dizes o gosto  
de escrever:  
um hino a cantar,  
nas palavras,  
o poder redentor  
da poesia.

## NO TEU CAMINHO

Um deus repôs a luz no teu caminho  
abrindo uma porta estreita à esperança.  
Ilumina-se o teu ser de mais vontades  
que só os deuses ousaram conceder  
aos aedos, os criadores de sóis.  
No silêncio reténs a sua música.  
No Egeu banhaste a tua alma  
e o corpo: esse permanecer  
definitivamente preso à terra –mãe.  
E a esperança – repitoindelével  
continua  
em teres alguém pra compartilhar  
os difíceis dias de um amor perene.  
Inclina-te sobre a azul  
e, metuculoso, descobres  
os verdadeiros caminhos da perfeição.  
E porque és um deus também  
pela poesia,  
afasta vento que te priva  
de um mar de inesgotáveis marés.  
Abraça o ar das imensidades  
que respiras e te alimenta  
a farta ambrosia dos deuses  
que faz nascer em ti a inspiração  
Roeia por fim e depois suavemente  
o corpo que te oferece  
o repouso devido ao guerreiro  
para com ele criares  
um novo rumo para o mundo.

*Fernando Botto Semedo (Portugal)*

## UM PEQUENO REINO, DE BELEZA E SONHO

Aceitar as flores destes dias,  
Ardendo em cor por este céu infinito,  
E as árvores, tão intensas de verde, como  
Um pequeno reino, de beleza e sonho,  
E o riso destas crianças, que sempre passam  
E passarão, com a sua pureza e a sua fragilidade  
Comoventes (haja Esperança!). E a música,  
Vinda de um moinho transcendente e que  
Enlaça o amor destes enamorados por um  
Devir de leveza, onde o pão cresça por entre  
A ternura e os gestos mais fecundos.

Aceitar a poesia que nos chega de  
Um momento tão aberto, e as suas palavras,  
Pequenas e profundas de sentimentos intactos,  
Que poderão semear as lágrimas de solidão  
Com o levantar da dor!

## **TERRA A TERRA**

Alguém traçou uma linha imaginária  
entre dois reinos, sem que do chão  
brotasse qualquer dissemelhança. À vista  
desarmada tudo se repete de um e de outro lado:  
o mesmo ar seco e frio, a mesma vastidão  
de carvalhos e giestas, as mesmas estrelas  
nos olhos, trigais a verdejar sem amanhã.

E gente que caminha à mesma velocidade  
de ontem, que se veste de negro  
de ponta a ponta para que a morte dos seus  
os não obrigue a súbitas mudanças  
de indumentária ou de rosto à tristeza.  
Gente que repete os mesmos gestos  
um dia após o outro, estação após estação,  
porque é assim que faz a natureza  
de onde chegaram e onde irão desembocar.

Frente a frente, em altivo plano de quem  
procura uns metros mais perto do Alto,  
os cemitérios de Moveros e Constantim.  
Aí, os eternos filhos da noite: contrabandistas  
de barros e panos, de álcoois e café; de amizades  
sem fronteira e amores bilingues.

Sobre esta raia que uma e outra vez atravesso,  
ou me atravessa, tomo o pulso à pátria,  
esta sintaxe de sangue  
no corpo exposto do Planalto. Às vezes  
pulsa comigo. Nos seus melhores lamentos.

Uma igreja ao centro, onde rezam uns  
e outros a uma calada voz comum,  
e se abrigam do imponderável  
numa cegueira tão clara que fere  
como um cardo no lugar mais ermo.

## CINCO RECADOS PARA ANTÓNIO SALVADO

1.

A palavra é a semente  
mas são os actos  
que criam raízes.

2.

O pensamento  
é a respiração  
da consciência.

3.

Poeta é aquele que arde  
e escreve fogo.

4.

Por vezes escrevemos como quem escava  
à procura de um tesouro  
mesmo quando sabemos  
que não existe tesouro nenhum.

5.

O verbo é o motor da frase.

*Fernando Gil Villa (España)*

## VUELOS CERCANOS

*(Homenaje a António Salvado)*

*Eu sou uma saudade do que foi*  
*(Teixeira de Pascoaes, Livro de Memórias)*

*Temos no peito um coração:*  
*O seu arfar é nosso...*  
*(António Salvado: Vão)*

Di una vez con cierto Antonio que agradecía a Dios tener cabeza.  
Y quiso el azar que, casi al mismo tiempo, conociera a otro que daba gracias por tener corazón.

La cosa tenía su gracia. La cabeza era una lámpara de Aladino capaz de crear mundos nuevos si algún gesto la frotaba –eso sí, tenía que ser gesto de atlante.

En cuanto al corazón, parecía más bien una vela carmesí, con esencia de frutos de un bosque que se ocultaba tras los montes.

Con el tiempo nos hicimos buenos amigos. Tertuliábamos al paio en la cafetería situada en la punta de un gran castillo blanco plantado a los pies del océano como si de un Júpiter i-luso se tratara.

Una tarde ciclónica llegaron olas crecidas pintadas de alarma roja con ribetes anaranjados por la autoridad. Tranquilos, colocamos nuestras copas en la cresta del agua gallito mientras el joven camarero temblaba en un rincón.

En una de éstas, la espuma rozó la testa de Antonio y apareció un albatros que reía de no volar por tener grandes las alas.

Acto seguido el mundo se apagó con una ráfaga de viento y se volvió a encender con la luz de emergencia que portaba el otro Antonio.

Y como el mismo soplo huracanado suspendiera un poco al pájaro gigante, nos subimos los cuatro a su grupa.

Entonces le dije al mozo que el truco para vivir sin miedo, en medio de cualquier crisis o catástrofe, era leer poesía, poesía como la de António Salvado.

## A PERGUNTAS SANGRENTAS NÃO RESPONDO

### PROSOPOEMA

(Para o Poeta António Salvado  
-- homenagem humílima)

Chamei por Beth, lembro-me, não clamei por Glenda, três noites sorri o nome de Beth, chamei-a, a água vai explodir, a água mata-nos, o incêndio começa por ti, o incêndio conhece o corpo de Beth, principiei a esquecer Glenda, a luz atravessa as folhas manchadas de verde moribundo, as palavras estão a ficar muito estranhas, como a lepra ou rostos que não foram bafejados pela baba das borboletas.

Tu, a única. Lavada, aos sorrisos breves. Onde se escondeu Beth? Respondo pouco a perguntas. Treinei-me nesse jogo algo cínico. O incêndio principia, igualmente em mim. Os olhos cintilam cada vez mais verdes. A quem pertencem? Conheço os motivos por que tenho frio. Um chão d'uvas. Uma perna de criança arremessada dos lençóis abaixo. A musa mata-nos. O mesmo se passa com a água. Chamei por Beth. Outra vez. Outra tarde de frenética merenda a caminho de um jantar de ostras e sopa de cobre. Beth, britânica, com manhas de rapariga chinesa. Tudo entardece, as palavras também. Repito: a perguntas sangrentas não respondo. Não se esqueçam: esperei por ti como se fosses a única serpente. Todos dizem: saber é poder. Deitei-me mais cedo para estar descansado a ouvir o vento. O pólen rasga as nuvens.

Os gestos à solta cheiram a sina das palavras: tornam-se estranhos como uma impigem situada entre dois olhos castos. A geografia é muito importante. Acreditem: o sangue é um beco sem saída. Penso que a água vai explodir. Antes, porém, vou começar a beber água. Vou esquecer os livros. Quanto mais água bebo, menos livros carrego no sangue. Os incêndios não acabam tão cedo. Não quero fazer perguntas a Beth. Não lhe pergunto para que não me pergunte. As coxas cintilam, fazem de olhos, imitam-nos também. Até ao osso, até ao sabugo misterioso onde a água se esconde.

Julgo cada vez mais repugnantes as fardas. Quero deitar-lhes fogo como se fossem um pinhal. Prefiro ostras com molho d'astros. Um rio selvagem a correr entre montanhas. Sou (definitivamente) adepto dos olhos de Beth. Beijo-os, como em tempos aprendi a morder a carne das maçãs.

*Fernando J. B. Martinho (Portugal)*

## **RIMANCINHO**

Como aceito  
seca de versos  
a minha vida?

Ai, se me deito,  
ida e perdida  
aos ares dispersos

uma palavra  
que segurara  
presa ao papel  
com sangue e fel!

Mas não preendi  
nem segurei.  
Antes deixei  
que se perdesse  
o que mal vi.

Antes morresse...

*Fernando Sabido Sánchez (Espanha)*

*paz*

En las cloacas de la ONU, siniestros mercaderes fabrican  
al año dos balas por cada habitante del planeta

Un Nobel de la Paz, Barak Obama, espía pacifistas  
del mundo desde las redes sociales, mientras presupuesta  
623.000 millones de dólares anuales al Pentágono

Fuerzas militares aliadas en Afganistán armadas hasta  
los dientes, protegen en verdad los cultivos de opio  
más rentables de la Tierra

En la actualidad, 22 países continúan en guerra, el número  
de niños-soldado que participa en ellas ronda los 300.000,  
denuncia Unicef

Colonos palestinos abonan sus cultivos con pólvora israelí

En Siria masacran las ansias de libertad, al tiempo que  
rusos y estadounidenses debaten si son galgos o podencos

Los halcones se alimentan con palomas ametralladas

Paz es solo una palabra que usamos poetas anacrónicos

## **PALOMA TRISTE**

Mientras trabajaba se posó  
en la ventana una paloma con ojos  
ensangrentados, venía de otras tierras  
donde había guerra y llevaba toda la sangre  
de los muertos en sus ojos.  
Por un momento pensé en echarla,  
porque dicen que ensucian los edificios.

Me miro fijamente y pude ver en la pantalla  
de sus ojos tristes, todas las injusticias de los humanos.  
Cuando regresó le di cobijo y comida  
para redimir a través de ella toda la humanidad.

## **COLOMA TRISTA**

Mentre treballava es va posar  
a la finestra una coloma amb ulls  
ensangonats, venia d'altres terres  
on hi havia guerra i portava tota la sang  
dels morts en els seus ulls.  
Per un moment vaig pensar a fer-la fora  
perquè diuen que embruten els edificis.

Em va mirar fixament i vaig poder veure a la pantalla  
dels seus ulls tristos, totes les injustícies dels humans.  
Quan va tornar li vaig donar aixopluc i menjar  
per redimir a través d'ella tota la humanitat.

## **AO LER ALGUNS POEMAS DE ANTÓNIO SALVADO O ABISMO SE INCLINA BUSCANDO TOCAR SEUS LIMITES**

Quando te escondes as suspeitas saltam fora de seu casulo.  
Os dias debulham sua fadiga e escutamos o zumbido dos despojos.  
Algo nos lembram as lágrimas calejadas do espanto: não há nada mais a ser esquecido.  
Os olhos descrevem o vazio de suas próprias órbitas.  
Não resta dúvida de que o homem passou por aqui.  
E seguiu, apagando os rastros de sua falácia.  
Mudou o nome de todas as coisas, de modo a confundir domínio e identificação.  
Tornou a razão indefinida para que assim pudesse seguir gozando em leitos de qualquer safra.  
Traduziu o mundo em palavras que encontram refúgio em seu esperma.  
Arrendou a épicia violenta de seu passado e a converteu em glória a todas as alturas da queda.  
Quando te escondes o mundo se fecha como uma porta amargurada pela ferrugem.  
Há muito não sabemos quem somos e as histórias que contamos a nossos filhos as compramos em promoções.  
Os dias fatigados desconhecem a névoa e o brilho do olhar do despenhadeiro quando se cruza com o nosso.  
Quando te escondes não temos mais nada a perder.

## **AL LAGAR VINO ANTONIO**

A António Salvado, maestro portugués.

Es Salvado un apellido  
y una escuela literaria  
heredera y tributaria  
del lusitano gemido  
que en António ha renacido.

Al poeta es dedicado  
con honor lo aquí dictado,  
homenaje de otra pluma.

Sobre un vino nace espuma  
y a nacer vino Salvado.

En António un hombre grita  
porque lloran sus dolores  
y ya no aroman las flores  
cuando el lamento se agita  
y en el duelo se marchita  
la desazón que padece  
porque de pronto le crece  
a su nombre este apellido  
y el portugués que ha nacido  
se ha salvado y no perece.

*Fulgencio Martínez (España)*

## **AMOR DEL CIELO AL SUELO**

(en homenaje a António Salvado)

*Converso con el hombre que siempre va conmigo.*

Antonio Machado

Converso con el Amor imposible

que siempre va conmigo, y que a veces  
necesito tenerlo en la distancia  
para que en su ausencia lo reconozca.

En mí halla razones la soledad

huraña, contra el amor y el odio,

y en mí tiene y dice su queja la otra

soledad descontenta de sí misma.

Se despierta por gracia del amor  
el desconcierto de todas las voces  
de mi alma, resonando en su espesa  
materia de tiempo, y de recuerdos.

A poner paz en los ecos confusos  
de esa algarabía viene la sombra  
del amor callada, tú como un río  
de estrellas en mi cielo inferno

nocturno.

Tú que no eres una estrella

ni el sol, me acercas a él poco a poco.

En ti distingo la noche del día.

Llegando tú se me muere la duda

(ese ruido de fondo de la vida)

y nace la fe en el dios que no ha muerto

en mí, y que me habla y a quien yo le hablo.

Como la serenidad, me vas tú

apagando la sed y la mentira

de recurrir a hipérbolos y espejos

para expresar un amor cotidiano.

## PREGUNTAS A ANTONIO SALVADO

*“En sus rostros llevaban un destino  
hambriento y en sus ojos la tristeza;  
existía llanto y sangre que se oía  
por la larga noche de su canto.”*

António Salvado

¿Cómo eran las sombras, a qué olían,  
hacia dónde la llovizna de ceniza  
verso qué cima cuál escalofrío  
qué puesta de sol o puerto cerrado?

He visto la constelación de las semillas  
nacer alrededor de un tajo oscuro.

Granos de corazón desbordado  
a una y otra orilla del camino y en medio  
una columna de hambrientos  
embanderaba las preguntas con oculto  
fulgor lleno de dientes.

He visto fuegos infinitos en las bocas  
y en los ojos lágrimas de lava  
y en las manos el gesto de piedra  
de herida filosa, de maza inexorable.

¡Que atrás se muera el hambre!  
murmuraban los viejos.

¡Que se rebele el grito arrodillado!  
tallaban en el aire los sin brazos.

¡Hasta el horizonte los surcos del pan!  
Cantaban las muchachas de luna y amapola.

¿Cómo era esa larga noche del canto?  
¿Cómo era?

¿Qué fulgor alzaba de la tierra  
su polvorienta música, Antonio?  
¿Has visto hoy de nuevo esos rostros?  
¿Has sabido de sus gestas en la cima?

Los supe regresando en un viento  
de hijos y domingos muertos,  
lanzaban palabras a los pájaros  
y hacían crecer el fuego y la mañana.

## **SALUDO A SALVADO, DESDE EL TRÓPICO CARIÑOSO**

No hay escapatoria en el Paraíso. Luego de andar por jardines anteriores donde saboreamos los jugosos frutos del bien y de colmarnos de mieles y néctares, entramos de improviso un día al inevitable terreno de las equivocaciones. En algún lugar nos espera el árbol custodiado por la serpiente, a donde nos dirigimos a tomar el fruto prohibido.

Desde ese momento, nada depende de nosotros. Vamos guiados por el deseo de crear progenie. Guiados por la luz artificial del pecado originario, a poner a prueba la porción de tierra que el Supremo inventó para nosotros sólo para someternos a la prueba máxima. António Salvado lo supo desde el mismo momento en que dijo *el fruto tímido se pudre en el huerto fértil de una frágil creencia*.

Cuando el primer hombre hinca su diente en la manzana roja del movedizo edén, se hunde en su propio intento, y ese intento lo sigue de una vez y para siempre, aunque tarda en descubrir que esa es su naturaleza y no otra; la historia no reconoce más antifaz que ese. He ahí el origen de la posesión y de la guerra, del afán de dominación, de la obsesión de invadir un trozo de tierra para hacerlo privado y de una mujer exclusiva para él. Hombre y mujer recorren acompañados el espacio de su desdicha. Aún sabiéndolo, António Salvado ha desandado los pasadizos de una alegría discreta y ha hecho un largo camino para descubrir ese conocimiento gozoso. Desde sus primeras lecturas, donde Nuestro Señor ya parece iluminarlo, Salvado interroga sus sentidos y su espíritu, para corporizarlos luego en los márgenes de esa breve pero inextinguible iluminación. Es

como si los sentidos se impusieran sobre los pensamientos, y las ideas cayeran arrebatadas por la danza de los colores y la presencia de los animales; como si los árboles volaran por el cielo con la raíz hacia arriba y las nubes se pusieran a conversar entre ellas adquiriendo formas de rostros, para luego enviar señales a las gaviotas marinas, y después el mismo mar se abriera paso en los profundos cartílagos de su corazón.

António Salvado lo percibió desde un principio. No estaba a salvo en el paraíso pero recibió la imagen del Gran Maestro a tiempo, para venir a redimirse y a hacernos partícipes de todo ello en cada obra suya, nos narró en verbo suave la desolación y arribó luego a una serenidad inefable, transmitida en versos que, como remansos, se nos ofrecen para que hundamos en ellos nuestras pieles, nuestros cuerpos. Le debemos eso a António, le debemos eso a Salvado, *salvado* de veras en la conjunción de la palabra amasada por vez primera en el *blanco castillo* de arena de su palabra, con el astro que nos observa regocijado desde el manto abierto del firmamento portugués.

Te saludo, António Salvado, desde este trópico cariñoso llamado Venezuela, desde esta tierra feraz que nos come el corazón con su calor, que nos sumerge en su mar arrebatado y nos construye un planeta nuevo en cada cabeza nuestra, para que sepamos ascender, en el día señalado, ante la presencia del Creador.

## “ESTRANHA CONDIÇÃO” A DE POETA

a António Salvado

temeroso o poder de sedução que  
uma imagem pode produzir  
temeroso o sentimento de sermos intrusos  
no próprio corpo  
quando nos tolhemos às palavras proferidas  
em vésperas  
quando escavando a memória de anos e  
de vivências nos capacitamos da atracção pelos  
poetas nossos pares  
ousamo.nos  
despimo.nos  
aceitamos a contestação como simples acto  
contestatário e um sorriso cúmplice esboça.se  
entre os olhares  
narcísicos e nas margens das horas ou  
nos jardins de mui difícil passagem do  
paço d’el rey e senhor das trevas  
.as palavras retomam o ritmo mágico e  
a sua justaposição ultrapassa o universo profético  
dos águeres  
.senhores do palco onde gerimos esta estranha  
condição de sermos mortais  
escondemo.nos no mundo das máscaras

.tiramolas e  
colocamolas  
no mesmíssimo espaço  
entre a palavra e o signo  
a linguagem e o pensamento  
.qual o animal que ousa afogar-se na noite lenta?  
.que margem aceita a metáfora como sua amante?  
tudo se reduz a pontos de interrogação  
sentados  
em algumas cadeiras vazias  
-melhor assim-  
onde os sonhadores vagueiam soltos nas bocas  
dos que os consomem  
.ainda há poetas de combate?  
meu amigo os poetas exercem  
diaria  
mente  
um combate com os homens práticos e  
não importa se o peito do poeta se enche  
de cicatrizes submersas  
.então o abraço basta?  
não  
um abraço não se escreve  
o erotismo é necessário à construção dos afectos  
interiores à luz onde se projectam  
os corpos poéticos  
apenas dois que se encontram e se debruçam  
sobre a chuva

absorvidos pela vazante de um rio  
que escarnece a caminho da foz

*Gisela Ramos Rosa (Portugal)*

*Entrego-te o segredo:*

*Nunca o teu coração  
treme perante a dor*

*António Salvado, in Outono p. 25*

Sacro perfume de chuvas estendidas  
em solo dourado ergues-te no vazio  
do silêncio e da água nasces como  
sombra transformada em segredo

persistes como um raio de sol ancorado  
no poema e vais repondo a fenda das  
estações até compores a paz de um rio.

Ó testemunha de pétalas e de reflexos  
a flor que me olha é a breve memória de  
uma paisagem maior enraizada

prece que flui na carta que chega e  
na que parte, coração que amanhece  
na montanha dos teus olhos

*Gloria Sánchez (Espanha)*

## DESTINO

*Para António Salvado,  
poeta cristiano*

Silenciando de mi boca el quejido,  
porque nadie escuche este lamento  
y quebrándose mi herida muy adentro  
¡tanto me duele mi corazón herido!

Abandono silencioso de mi mente  
en el correr desbocado del camino,  
encontrándome que corro hacia mi sino  
¡sumergiéndome en las aguas del torrente!

Desvarío y podredumbre en mi destino  
si de frente no encontrara tu dulzura,  
¡mas tu amor deshecho toda amargura!

Y amándome, me dio vida Aquél que vino  
ya que abriendo las ventanas de mi alma  
¡he encontrado la dulzura de la calma!

*Gonçalo Salvado (Portugal)*

**‘ΑΦΡΟΔΙΤ**

*A meu pai*

avança  
mergulha  
ressurge  
emerge das vagas  
esbelta  
rútila  
queima  
com suas curvas  
a espuma

ninfa do mar

antiquíssima

*Guillermo Juan Ibáñez (Argentina)*

## **POEMA AL HOMBRE AUTÉNTICO**

*Homenaje a António Salvado*

Admiro al hombre acostumbrado a la soledad de la espera  
que no murió como yo a cada desengaño  
y al que pudo ver el sol a pesar de su tormenta.

Canto al hombre que llegó al llanto, rió porque quiso.  
Al que sufrió mi muerte y al que no me conoció nunca.  
Le escribo al sensato y al estúpido, a la imagen que de cada uno de ellos tengo.  
Escucho al hombre enceguecido que lleva su verdad en lo oscuro  
porque si fuera ciego aportaría mi retina a un lago que supiera mirar.

Extiendo mi mano hacia cualquiera porque lo deseo  
nadie puede impedir que lo haga, ni obligarme a hacerlo.

No soy caritativo ni egoísta, bueno o malo, nada de los que los demás  
piensan nada de lo que yo mismo espero.

Soy como soy y quien no me acepte es porque nada sabe  
ni sé lo que todos saben y el buen Dios, quiso alguna vez negarme.

Espero al hombre empuñando su cansancio hasta vencerse  
mezclo lo irreal y lo concreto  
para despistar al que no me pudo ver como quería ni yo pude hacerlo.

Escribo al hombre satisfecho de su noche transpirada  
y al que por pensar murió dejando a la luz de la intemperie,  
    la idea de que un sol lleno espera su timbre en la mañana.  
Le cuento al cascabel de mi terraza todo lo que después él ha de difundir:  
    que no soy loco como dicen ni tan cuerdo tampoco  
pero llevo en mi lengua la palabra y no puedo pelearme con mi cuerpo.

Si tengo que escupir y lo hago, no hay porqué un hombre protestando  
    por su saliva en su cara, ni un hombre indiferente.

*Helena Villar Janeiro (Espanha, Galiza)*

## DO OFICIO DE POETA

*Por tanto olhar o que jamais eu vi,  
por tanto ver o que jamais olhei-  
que aparências desvelei?  
que certerzas conseguí?*

António Salvado

O día que soñaches que eras poeta  
porque non conseguiras ver a lúa  
do lado do revés,  
atravesaches bosques  
e volvícheste fronde para acochares  
ideas e desexos que aterecían  
na túa viaxe.

E cando ves esperto ese dereito que reitera a lúa  
sabes que ti es enigma,  
bosque,  
árbore,  
folla  
na estremecida voz  
que asombra ao mundo.

## **POEMA TÁCTIL**

Tocar a pele do mundo. Tocar  
um corpo que nos abriga e acaricia. Tocar  
as pétalas frescas ou a vulgar erva do chão.  
Tocar a funda superfície do diverso  
com o universo dos dedos  
na noite mais densa, do dia  
mais claro.

## **LAS HIJAS DE LA TRISTEZA**

*A Antonio Salvado*

Las hijas de la tristeza ya no gimen,  
ya no toman de la bruma su afilada calle,  
las esquinas y su humedad constante.

Ya no gimen.

Retoman el pulso cuesta arriba,  
modelan las horas, los días y se visten  
de aquel recodo virgen  
que aún subsiste allá en sus ojos.

Las hijas de la tristeza ya no gimen,  
porque saben –ahora saben–  
que existen orificios,  
pequeñas oquedades  
en todos los abrazos antes dados,  
que hay un sorbo de luz en cada duelo,  
un verso inexplorado,  
detrás de los cerrojos, una llave  
en cada puerta donde emerge  
un asombro de luz.

«**DE NOVO A ESCRITA...**»

De novo a escrita na ressurreição do corpo.  
É outra vez o apoio da mão  
nos primeiros sinais desta morada tão perto  
dos frutos. São outra vez  
os passos com contornos nessa cidade.

Que caminho é este  
tão desperto agora que estremecem  
já os olhos?  
De longe vim. E tenho sede.

Esquece-se mais devagar fora de um poema.  
Já o sei. Sei também que a brisa não magoa  
nenhum corpo sem aviso.

Este vento há muito que estava perto de ser  
lume. Pedi ao cansaço:  
dá-me teu fruto sem sabor  
dá-me teu nome sem aroma  
dá-me a distância sem passagem.

O corpo não esqueceu ainda a direcção  
do rosto. Quando olho o silêncio  
da respiração de um verso antigo,  
não é o silêncio que eu olho  
mas as palavras dessa travessia de lugares  
vazios.

A escrita não tem segredos  
para quem esteve tão longe de si mesmo.

Ainda sinto as marcas do inverno que se instalou  
na luz. Tão cúmplice do negro.  
Tão cheio de atalhos deixados ao acaso.  
Aí foi onde me abandonei ao tempo.

Distante e só. Como um animal ferido.  
Como uma frase interrompida,  
cansada de se dizer, repetida e regressada.

Mas foi doce essa viagem,  
em ritmos de águas, em lugares cheios.  
Um poema é um lugar. Já o sabia.  
Habitá-lo assim tão próximo da lentidão  
dos gestos pode ser uma morada,  
ou uma porta.

O assédio da escrita abre-me agora o corpo  
em cada sílaba. Tenho que consentir  
o vento. Um poema é intimidade. Também isso.  
Aqui ficarei. E para sempre.

Não encontrei ainda outra paisagem  
onde o verão possa inclinar as dunas  
devagar, devagar. Inocentemente.  
Mas tenho a tempestade intacta desta água  
que lentamente escorre dos meus olhos.

E a certeza de que o silêncio é sempre assim,  
imperfeito, frágil e sem memória.

*Isabel Mendes Ferreira (Portugal)*

“Para um Poeta maior \_\_\_\_\_ António Salvado.

ser-te a taça onde apenas uma palavra fosse o primeiro e único espaço reservado ao lume e à eternidade. onde te leio múltiplo e original numa inscrição de pensamento circular onde a tua escrita é rainha sem fechamentos. nem fqlsos mantos. antes flor e pedra e terra e asas que se olham de olhos fechados e se fica território imensurável.

ser-te a passagem entre a filosofia e a poesia \_\_\_\_\_ imagens que se cosem ao verbo e este ao céu. indisciplinador e mestre dos ramos. remos também.

ser-te o nenhum compromisso e a total liberdade de uma beleza lentíssima a ser câmara clara da palavra ascendente.

leio-te em respiração de ais expostos ao sal e à memória. e tudo fica enorme. arco singular de um coração incontraditório.

ser-te a beira de um mar \_\_\_\_\_ intemporal. em causa primeira. contundente.”

*Isabel Miguel (Espanha)*

*Chovendo na memória do que fui*

*António Salvado*

Él se acuna en la forma de la risa,  
en la luz del anzuelo contra el agua  
prodigando la vida frente al tiempo.

Yo entonces no entendía del verso de su boca  
ni de su mano ausente.

En un murmullo ciego,  
las paredes reclaman su presencia.

## TU VOZ IRRUMPE EN EL MUNDO

*Homenaje a António Salvado*

Tu voz  
irrumpe en el mundo  
y le da otra palabra  
poblada  
de sabios acentos.  
Me asalta,  
quiero que lo sepas.

Nadie se renueva  
si su interior  
no está dispuesto al cambio,  
de eso se trata.

Tu voz muestra el sendero,  
el lugar exacto,  
la luz del tiempo  
que se prolonga  
y hasta ti lleva.

Tu voz,  
en transparencia,  
se me ha alojado  
como semilla  
dentro,  
se ha instalado real  
y eterna  
en mi oscura tierra.

## POEMA

*a António Salvado*

das estrelas de um mistério que se prometeu plano  
em si mesmo e nunca foi – minúsculas centelhas  
de vários sonhos corrompidos durante o curso  
das jornadas de lava que calcinaram  
o mapa que a primeira mão riscara na pele:  
nascituro expulso de um agreste  
para outro disfarçado em luz.

que dizer à doce mãe que estilhaçou a aurora  
e atordoou Claro-Obscuro com cantos de bordel?  
a amiga original - envolvimento- não resiste  
a voltar à crisálida que teceu para a velhice  
caçadas torneios batalhas os juro da vitória em pleno tombo  
o gosto de amassar o barro já que ele existe  
morno indolente sob a pele lanhada  
extrair da argila lágrimas de outrora  
deitadas onde secaram no rosto que o vento ruborizou  
emprenhou e apagou sem remorso.

onde achar de novo a mulher raptada  
flores queimando o relato alucinado  
visão em preto e branco  
quase nulo o cheiro do mar próximo  
cambaleante o recovado primeiro-bailarino  
tudo sem ímpetos nós os insípidos?

lugar nenhum  
entre um natal e outro  
chão ausente  
onde o nada unge  
a lona que desaba  
definitivamente o circo se evapora.

*Ivo Machado (Portugal)*

## AMANHECER EM PAMPELIDO

*ao Poeta António Salvado*

Vai no fim a primavera  
e as árvores querem-se,  
assim

tremendo de outra luz. Passo  
por elas, rente a elas  
como cão desamparado

Quem sobreviverá à luz  
sobre as árvores? Deus  
ou as moscas?

*Ivo Miguel Barroso (Portugal)*

*“Never seek to tell thy love,  
Love that never told can be”*

William Blake

Não posso inebriar-me por tanta beleza.  
Se os meus olhos não tivessem vislumbrado o teu esplendor,  
teria amado a solidão, esse destino inerte.  
Não mo permitiram os deuses.  
Nenhum oásis olvida a tua presença;  
a incandescência dos olhos  
impede-me de extinguir a fonte originária da minha inquietude.  
Mulher de água, de plenitude inesperada,  
como desejaria beijar,  
longa, perene e delicadamente,  
teus cabelos singularíssimos, compactos, homogêneos.  
(Há tanta coisa que não conheço).  
Beijar teus cabelos seria morrer na harmonia da tua luz.  
Meus olhos amam-te inexoravelmente,  
nas tuas ancas azuis dos teus jardins vedados.  
Ao longe, morrem de amor os ramos,  
pelo caminho transtornado da tua delicadeza.  
Debalde peço a esses ramos:  
— Ide dizer-lhe quanto a amo.  
Quão longe poderia eu assim amar-te.  
Diria a razão, o número das tuas pétalas.  
Escrevo os caminhos eternos. Sou o silêncio e a voz.  
Oculto-me — sou secreto.

Via-te, aprumada e glamorosa,  
no pólo oposto, junto aos apanhadores de borboletas  
(Concerto para violino de Brahms, *Opus 77*).  
As margens do caminho eram invadidas por palmeiras interiores.  
E em pleno nada o tempo não se expandia  
— a essência sempre parca de neve e rosa.  
De vez em quando, comia rebuçados de papel  
(a sua prata era viva).  
Os violinos fragmentados eram as sombras dissolvidas,  
cimitarras bárbaras, num êxtase asfixiante.  
Queria revolucionar a estática imagem, a perenidade dos lábios.  
Só me coube a estrutura espelhada do verso  
— o nó que constrói silêncios.

## **DONDE EMPIEZA LA LLUVIA**

*Para A. Salvado*

Una vez nada más, una tarde de agosto,  
una tarde caliente como un horno de pan,  
con las manos tranquilas, sin que hubiéramos hecho  
nada bueno ni malo, una vez estuvimos  
donde empieza la lluvia.

En el campo amarillo, en la tierra abrasada,  
en el paso suave del aire oscurecido  
algo había tocando las espaldas del tiempo,  
cerrándole los ojos, algo había durmiendo  
dentro de un sueño antiguo.

Cayó entonces la lluvia, desde aquí hasta allá,  
desde esta frontera, como una cortina  
distinguida en altura, definiendo en el suelo  
lo seco y lo mojado, desde este claro aquí  
hasta la lejanía.

No nos midió la vida, ese fue su secreto,  
ese fue su regalo que no premiaba nada,  
que tan sólo se dio. Pero cómo encontrar  
el lugar adecuado para estar otra vez

donde empieza la lluvia.

*Javier Burguillo (Espanha)*

## LA HORA PRESENTE

*Homenaje a António Salvado*

Me dicen que en Portugal  
llaman os novos a los muchachos:  
los nuevos, pienso, los que tienen aún  
por estrenar el mundo. Os novos,  
os novos, digo cien veces esta mañana  
de camino al trabajo, os novos  
nuevamente, con furia,  
porque siento el día como un regalo,  
como un aceite para las viejas cicatrices,  
y el ocaso está lejos todavía y soy dichoso.

## ANTÓNIO SALVADO

On verra, disait-il  
et il montrait du doigt  
les vieux quartiers  
les pierres

un livre ouvert á tous.

L'heure lui donnait le tournis  
les tournesols  
sa raison d'être,

on verra, disait-il...

## **EL GALOPAR DE SALVADO**

*Homenaje a António Salvado*

Hay en la vida de António Salvado  
como un galopar de vida y más vida.  
Como un saber del que nada afirma y  
nada niega, pero ensancha el vivir desde  
el peso del mundo y las horas sagradas  
que no vuelven ni pasan en vano.

Hay, en la palabra recia y vibrante  
de António Salvado, un horizonte de  
cielos ilimitados donde su voz resuena  
y vigila en permanente acción de gracias,  
desde los adentros de su casa  
levantada de adobe y de generosidad.

Hay, como pétalos abiertos, en los sentires  
de António Salvado, ocasión para el gozo,  
para el camino y el brindis del amor, desde  
unas manos traspasadas de bondad y unos  
ojos más indulgentes y limpios, todavía,  
en el límite con el galopar del fuego.

*Jesús Losada (Espanha)*

## LOS LÍMITES DEL OLVIDO

*Para António Salvado*

Ese vuelo detenido en la escritura de tus manos  
son ahora pájaros contemplando la luz  
de nuestra frontera.

Una luz que se hace amarilla  
entre las sábanas de las tardes más lentas.

El cuerpo desnudo, la semilla austera  
despiertan y se alzan  
como un cáliz de vino oscuro entre el olor morado  
del cantueso y la orilla del agua.

... Y una hoguera avanzando por la piel toda  
de esta geografía herida de muerte.

*Joana Lapa (Portugal)*

## FLOR

*Para António Salvado*

Eu queria uma flor  
disse a criança  
e a manhã ofereceu-lhe o regaço,  
uma flor encarnada  
e em vez de pétalas asas,  
disse a criança a medo,  
quase envergonhada,  
como se voar fosse um pecado  
e como se um cálice  
pudesse ser também um abraço,  
um pássaro ou uma pedra preciosa.

A manhã complacente,  
para agradar à criança,  
com o orvalho e a luz nascente  
desenhou no céu uma rosa.

## **E TU, SENTADO**

Uma voz, som que irrompe  
do silêncio; se souberes ouvir,  
se prestares atenção, se for  
o momento da revelação, podes  
explicar o que nunca se entendeu:  
a vida, a morte, o amor às  
árvores, às vinhas e às colinas,  
aos rios e às cidades, às  
manhãs que nascem e às noites  
em que morre a e luz e o dia.  
Uma voz, se ouvida, enche  
o espaço imenso da criação,  
habita-o, dá-lhe o sentido  
que se procurava. E tu, sentado,  
nem sequer mexeste a cabeça,  
ficaste a olhar o infinito, embebido  
e embrenhado no som, no rosto,  
na súbita presença. Meu Deus,  
pensaste. Mas não disseste mais nada.

## TANTO MAR

*Ao Poeta António Salvado*

Aquele homem cheio de amarga sabedoria  
escreve em voz baixa a soletrar a fala íntima do poema  
um mar liso quase um lago  
conchegante  
se espraia à sua frente de margem a lado  
o céu ainda temperado com o frio inverno a cobrir velhos edifícios  
gastos de cinza  
mais o fio-de-prumo dos ciprestes a unir o canto firme das cigarras  
além depois das colinas  
uma planície vertical  
paradoxalmente lavada pelo sol  
que tarde regressa ao sul ourado de verão

pequenas palavras clandestinas ressoam ao ouvido  
pela sala interior da escrita rente à mão  
os livros desarrumados nas estantes  
começam a perder os contornos  
com os seus heróis ocultos  
cheios de virtudes e mistério  
a levantar o pó ao redor do chão  
e um líquido silêncio inunda a respiração da memória  
perturbada pelo sentir de olhos pesados e dormentes  
que nos consome a noite de todos os dias

cansado de pensar  
esquecida a dor recorrente  
sonâmbulo de tanto mar  
retoma pela manhã o caminho azul da montanha  
com o tango dos últimos odores a primavera

mesmo assim atento  
fixa o prazer lúdico na paisagem urbana que célere se levanta no hori-  
zonte  
como um barco à deriva  
livre das amarras

*João Mendes Rosa (Portugal)*

## **NO POMAR DE HERA**

*Para António Salvado*

Ninguém – nem sequer talvez Hera -  
poderia ter dado ao tecido das palavras  
tamanha indistinção entre amor e erudição:  
colheste os frutos (ainda e) sempre em flor  
para antecipares a textura áurea da polpa  
num bosquejo breve de abraço rendido  
ao apelo inebriante da imensidão do arvoredor.  
Tornaste eterno o gesto da colheita  
pois no pomar há-de respirar-se sempre a tua vigília  
e os passos nupciais que alentarão os ventres fecundos  
de amor ou erudição – tanto faz.  
A linhagem das criaturas emocionais, António,  
é que foi - e será - fundamental!  
E aprendemos em cada sílaba do dilema  
que o pomo se colhe sempre em flor,  
antes mesmo de ser dourado e imortal.

## TRAZ-ME UM POEMA VAZIO

*Ao António Salvado*

Traz-me um infinito poema vazio dos profundos  
olhos límpidos dos cavalos,  
um verso estéril em sua memória de luz  
e vergado em suas raízes de outono,  
uma única palavra de chumbo  
para que o perturbador júbilo da aurora  
se oculte pelo silêncio.

\*

Crescem os verbos no naufrágio da repetição  
com que a terra se planta de vultos  
retendo o perfume do mundo  
sobre as obscuras entranhas dos músculos  
indiferente à dor de uma utopia.

\*

Traz-me pois a primordial força do vazio  
onde se sonham as vagas do arco-íris,  
os lírios sobre as ruínas,  
o próprio nome na distancia da negra floresta,  
pois é aí que o viajante se faz voz  
e se alimenta do nada que julga ser tudo  
ameaçando os céus em sua loucura.

\*

É aí que se mastiga o sustento entre os clarões,  
a trágica e tão real ilusão de se estar vivo  
quando na névoa se sonha só como os poetas,  
“é num rosto promessa: no rubor  
das videiras e bagos de romã.”

\*

Traz-me um incomensurável poema desabitado  
onde o pó e a transparência efabulem  
do regozijo mais puro do amor.  
Traz-me o bárbaro verso de alucinados poetas.

\*

E como quem mastiga o mosto escorrendo da língua  
traz-me os óleos e um lenho enxuto de oliveira,  
“meu coração de carne e alguma cinza...”

*João Rui de Sousa (Portugal)*

## **PALAVRAS NÃO SÓ PALAVRAS**

*para o António Salvado,  
com um abraço*

Eram palavras graves ou soturnas  
que nunca eram vãs nem tinham a postura  
de serem decisivas ou as últimas.

Eram palavras que, embora nascidas  
na terra dura, cresciam na destreza  
e na brandura dos dedos e da brisa.

Eram palavras que, mesmo no frio  
dos lagos e das lajes, sabiam abrir  
sulcos de um fogo inesperado.

Por vezes, eram palavras cantantes,  
musicais, divididas entre a regular cadência  
dos moinhos e o respirar dos prados.

Eram comuns palavras que - eufóricas  
ou razando o pranto – amiúde exaltavam  
as surpresas do imediato, a fulgurância  
das rosas e a mais absoluta maciez das aves.

## ANTÓNIO SALVADO

No mais recôndito aceno ou verso,  
por ser insondável a sua natureza,  
uma alegre e imperceptível tristeza  
detonou num poema além disperso.

Outro emerge definido, com certeza,  
tal como as ave-marias do terço;  
regressa ao céu, ao sono de novo verso,  
ateu e rude, interrompendo a reza.

Só então as lágrimas, as mais choradas,  
as que, por mais subtis ou disfarçadas,  
desabam rosto abaixo, quais grafemas,

deixando a descoberto mágoas e penas,  
restos não cristalizados doutros poemas  
ou mais lágrimas, mais lágrimas abençoadas.

*Joaquim Cardoso Dias (Portugal)*

## NOTÍCIA PARA UM POEMA DE ANTÓNIO SALVADO

deito-me  
para não ser expulso do paraíso  
mas uma gota da tua água  
acorda-me  
na claridade

*Jorge Cadavid (Colômbia)*

## **RESPUESTA A UN POEMA DE ANTÓNIO SALVADO**

Querido António: Desde el otro lado del océano  
he leído tu singular poema Amistad  
en el que un niño sucio lanza piedras a un perro.  
La extrañeza está en que el perro iluminado no huye.  
Todo lo contrario. Esquiva las piedras  
y viene junto al niño para lamerle la cara.  
El signo sorprende al objeto  
y lo arrastra a otro lugar  
más allá de sus límites.  
En tu poema amo lo invisible  
el corazón que pesa más que una piedra  
la sencillez con que se entrelazan ahora  
“la manita muy sucia del niño” en éxtasis  
Y el cuello peludo de aquel santo  
caminando en dirección del sol.

*Jorge Fragoso (Portugal)*

## **INFINITUDE**

*Para o António Salvado*

Na palavra como gesto de sentido  
percorre o desenho de um cosmos  
numa figura berço da razão  
e poema

Sereno o traço da voz homérica  
labor perene de minúcia  
ergue o dizer aos deuses  
que faz de pedra e de distância

A construção do mundo no toque da mão  
edifica o ser em voz de ferro e água  
e no jardim do mito além da vida  
todo o olhar como flor de aço e seda

*José Agostinho Baptista (Portugal)*

Prende-me na rotação dos teus braços,  
nas pás do teu moinho,  
onde trituras o cereal das descendências.  
Descende e eleva-te como a pirâmide no planalto da  
minha ausência,  
da minha alcova de minerais intensos,  
da minha arca vazia,  
e serei, quer queiras quer não,  
uma promessa de aves mudas,  
um altar profano,  
o senhor das alucinações,  
vibração de lantejoulas, com esse brilho que  
a carne ostenta.  
Se doer,  
se reabrires a ferida,  
calar-se-ão os lamentos da minha árvore, alta,  
inacessível como uma vertigem.

In "Caminharei pelo Vale da Sombra", Assírio & Alvim, Lisboa, 2011, p. 29.

*José Amador Martín Sánchez (Espanha)*

## LA VERDAD DEL DÍA

**Dedicado a António Salvado**

*Cercados por la esperanza, traspasados  
por el quejido, tenemos la certeza  
de la Hora en el día a día, del límite  
del muro edificado en nuestro espíritu.*

*A. S. La Hora Sagrada*

Siento ríos de silencio  
sobre los muros,  
cuando llega la noche  
de soledad y olvido.

Acuno una esperanza  
en cada sueño,  
un mar que se desborda,  
de pasión extendida,  
sobre la ciudad  
melancólica y nocturna

Luego cae la luz y callan los ecos  
mientras dura el milagro  
que enciende al alba el primer sol.  
Luz silenciosa que desciende  
hasta las calles,  
cauce de luz  
pausado en el tiempo

Luz que me encuentra buscando,  
entre restos de naufragio  
horas olvidadas,  
fragmentos  
que nunca fueron,  
ni serán,  
memoria viva  
ni historia.

Entre las sombras  
se oculta la verdad del día.  
Ellas  
establecen el límite real  
de lo que nunca fue:  
cristal de espacios  
donde encontrar las horas.

Hay muros de sombra,  
muros de silencio,  
muros edificados al borde de los sueños,  
muros de indiferencia,  
en la verdad del día.

Posiblemente  
mi esperanza  
no será más  
nuestra esperanza,  
cuando,  
traspasado el corazón  
con el filo de la nada,  
navigue el espíritu por áridos mares  
cubierto con el salitre y la herrumbre  
del tiempo fugitivo  
del espacio, perdido, de mis sueños.

*José Antonio Valle Alonso (Espanha)*

## LA FLOR DEL CORAZÓN

A António Salvado.  
Por las Veladas de poesía y amistad pasadas juntos.

*Grato me é agradecer  
a limpada pureza do pensamento...  
António Salvado*

Hoy tengo el pensamiento acelerado,  
quiero llegar a tiempo, es primavera.  
La flor del corazón es la primera  
que florece de Amor en cualquier lado.  
Hoy tengo el sentimiento desbordado  
y la mañana floreció y no espera.  
Tengo una cita en blanco en la ribera  
adentro por la izquierda en el costado.  
Al hontanar dulcísimo del sueño  
vuelvo a beber las aguas del ensueño.  
Y alto de fe me acerco a mi plegaria.  
Dos racimos de llanto desgranados.  
Flor del Amor, Amor de mis cuidados.  
Sed de mi sed que crece solitaria.

*José Carlos González (Portugal)*

## TESTEMUNHO

*Ao António Salvado*

Trago-te um poema como um filho pela  
mão depois de longa jornada por flo-  
restas e desertos dentro,

Trago-te uma maçã reineta rainha do arvoredor  
e fascinação dos pássaros,

Trago-te depois de tantos anos a reacesa prome-  
sa da amizade no meio de gritos e  
luzes cegadoras,

Trago-te uma mão firme ainda e um olhar sem  
traição á nossa juventude,

Trago-te enfim o que um irmão de sangue de  
astros tem como única e rútila estrela  
na cabeça e no coração.

Hoje um sol talvez precoce  
quase infantil e arbitrário  
veio baixar o pano do dia.

Entre as pedras e as ervas  
Uma indefinível sorte  
se vai pouco a pouco  
desenhando.

Cantam pássaros sim  
os cantores únicos  
do crepúsculo.

E lentamente se define  
o rosto agrário perfeito  
da noite  
maternalmente estrelada.

## **REINVENTAR É PRECISO!**

Na pedra musgosa, é baixa-mar.  
Algas que bailam, peixinhos felizes.  
A estrela-do-mar aninha-se ali,  
Mencia-se a anémoma numa vaidade...

Esta água, assim, donde é que virá?  
Que pés já molhou,  
que cascos lambeu,  
que plâncton esconde?

Saboreia o tempo este marulhar.  
E a aragem não corre: perpassa mansinho...

Na arriba, porém, já range o comboio.  
E os seus passageiros bem mexem os dedos,  
Mensagem urgente que querem mandar.  
Não sonham com brisas nem sabem do mar!...

Não brincam ali os golfinhos d'outrora;  
Vorazes gaivotas perderam poesia;  
E bem ao rés d'água veloz pato-negro  
Convida a fugir para outras paragens...

Reinvento o mar, urgência tamanha.  
Revérberos de luz na água a brincar.  
Pequenez a nossa, imenso o sol-pôr,  
Certeza de amanhã, que há-de chegar!

## LAMENTAÇÃO DA MONDADEIRA DE ARROZ

Ontem fui à criminosa  
Não há nada que se esconda  
Maioral de voz raivosa  
Mandou-me para a monda.  
Vou passar o dia inteiro  
Com os pés na água fria  
Chegam as febres primeiro  
Logo se afasta a alegria.  
No pátio que é nosso mundo  
Nunca chega a Primavera  
Há um silêncio profundo  
Todos ficamos à espera.  
Os filhos, noras e família  
A mulher que vive ao lado  
São para ele a mobília  
Do querer descontrolado.  
Onde ninguém tem vontade  
Própria, nascida em raiz  
Nem sonho de liberdade  
Fora do que o maioral diz.  
Na Senhora de Alcamé  
Procissão, bênção do gado  
Todo o mistério da fé  
Continua indecifrado.  
Teimosia milenar  
Resiste num tempo lento  
Aquilo que vou cantar  
É levado pelo vento.

## **ESCRITA E LEITURA**

Um dia  
A memória reinventada de quem esquece  
Aprenderemos  
O iluminado cinzento que enganou a luz  
A escrever  
A fala que se oferece a quem não vemos

Um dia aprenderemos a escrever  
O ouvido aberto para quem nada diz

Um dia  
A necessidade do que parece desnecessário  
Aprenderemos  
O absoluto absolutamente relativo  
A escrever  
A perfeição já ali, inatingível

Um dia aprenderemos a escrever  
A sedução de um sopro carinhoso

Um dia  
A vida breve na memória eterna  
Aprenderemos  
O incompleto pedaço de agora perdido no enorme depois  
A escrever  
O ruído silencioso das multidões em nós

Um dia aprenderemos a escrever  
A semente de medo que minimiza a coragem

Um dia aprenderemos a escrever  
O eterno desafio à vida, que num instante vence

Sem nos vencer  
Nesse dia aprendemos a ler

## 5 MOVEMENTS OP5 WEBERN [BOULEZ]

Abrupta rudeza, rude,  
As pancadas rudes que descarnem os ossos, rasgam a pauta.  
Reinstala o mais exausto, o que raspa o eco fechado, insidioso,  
sustenido, e [a  
Música] arrebatada, descamba.  
A orná-la, a rispidez da espiral baloiçante em derrocadas.  
Descai, por detrás, de lá de dentro,  
Ascende-se ao vazio, soa tão imperfeito,  
É incompreensível. [2,53]

Se vislumbram horizontes rejeitados, a deslizar  
Ao longo das poeiras estendidas até ao regresso  
À imobilidade.  
Entorpecem os delírios da euforia. Espaçada,  
A afastar-se de si,  
O clarão afasta-se e emergem altos e baixos ofegantes,  
Desfraldados, [2,13]

A finura sussurada. [0,43]

Desprende-se a ranger o que ilumina e espanta, retraça o  
Divino. Resplandecente a escuridão que não se afasta da acalmia,  
fragiliza. [1,28]

Encosta o ouvido. Dedilha. A impaciência dispersa-se na profundidade  
da quietude. Atrai  
A mais densa inexactidão, ávida, sem afrouxar, altíssima,  
O som primeiro, derrubado.  
Esses movimentos oferecem uma indeterminável  
Blasfémia a Deus. [3,19]

## ECCE HOMO

A noite contém tudo o que a vida contém,  
mas reflectido como que um espelho.  
Pouso os joelhos e os antebraços.  
É um disco,  
um sulco,  
um sopro que projecta o corpo  
para a superfície do Outro lado especular.  
Há sempre outras palavras  
atrás das palavras –  
e outros espelhos atrás de outros espelhos.  
Ponho o peito sobre o vidro,  
o ventre contra a reflexão,  
e tenho os pulsos e as palmas das mãos  
Ajustados para combater.

A caneta é uma lança com um tubo que vara a escuridão,  
Conduz-se pelos ares  
Pelo encadeamento das imagens.  
Na paisagem de pedra  
Uma visão de exércitos batendo os calcanhares.  
À minha mão não vem uma esponja que ensope o sangue,  
Nem que impeça a transmutação dos sentidos do texto  
Não vejo a Vitória  
Nem ao longe.  
De uns versos já abortivos  
Vêm-me sabores de morte à boca.

O terror do fim –  
Acabar sem nada ter escrito na vida,  
Nem contra o espelho.  
É desta corrente que me atinjo  
Olhando o fio pequeno Silente ínfimo veio de vida que me alcança  
O rio.  
É nesse esteio  
Que pode afogar-se o próprio sangue,  
Ou a tinta, ou o soro  
Que é uma tinta de outra espécie mais dolorosa  
Atirada  
Pelos penhascos da escrita.  
E é ele mesmo a abertura de vários rios,  
Correndo os fossos em redor do baluarte,  
Infiltrando-se  
Na defesa cavada Rocha a rocha para travar  
a agitação que me invade –  
Este frio correndo através do cume da cabeça,  
através das mãos inchadas  
pela torrente afora,  
Agitada

agitada

agitada

Pressinto o jorrar das setas,  
O alto clamor do inimigo que me invade a cabeça,  
    Pressinto a torrente que vem dos golfos,  
do ardente pulsar do medo,  
A dureza  
do corpo quando vem a noite a noite a noite  
    Viro os olhos para o lado original do espelho,  
Carrego a letra,  
sublinho os vocábulos até à exaustão,  
não consigo dobrar o pescoço nas alturas,  
    tenho os tendões na nebulosa.  
Não consigo olhar,  
não consigo ler o que sublinho,  
    tão-pouco recordo o que Já escrevi.  
Ansiosamente desconfio  
que o curso do sangue  
foi alterado algures entre os pulmões e o coração.  
É certamente uma nova armadilha,  
    O laço que prende as imaginações para proceder à execução  
final.

Penso –

    É agora que vou morrer.

        Mas  
        muda-se a agulha para o peito,  
        Acerta-se o ponteiro  
para o lado mais insuflado do corpo  
    – o espírito.

Ferido no campo de batalha,

Sinto que me sobe o sangue ao cérebro,  
abrangendo os contrafortes do espírito.  
E pressinto que fui  
tomado pelos pés e que fui despojado das minhas últimas armas,  
Que fui fixado ao chão  
e que a meu lado  
Foi posto um ferro:  
Está nas mãos de quem zombará da minha força.

Sinto-me

Guardado para a pior das humilhações.

Porém,

Sigo adiante do que foi escrito,  
no limiar do espelho, avistando os elevados penedos que se alteiam para  
além da página.  
Ainda que já cativo  
Ainda que já condenado.

Sei que vou ser muito mais esmagado  
no ponto onde o meu corpo está pousado,  
E coroadado de espinhos,  
E despido das minhas vestes  
E de cana verde nas mãos,  
E coberto de púrpura  
E escarnecido  
Como O meu Senhor-Que-Vive-e-Reina em mim  
Pelos séculos dos séculos.

Tiro então o texto da página,  
atiro o corpo mais para o centro,  
puxo os sentidos até à exaustação.

Aguento  
até ao rebordo, com os joelhos flectidos nas paredes do espírito.

Vão quebrar-me os ossos contra as pedras,

Vão apedrejar-me até à morte.

Amén.

*José Jorge Letria (Portugal)*

## **FALA COLADA AO SUSSURRO DAS FONTES**

*Poema para António Salvado*

O poeta divide os dias em metades  
de música e luz, de revelação e assombro  
sem nunca alijar a mágica bagagem da palavra.  
Tesouro secreto de tudo quanto sente e sabe,  
o poeta mora nos livros com o desprendimento cantante  
dos marinheiros repetindo o périplo de Ulisses,  
e que ninguém lhe pergunte o que dirão as palavras  
depois de quase tudo ter sido já dito.  
E vem Bashô pelas íngremes veredas  
da fala colada ao sussurro das fontes  
e dá nome ao que nome não tem, nunca teve,  
na página de vento onde as verdades  
se deixam somente pressentir, manso voo das borboletas.

O poeta habita o poema devagar  
com a exaltação rebelde das aves que só aceitam  
como limite o teatro azul do céu sem fim  
e depois se ocultam nos recantos da noite  
para não terem de decifrar  
o antiquíssimo mistério do voo,  
oficiantes da suprema liberdade da vida.  
E tudo isto pode ser apenas silêncio,  
boca colada ao desejo de não dizer,  
de abreviar, de tornar ínfimo e íntimo  
o que tende a ser torrencial, caudaloso, brutal.  
O poeta, Oriente e Ocidente de si mesmo,  
cruza as rotas, os mapas, as linhas do destino  
e escreve, antes da palavra fim,  
tudo o que sendo breve lhe ilumina alma,  
tudo o que sendo leve lhe incendeia a voz.

## **LA PLAYA SON TUS OJOS**

Entrega la luz y moviliza el viento  
quedan sólo en mis ojos humo de madrugada  
y este sabor del aire cuando besas,  
cuando te acercas a mi silencio inútil.

Vuelve tu piel, retorna a los encuentros,  
hay un lago esperando tu voz y tu sonrisa,  
cansadamente digo: «la playa son tus ojos»  
y aparece la lluvia con el otoño siempre.

Con el otoño siempre movilizo los labios,  
los acerco a esta espera de tu latido y pulso,  
borro el gris de la nube y amanezco.  
Un niño está llorando ausencias y caricias.

Ordena mis asombros cuando muera,  
este pobre esqueleto se sostiene  
como el milagro azul de las tristezas,  
renqueante de musgo y de cansancios.

Bucea entre la piedra y los recuerdos  
vivifica los sueños y entrégame tu amor.

*José Manuel Capêlo (Portugal)*

## SUPREMA INTENÇÃO

*a António Salvado*

Nada sem forma. A rua larga, albicastra, a forma esguia  
duma face em perfil, um sorriso num copo cheio de mim.  
Meu pai ... Quando sou eu? Talvez, um dia, quando o mar  
se chegar mais próximo. Quando a terra deixar de vacilar,  
ou quando a natureza se mostrar na sua grandeza, sem os  
desvarios dos homens. Quando Deus e o Diabo quiserem,  
sem que me modifique ou esqueça, sem deixar de pensar  
que por aqui passei, menir antepassado, narrativa em pedra,  
silhueta apontada à imensidão árida.  
Quando me procurarem e encontrarem na porção de tudo  
e nada!...

## MEDITACIÓN EN CASTILLA

*Para António Salvado*

Muero en la luz. Siempre  
asido a su libertad, a su destino  
en este paisaje donde soy, en  
esta hora donde padezco  
la alta mirada que se  
cruza hoy en mí, que  
me deshace en su volver  
al origen, al desorden  
causado por la frágil  
desnudez de sus dedos  
cuando me indican  
el camino, la ruta, la  
desdichada sordidez del día.  
Muero en la luz que es  
como morir despacio. A veces  
me desangro en lúcidos  
caminos, en insospechados  
y negros valles, en senderos  
ocultos por la maleza de  
los ojos. Entonces caigo  
lentamente al precipicio de  
la niebla. Me confundo con  
todos los que olvidan su huella  
en el barro desnudo.

*José Miguel Santolaya Silva (Peru)*

## DIME POETA ANTÓNIO SALVADO

*“Mas el arte es puro juego  
que es igual a pura vida,  
que es igual a puro fuego.  
Veréis el ascua encendida.  
Antonio Machado*

Ruedan los dados de César Vallejo...

Es puro juego,

el juego eterno de la Vida.

Tus “Pasos perdidos”

Paso a paso son pura vida.

Tu Poesía interior a puro fuego

amalgama el oro puro de tu verso.

Desde lo alto del Monte-Santo derramas tu amor fundido

hasta tu Castillo Blanco

de sueños y poesía aurea.

Dime Poeta: Si todo el Arte

es puro juego que siempre le ganaste a la pura vida...al Amor.

Antorcha eterna siempre encendida.

*José Pulido (Venezuela)*

## EL UNO Y EL OTRO

*Para el poeta Salvado, grande y humilde*

Con su lengua de seda y telaraña  
Dios procede a soñar

Con su lengua de brisa que penetra  
el abismo de una corola  
Dios prueba la poesía

Con su lengua de pez a punto de ser tragado  
Dios habita en las palabras del poeta

Con su niñez entre pecho y espalda  
el poeta compone un oído para escuchar  
los pasos de la luz

La espera del destino  
es una flor de sal en el desierto  
y Dios saca su lengua de sombra de camello

Bajo el peso de tantas veces  
que pasó la luna  
el poeta sufre un ala rota

Dios jamás ha usado sus pies para correr  
los poetas no pueden huir a ras de ejidos  
aunque vayan dejando  
un alpiste de amores por la senda

El poeta le asigna un verso a los ángeles  
y establece la soledad  
los ángeles sólo se posan  
en el centro mismo del amor.

El poeta con su voz de sueño anegado  
tendrá que cantar  
Dios le ha dado el dolor  
para que sufra en las alturas

Con sus ojos de poeta enfermo  
Dios mira la alegría y se alegra

## **PARA QUE HOUVESSSES**

Pintei de verde a porta de casa duas vezes  
Para que houvesse cidade  
A rua ficou com uma demão de espera  
Para que tu viesses ver o Outono inteiro  
Fosses da cidade com o sol noutras horas

Pintei a porta de casa duas vezes  
Porque na cidade tudo é vil velho e agradecido  
Porque o sujo vive no vento e cresce

Pintei a porta de verde e vi-me na rua  
Onde o turista navega mapas e cega  
Onde os pássaros morrem fechados no ar  
Onde os pássaros têm um chão pobre nas asas  
E atónitos perseguem letras de jornal voado

Pintei de verde a porta de casa duas vezes  
Para te merecer o rosto e a água  
Para que houvesse uma flor contra o lixo  
A tipuana voltasse a ser árvore  
Deixando crescer nela os pássaros

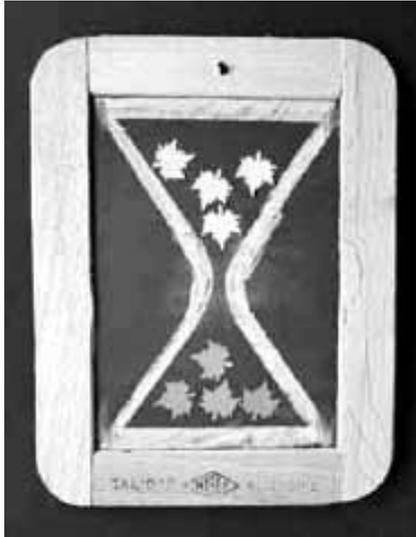
*Juan Carlos López (España)*

## CONTEMPLACIÓN DE LA PALABRA

*Para António Salvado*

Medita el aire y brota un mirlo.  
Son tus ojos que buscan el poema,  
el don que nadie ha visto,  
el alma que anida entre los dioses,  
los signos que emergen de la luz,  
la harina del hombre,  
el silencio.

*Juan Rosco (Espanha)*



Dolor

*Juan Ángel Torres Rechy (Espanha)*

## **LE PREGUNTO A MI AMIGO SI EL AGUA Y LA PIEDRA**

*Para António y Adelaide Salvado*

Le pregunto a mi amigo si el agua y la piedra  
son solo eso.  
Si el gato y la ventana y el pensamiento...

Responde que duda, que no sabe  
por qué ese gato puede ser el del ángel pródigo.  
Fue un vagabundo, creo, quien me dijo  
que el ángel se sentó a la orilla del río  
y puso el animal entre sus piernas.  
Contó sus pelos, uno a uno, sí,  
y vio que su número era la oscura cifra  
de quienes lo acompañaban en su destierro.  
Sopló en su nariz diminuta  
y puso en sus pupilas verticales  
el brillo escarlata de sus ojos.

Un día –continuó mi hermano–,  
escuché maullidos en la ventana.  
Me dieron tanto miedo...  
Por eso me pregunto si el gato y el agua  
son solo gato y solo agua y piedra.

La piedra no pudo ocultar  
de cien personas la infernal furia,  
de cuerpos y cabezas destrozados,  
ni explicar cómo en sus altos muros  
al igual que flores en el campo brotaron  
rostros, cuya fisonomía no fue tallada  
por mano de hombre,  
sino por perseverantes plegarias.

El agua, sin embargo, es solo agua  
—concluimos una noche él y yo—.  
Ningún misterio vive en esa casta  
y graciosa pequeña de cristal,  
ningún arcano neuma palpita  
en su blanca seda,  
aunque encuentre imposible esconder  
con la piedra, el gato y la noche  
el constante murmullo lusitano,  
nostálgico,  
opaco y antiguo, humano,  
que resuena aun en el lamento  
de los ángeles muertos en el bosque,  
donde niños juegan y bailan y cantan  
romances, en un lenguaje olvidado.  
Remota añoranza de la memoria  
en la distancia del ser.

Solo el canto, solo los niños, quizá, o  
el prójimo al otro lado del espejo...

El agua, mansita, e incesante, la piedra.  
Tú y yo, como ayer –me dijo–,  
como la persona en estos signos  
que toca nuestro pecho  
con un puñado de tierra y de luz de luna.

*Julião Bernardes (Portugal)*

## QUANDO O VENTO ME TRAZ SONHOS DE ASAS

*ao Poeta António Salvado  
na comunhão da poesia*

Quando o vento me traz sonhos de asas  
cruzando livremente o céu azul,  
aquieta-se o tempo, nada bule  
no meu sono acordado, entre brasas.

Perpasso marés-cheias, marés vazas  
em navios de sol, de Norte a Sul!...  
Talvez na pulsação se dissimule  
Um novo mundo, de águas puras, rasas.

De longe, a lonjura não afasta  
o que de Longe vem, é pura essência  
– sem ter medida, é o que nos basta.

Feliz de quem se afirma na consciência  
de tudo o que o domina e o arrasta  
pra lá do que é real, sendo aparência.

## **AOS POETAS BEIRÕES**

Para lá das serras esperam horizontes  
que de lágrimas se enchem e alimentam  
choram as gentes desta Beira que lamentam  
a partida dos que passam esses montes

Mudos carpires de sentida dor  
acenos de lenços brancos para alguém  
partem esperanças plenas de fervor  
regressam em glória, mais altos que ninguém

Aqui nasceu o Poeta, que um dia partiu  
e quando a saudade doeu e sentiu  
por Amor, voltou...

e nesse Amar, o Amor eternizou  
por mais querer ser teu, um dia, tornou  
para ti e para de ti, Mulher e Terra, fazer Poema.

*Leocádia Regalo (Portugal)*

## MOEDA DE TROCA

*A caneta pousou neste sossego  
da minha insónia com tranquilidade.*

António Salvado

Circundamo-nos de silêncio  
respeitamos o silêncio  
veneramos o silêncio.

Não perguntamos por  
que somos assim.  
Entendemo-nos nesse  
silêncio gerador que  
não é mutismo  
não é ausência  
não é solidão.

Antes é  
partilha  
contacto do coração  
entrega  
mera união  
talvez perfeição  
o berço da invenção.

É tão indecifrável  
este silêncio  
que não vale a pena  
questionar  
a nossa inquietação.

Ser inquieto é existir.

Aprendemos o silêncio.  
Não podemos delapidar as palavras.  
Ama-se em silêncio  
com silêncio se estilhaça  
duas faces da mesma moeda  
de troca.

*Leopoldo López Samprón (Espanha)*

## LOS COLORES DEL BOSQUE

*Para el gran poeta portugués  
y amigo, António Salvado*

Una fulguración de estrellas  
pone luz a la bronca sinfonía  
de los cuatro puntos cardinales  
que en el bosque forman sus esquinas.

En el umbral del sueño, todavía  
se asoman rendijas de penumbra  
junto con el color del veneno verde  
entre la cortezas que se pierden,

contando los recodos de sus días  
en el yunque del letargo y las espumas  
blancas, que en riachuelos temporales  
poco a poco van y lo desangran.

Bajo sus ramas grises, la oscura noche,  
(la sonrisa amarilla de la muerte),  
acaba con sus rutas de guadaña  
y lo troncos cogen el olvido  
en el rojo y siniestro atardecer...

Por él pasaron niños y princesas  
y los corceles a galope tendido;  
hoy la marronez de la hojarasca  
cubre sus suelos y caminos.

No conoce el largo teorema  
por donde se recuperan los amigos,  
y en sus costado, mirando al frente,  
he visto rojas amapolas en los trigales.

¡Quién sabe, hermano, el destino  
ni el color de la Esperanza;  
si Dios, en el barbecho malherido,

hace renacer los nuevos árboles  
donde tú, poeta António, vives,  
y yo, tu admirador, aún respiro  
a pesar de la lucha y las edades.

## TARDE DE VERÃO

Uma tarde de Verão – pode ser Domingo –  
que começa mal acaba o café do almoço  
é uma tarde boa para se viver dentro.

Sou por inteiro nesta tarde  
que nenhum deus viola nem nenhuma razão:  
sou pele e cérebro sem disjunção.

Sou um corpo de mãos pousadas em descanso.  
O riso das crianças e os carros que passam  
não me pertencem:  
são de uma paisagem que se desfaz no calor da tarde  
com um sopro de Botticelli

[O álcool dilui o dia,  
torna a tarde um átomo feliz comigo dentro  
como se o tempo e eu  
nunca tivéssemos estado separados].

Que venha a noite e o sono;  
que seja eterna esta tarde de tinta.

## COISAS PERDIDAS

Não foi na infância que fomos felizes.  
Nós não entendemos nada do passado e ao mais escuro de nós  
chamamos infância.  
Assim começam todas as biografias.

A infância dos outros é que te comove.  
Disfarçadamente contas as sílabas do teu nome  
e lembrás-te de um muro baixo, de um jardim  
ou de um jardim sem muro  
ou de um muro sem jardim.

O sol que cerca as casas de silêncio  
é o mesmo aqui e dentro da memória?  
Que espécie de realidade damos às coisas perdidas?  
Alguém já pensou isto; se buscas o novo  
deixa à porta do poema as tuas ilusões.

In, Os Dias Inventados, Gótica, Lisboa, 2001

## **ESCREVO-TE**

Escrevo-te. Na alva folha do bloco.  
Risco e torno a dizer o quanto as  
palavras são água para a sede de poesia  
na terra seca de homens com outra sede.  
Escrevo-te para celebrar a tua pegada  
na terra deserta de música, onde as asas  
da liberdade há muito deixaram de passar.  
Escrevo-te contra a nudez dos muros  
do impiedoso silêncio, de um vazio que dói  
este cheiro que anuncia a prematura morte das palavras.  
Celebro-te apenas e é tanto. Por seres o clarão  
iluminando de esperança um tempo sombrio.

*Luis Frayle Delgado (Espanha)*

## **...Y TU NOMBRE SALVACIÓN DE TUS AMIGOS**

*Para mi amigo António Salvado*

Tu hacer nuevas las cosas  
va recogiendo pétalos de invierno  
y las heridas del tiempo  
iluminan tus horas de silencios.

Las noches son propicias  
para mirar estos misterios  
a la luz escondida de la áspera tierra  
que duele entre los dedos.

Te nace un santo fulgor  
de los pesares que llevas en los hombros  
y en las arenas del desierto  
cantan tus espigas blancas.

Vas dejando la hermosura entre las hojas  
que han caído de tu árbol  
que azotaron recios vendavales  
mientras tu palabra florecía.

Eres piedra amasada  
en la artesa sosegada de tu pecho,  
casa para el corazón de hermano,  
y tu nombre salvación de tus amigos.

*Luis Guillermo Alonso (España)*

## PERDERSE EN SALAMANCA

Perderse en Salamanca, extraña suerte.  
Poco después, leerte  
y desde el interior de hondo recuerdo.

*Para Antonio Salvador*

Supo “a moras silvestres” lenta tarde  
bajo templado azul y brisa tramontana  
en ocasos y aromas de ultramar.

El alma, en su vaivén, en El navega  
v de noche se sacia  
al solo resplandor de fiel estrella.

Y “donde nace el cántico” -aún en su cuna el sol-  
salgo en tu búsqueda,  
seguro ya de hallarte  
pascando tu silencio con ese ángel siempre madrugador.

Piso el césped más tierno del jardín  
-no importa si haya aún nieblas matinales-  
Él puede reconocer si, tras tus huellas,  
vienen también las mías a encontrarle.

Pueden ser invisibles las presencias  
que, pasadas las noches, Él convoca  
a son de la espadaña de una ermita escondida.

Jardines apacibles, sendas, sombras.  
Pero la fuente es única y su llamada es única,  
“entonando silencios entre sí”.

*Luis Quintais (Espanha)*

## **A RECIDIVA FLOR DE NINGUÉM**

*Para o António Salvado*

A recidiva flor de ninguém  
haveria de sulcar  
a frágil pele  
da terra.

## **ESTÉTICA DO LAHARSISMO (FRAGMENTO)**

...deslocar o mundo para os subterrâneos da dissemelhança ou para a descoberta monádica-vertiginosa do próprio mistério-germinativo: teia dinâmica de ecos fractais que reabilita a alucinação da estética cavalgadora-surfista (não há disposições estáticas, há corpos em intermitência, em alucinantes sensorialidades, moléculas fantasmáticas-oscilantes que constituem imagens-choque: corpo-descentrado-sedutor e tudo se desmorona, tudo se regenera indomavelmente criando um museu-vivo cosmogónico onde um alfabeto se regermina entre contrastes sincrónicos e redemoinhos-áreas-de-risco): este LAHAR que se redobra no conhecimento do desconhecido sobre a infinita expansão da língua secreta ou de algo que ainda não nasceu porque vive da experiência do desastre, da liquefacção das redes magnéticas: a voz tenta surgir para negar as respostas e recriar anonimamente a afectividade instintual do mundo (jogos de eixos, de dardos sonoros-mascarados que retornam e se dispõem no diverso e dizem: forças-regeneradoras-de-vida) o poeta-surfista-sonâmbulo revitaliza-se no desaparecimento e a palavra surge desviada, deslocada, apinhada de rasgos, de distribuições, de confrontos (criaturas ressoando numa afluência de ciclicidades híbridas): o movimento da cosmicidade feiticeira... os poetas caminham nas sombras ardentes dos fósseis: são raros ...aqueles que escutam os seus silêncios\_\_\_\_\_

*Lúisa Freire (Portugal)*

No curso do tempo e  
no decurso do nosso próprio tempo nada é  
definitivo e tudo acontece como se a nossa história  
fosse evoluindo connosco  
sem cenário fixo, sem guião ou argumento -  
um roteiro móvel em que as personagens  
aparecem e desaparecem da cena viva em questão e  
onde se desenrola toda a rede do enredo que foi nosso.

Quando a memória projecta o filme que rodámos,  
é sempre uma história diferente e frustrante a que  
ali vemos -  
essa que nos surpreende, desavisados que somos  
do que fomos.

Do livro inédito *O Centro e o Cerco*

## **E NEM CHEGAS AO FOGO DOS DIAS FELIZES**

tenho vinte mil posições, entre sentada  
e deitada, para ler o teu último livro. em muitas  
estou como se atrás de mim houvesse um gato  
para afagar: estico o braço roliço  
e sobe-me o vestido por onde entram as tuas  
palavras loucas. mas não sou katia, ó meu tradutor  
de fábulas, sou mais a descalça das três irmãs  
ou Teresa a sonhar o brilho do teu cavalo.  
mas se fosses um corvo à espera do meu despertar,  
deixava-te cair no meu peito fresco. porém,  
despedes-te com rosas murchas e os dias  
felizes param, à beira do poço escuro,  
enquanto através dum pequeno  
espelho, espero o teu regresso lento  
e perfeito. porque sei que aguardas  
a estação dos morangos

## TARDE DE VERÃO

Uma tarde de Verão – pode ser Domingo –  
que começa mal acaba o café do almoço  
é uma tarde boa para se viver dentro.

Sou por inteiro nesta tarde  
que nenhum deus viola nem nenhuma razão:  
sou pele e cérebro sem disjunção.

Sou um corpo de mãos pousadas em descanso.  
O riso das crianças e os carros que passam  
não me pertencem:  
são de uma paisagem que se desfaz no calor da tarde  
com um sopro de Botticelli

[O álcool dilui o dia,  
torna a tarde um átomo feliz comigo dentro  
como se o tempo e eu  
nunca tivéssemos estado separados].

Que venha a noite e o sono;  
que seja eterna esta tarde de tinta.

## **MINHA ALDEIA E MEUS CHINELOS**

em meus chinelos trago a minha aldeia  
sob meu rastro tatuada e eterna

meu trisavô pulsando em minhas veias

minha palavra é sua voz interna  
o seu olhar em meu sorriso sonha

em meu sorriso, seu olhar hiberna

a minha aldeia segue o meu destino  
meu trisavô em mim refaz seus elos

se no universo penso e me confino  
é que meu mundo trago em meus chinelos

*Manuel Barata (Portugal)*

## UM POETA

*Para António Salvado*

Jovem, muito jovem,  
Da musa recebeu  
O divino estro.

Honrando a dádiva,  
O mundo recriou  
- E recria ainda -,  
Com deliciosos versos.

De costas voltadas  
Prò crepúsculo  
E ignorando o tempo,  
A sua poesia  
Guarda a frescura  
De sempre!

*Manuel Silva Terra (Portugal)*

anTónio  
tem o sal e a salva  
no nome  
SALVADO  
que salva

um nome vertical  
à sua sombra  
descascamos palavras  
encontramos  
a semente  
delicada  
que se enraíza  
nas fendas graníticas

saboreamos  
o sentido arcano

## SERENAMENTE

O rio caminha  
serenamente  
caminha...  
Sulcos de prata ondulantes  
cadenciadamente  
caminham...  
Encaminho os sentidos  
e plano à superfície das águas  
afinando -me com os sons  
e suaves cores envolventes.  
Pescadores coabitam  
com gaivotas  
o anzol aguardando o encontro  
e o rastro dourado  
aquece a alma e encandeia  
o olhar.  
Enquanto o rio  
serenamente  
caminha...

## LA RESISTENCIA DE LOS ROBLES

*Bienaventurado el hombre que halla sabiduría [...]*

*Ella es árbol de vida a los que de ella echan mano,*

*y bienaventurados son los que la retienen.*

**Proverbios 3:13-18**

*Si el grano de trigo no muere no lleva fruto.* Lo deja claro el tránsito aéreo de tu mirada, y la erosión de vientos egeos en tu rostro. Hay poesía de aire. Hay poetas de fuego y de agua. Y hay poetas que acechan el tiempo sagrado. Salvado transitas cual agricultor en espera de una vendimia de luz. Cultivas poesía erguida desde todos los puntos cardinales del barro. Tu pluma extrae de la roca un filo oceánico; bálsamo azul silente para una mesa, una mano, una copa de vino a la orilla de los senderos. Tras un tiempo álgido de tempestades permanece la trayectoria numinosa de un valle de *Salmos*. Vas abriendo puertas, mares y manos. Esperando el arco iris exacto para segar una vida, es decir, un roble que resucita sobre las alas del tiempo.

## **DÍPTICO EN ADMIRADO HOMENAJE AL GRAN POETA ANTÓNIO SALVADO**

### 1. EN EL NOMBRE DE DIOS

Con cuidado recogeré Tu nombre;  
levemente sorprendida  
por tan claro vestido,  
diálogo de presencia tan recortada y justa,  
tan cercana medición.

Y yo que buscaba urnas,  
fortalezas,  
grandes soliloquios con los que reclamarte,  
con los que conjurar el tiempo y el espacio  
con los que transformar el recuerdo en estancia,  
tenía, tan a mano,  
las sílabas precisas con las que hendir el frío  
con las que sosegar las hirientes ausencias,  
en las que recostar mi poema pequeño.

## 2. VERSO EN LA SOMBRA.

Si tanto nacimiento aún aguarda  
cómo cerrar las puertas,  
someter cauces  
o hacer un nudo en la camisa  
por redimir el pecho y amansarlo.  
Toda mi sien es sombra  
que no quiere conocer  
fuera de ti,  
palabra suspendida,  
verso o fuente,  
trueno  
que me tala sin fruto,  
que suplico sin condición o fecha,  
depuesta hace tiempo mi celada.  
Esta herida que abre el fondo del misterio  
ruega por mí  
avivando las ascuas  
que habrán de consumir  
la ofrenda  
que contengo como una línea atada al corazón  
a pesar de mi eco  
y con su música.

## **DÁDIVA**

O teu verso  
dá-me a temperança  
e a esperança  
que a própria inquietação  
faz renascer  
num “grito interior preso em surdina”.  
Lentamente  
— debulhando o silêncio  
do meu corpo —  
escuto os rios, os búzios, as rosas  
a voz total da natureza.  
Um comboio  
chega entretanto ao meu lugar  
com sementes e frutos  
da tua poesia azul.  
Descubro então  
as “pupilas dos pássaros”  
iluminando-me  
a dádiva mais pura da viagem...

## À CERCA DE ANTÓNIO

António é nome de quem merece alabança  
Inestimável epíteto de *gens* romana  
*Antonius, Anton, Antinus,*  
O proeminente que adiante vai  
Antonello, Antaine, Antoine, Antony,  
Tanius, Antal, da memória itálica  
Mergulha nas brumas da Etrúria  
Ubíquo é em todos os lugares

Em todos os lugares, o nosso poeta  
Canta sonhos e expurga mágoas  
**António**, nato raiano em *Castra Alba*  
**Forte**, o quarto dom do Espírito Santo  
Salvo das águas ou doutras tormentas  
**Salvado**, *afrecho*, cutícula envolvente  
Dos grãos de cereais multiplicados  
Quais palavras escritas em Horas Sagradas

## **MALA**

Espécie de mala  
a alma  
do poeta  
porão onde se guarda  
tudo o que serve  
para a poesia:  
cartas por enviar  
labirintos de intenções  
partituras inacabadas  
vertigens inominadas  
catedrais de silêncio  
mapas indecifrados  
eclipses, horizontes  
icebergues, vulcões  
sonatas de chuva  
retratos em sépia  
arquivo de auroras  
e crepúsculos  
maravilha de instantes  
tempo avulso  
que se escoia e nos leva  
na voragem da ciranda.

O que guardo na alma  
Abro na poesia:  
Nela interrogo a vida  
Dia após dia.

*Maria de Lurdes Gouveia Barata (Portugal)*

## CULTO DA VIDA

*Para António Salvado*

Nesse culto mágico da poesia  
que te vai prendendo o ritmo da vida  
na toada da música que convida  
a uma entrega sempre em harmonia

com o coração sofredor, em alegria  
da palavra sempre toda sofrida  
mas presa à madrugada renascida,  
dealbando em quotidiana liturgia:

na *casa do amor* está celebrado  
o tempo: os homens, a raia, o lugar  
albicastro. Na palavra tatuado

o coração apaixonado a pulsar  
na vida, de que tens certificado:  
a tua entrega de viver e amar.

## AS MUSAS INQUIETANTES

*Para António Salvado*

Desenhas o ritual da luz, um verão que sonha,  
o inverno entre as cascatas, as musas inquietas  
aguardam-te,  
sobes paisagens de neve, xisto.  
Em ti, o brilho dos cristais exalta a lua, a chama  
e a palavra.  
Afagas as rochas, as nuvens, conheces todos os rios,  
percorres os gumes do sol.  
Num gesto quotidiano e sempre aceso, deixas  
que a luminosidade te lavre, te crie e invente.  
As violetas da noite são a ficção que escreves  
nas raízes que fundas das páginas odorosas.  
Na chama obscura dos mistérios antigos,  
te elevas e perduras.  
Nas brumas brancas da escrita, uma deusa de todos  
desconhecida, um dia, visitou-te,  
a sua densidade exacta em ti se propagou,  
o teu rosto afagou, despertando,  
em rimas e clarões,  
a sombra, a memória, a amorosa flor,  
a asa de oiro, a infinita pluma.

## OS INFINITOS NÓS

No começo dos nós está o fim  
E no seu fim o começo  
A meio de uma noite de Verão posso ouvir música  
E encontrar palavras que nunca pensei dizer  
E ver ruas que nunca quis percorrer  
Sempre a sentir o chamamento do mar numa praia distante  
A ver a raiva humana de sorriso lacerado  
Tardiamente revelada na consciência das coisas  
O mal feito para agravo de outro tomado como verdade  
Há que mergulhar nas águas genesíacas  
Movientando-me, com estilo, como se dançasse  
Acenando sempre  
Pois comigo está o fruto da época passada  
E as palavras do novo caminho aguardam a sua vez  
Estou aqui ali e algures  
O meu começo  
E não há fim à vista nestes nós

*Maria Teresa Dias Furtado (Portugal)*

## ELEGIA ÀS PORTAS DA CIDADE

*Poema para António Salvado*

*Deus todo-poderoso*

*Só um deus, segundo a sua esperança,  
tudo leva a seu termo; deus que alcança  
uma águia em pleno voo, que ultrapassa  
o golfinho no mar e verga  
os mortais orgulhosos, enquanto a outros  
concede a glória que não envelhece.*

*Píndaro, Pítica II (Trad. Albano Martins)*

Os homens que tudo perderam  
A algo mais alto agora se ergueram;  
Abandonada a impotência do tempo mudado,  
Abrem os olhos à luz, ao bem que lhes é dado.  
Sim, às portas da cidade deixam o seu pranto  
E acolhem dos campos todo o encanto.  
Vêem a águia altiva capturada  
Em pleno voo detida e retirada;  
Ao longe brilha o mar crepitando espuma  
E os golfinhos nele saltam à uma.  
Os homens que de novo despertaram  
O seu sonho de glória e paz já vislumbraram,

Mansos, abrem seus gestos de gratidão  
E mutuamente se saúdam de coração.  
O homem por vezes desconhece  
A glória vã e nela adoece;  
Porém quando descobre a finitude  
O eterno demanda, desejando a completude.  
Procura então Deus todo-poderoso  
Em gesto de simplicidade, corajoso.  
Implora o bem, aquilo de que carece,  
E seu pendor interno eleva essa prece.  
Afastado seu orgulho, merece o olhar divino  
E sente-se de novo feliz, como um menino.  
Assim, maravilhosamente, transformado,  
Com imperecível glória é abençoado.

## ANTÓNIO SALVADO, SUA PRESENÇA

*aunque nunca mis redes pescarán  
la oculta pedrería  
de tristeza inconsciente que reluce  
al fondo de mi vida.*

Federico García Lorca

A noite é de água amarga nas valas  
mas o mato grita mais alto,  
vem de longe o cheiro da fêmea,  
um loureiro busca o céu.  
É como dizer: aqui houve um mundo  
e ainda tudo se agita e pranteia,  
rumoreja de prazer, são louvores.  
Se velho é o que já não nos acontece,  
não envelhece este amor, este cão  
com olhos de ocultas pedrarias  
e ossos de calhandra.  
Todos querem ver o corpo,  
com os olhos das palavras querem  
atestá-lo morto, mas apenas sobe  
um canto rouco, opaco, fingindo luto,  
palavras que não passam de palavras.  
O cão que te povoa e me povoa  
na noite se regozija com a lua e fulgura.  
É um canto que não se habitua a morrer.

## **QUADRAS A ANTÓNIO SALVADO**

Sabe o silêncio o céu que imaginava  
Onde quem sonha só raiando aldrava  
É a beleza um sol que se desgarra  
Ou Cão Maior que ainda há luz ladrava?

Tudo vinha, partida, e o que imagino  
É a conversa feliz de dois meninos,  
Sendo António Salvado e Omar Khayyam  
Singulares plurais como os Destinos

Letra a letra a inventar os universos  
Gota a gota (libando verso a verso).  
Ai quem sorve o silêncio termo a termo  
Servo do Fado ou seu senhor mais terso?

A cigarra. Presente. Se. Ah. Passado.  
E futuro demais. Quem sabe o Fado.  
Alva rosa. Altas copas. Boas cepas.  
Quadras e choupos. O sonho encarnado.

## EL ESPEJO

Ya no eres todo aquello que refleja la memoria.  
Miras con tanta lentitud, que olvidas  
aquello que tus ojos rodeaban,  
iluminados por una luz absuelta  
o una imagen rota en el jardín.

Se hunde tu rostro en ese otro rostro  
que ya no reconoces ni en el frío confuso de la noche,  
ni en la respiración débil de las hojas.

Tanto silencio atraviesa tu cuerpo  
que ya no suena tu voz, no la recuerdas.  
Él te protege.  
No reconoces su música,  
porque cesó hace tiempo, aunque permanezca.  
Poco importan los relojes, el pulso del hielo,  
cada palabra temblando moribunda,  
pronunciada en un zumbido sordo que no miente.  
Tan sólo ese espejo ante ti,  
sabiendo que ese rostro que miras  
no es más que un rostro que no existe,  
reflejo de un reflejo de algo que no existe.

## SCRIPTUM

*Para António Salvado*

Cuando el dolor alienta el sufrimiento  
y golpea impasible el corazón,  
dificilmente, a duras penas, uno  
acepta resignado este quebranto,  
que es malestar, que es pérdida, trastorno  
interno que en el ánimo provoca  
una ansiedad silente y turbadora,  
desorden en los pulsos, desconcierto  
en el pecho y tristeza en las pupilas,  
signos todos de un claro deterioro,  
de una visible y cierta decadencia.

Pero, para vivir siempre hay razones.  
Y ante esta bruma, ante este laberinto,  
la entereza resulta nuestra lámpara,  
nuestro escudo y defensa en el camino.  
Y es que los astros giran todavía,  
las sonrisas exhiben sus damascos  
y la armonía en cántico deviene.

Conviene, pues, António, que alejemos  
de nosotros el vértigo y la prisa,  
recobremos tesón y resistencia,  
y en Dios depositemos la esperanza.

## VIGILIA

*Para António Salvado*

Mientras leo tus poemas, António,  
oigo al viento arañando los cristales.  
Es febrero y se espera lluvia  
intensa, propicia  
para estar a solas.  
Aquí, mientras se eleva el humo del cigarro  
con que miro el pensamiento  
escucho tus palabras.  
Si se alejan, son una mudez en espera  
de que suceda  
el nacimiento de las palabras.  
Si buscan estar donde mi cuerpo está  
me confirman lo que fui o seré.  
Querido António, amigo por el canto,  
me has enseñado que:  
*Onde plantei as rosas / nascem ciprestes.*

## **TUDO O TEMPO**

Já se a sintaxe o tempo se espedaça  
tu ontem saberás foi tarde sempre  
andante ainda embora este intermitente  
cavaleiro ido teu de porto em praça

até onde a verdade que perpassa  
se voa falta e se não voa mente  
de maneiras é certo diferentes  
de uma verdade pra outra e do acaso

que nos põe rio ou vento fora frente  
ao que nasceu passado e que o passado  
veste de lavado hoje deste lado  
de quem se faz ao mar de a todo o tempo

saber que nada quer quem quer morrer  
pois incerto quer sempre e só quem quer

**POEMAS DE MIGUEL VEYRAT  
PARA “UM EXTENSO CONTINENTE”**

I

En cualquier lugar quedan prendidos los jirones  
de luz marchita que dejaron las heridas.  
Con ellos edificamos a Sophia  
sollozando una gran casa blanca con adobes  
de locura para llorar al ausente gritar  
su abandono a lo largo de los muros en lo alto  
de los techos hasta los silencios  
de cada sima que quisiéramos traspasar  
en busca de todas las respuestas  
vanas que la soledad se lleva luego a su guarida.

II

Nunca nos traen el amor los dioses.  
El almacén  
que lo oculta tras la niebla  
quedó vacío.  
El amor que está ya a buen recaudo  
entre nosotros,  
aguarda su reparto injusto.  
Sólo dolor  
nos llega desde afuera. Es el olvido.

## **POEMA**

*Para António Salvado*

Mas uma só palavra me acudia à mente  
Enquanto devagar ou antes ainda sonolento  
Ia executando os primeiros pequenos gestos  
Do acordar  
Primeiro uma perna posta quase ao acaso  
No soalho sobre algo que na madrugada  
Ali se dispusera uma peça de roupa um objecto  
(e pense-se no que estes minúsculos pormenores anunciam)  
Um botão um pente de matéria plástica vermelho num bolso  
Um arrepio porque é de facto um outro dia  
Murmurações recordações uma árvore que oscila contra a vidraça  
A sombra  
Um traço de luz São os gestos  
De um novo início  
Sete horas oito horas mas mais que uma palavra  
Ou antes um pedaço de frase mesmo assim  
Um começo do que sabia um rasto um vestígio vago  
E repetia repetia sem cessar a sua melodia solene  
Mas não bem solene emendo com sua tessitura iluminada  
Assim como sacral ou diria comovida e talvez  
Ponto de fuga para outras latitudes  
E ia e vinha e fazia-se memória  
(Eis como é o mapa o continente do que repercute  
Do que por um breve momento é bem matéria viva

Na nossa cabeça como se diz no que pensamos)  
Um verso um verso apenas e que quase não se situa  
Duas três palavras como som desvelado como reflexo  
Uno e duplo duplo e uno porque ligação de descoberta  
("Dos olhos e das mãos brotam as coisas")  
De casa entre ventos de sons ora surdos ora ecoando  
E é a voz que nos chegou incontida perene  
E finalmente o grande arco do mundo é junto de nós  
No nosso corpo inconcreto  
No tempo que é bem nosso  
De novo o princípio numa manhã reencontrada.

## **AVES RARAS**

íbis caminha sobre as águas /aves raras  
não as vemos  
aves cinzentas proliferam  
deixam mais cinza o asfalto e o céu  
já encoberto de fumaça  
em algum lugar um rouxinol se esconde  
um colibri insiste e faz seu ninho  
em um arranha-céu  
andorinhas, outra vez fazem verão  
tsurus de papel sinalizam  
— ainda há esperança

Oscar Rodríguez (*Espanha*)

## ONDE EU ÀS VEZES MORO

*De quando em quando habito  
desprevenidamente  
certa casa vazia  
que me aparece à frente.*

António Salvado

Cíclicamente, un espacio denso  
me visita. Se extiende metros  
a la redonda, conmigo de eje;  
allá por donde me mueva cargo telas  
de ánimo pesado;  
las arrastro a suspiros.

No dura, es como un viento común,  
unos días, como mucho  
pero entinta el entorno.

Durante ese lapso  
se construye en mi presente un pasadizo donde se proyectan  
mis pesadillas, la misma casa, aquel  
ambiente terrorífico, los muebles, los gritos.

A mi lado constantemente aquel sillón  
de orejas, su presencia horrible de atrezzo, su color, sus zonas gastadas  
y sucias de manos y sudor y tiempo.

No sé si hablo de pesadillas o de recuerdos.

Durante esos días, vaya donde vaya o haga  
lo que haga, se desplaza conmigo ese interior virtual de aquella casa,  
sólo su interior, sólo su aire,  
pues las paredes, la propia estructura que me rodea  
es de cristal  
o ni siquiera existe, porque veo,  
al final de esta niebla donde a veces habito,  
que el mundo, la vida, siguen.

## **SOLO AMOR**

Después de unos tiempos buenos,  
ahora te echo de menos.

No sé qué pasó, querida.  
Anocheció toda mi vida.  
Corazón roto por tu partida.

Tengo mis miedos, no estoy sereno.

Después de unos tiempos buenos,  
ahora te echo de menos.

Y me mata tu recuerdo.  
Sin ti mi vida, me pierdo.  
Estemos ó no, de acuerdo.

Me siento hundido en el heno.

Después de unos tiempos buenos,  
ahora, te echo de menos.

## **SONETO TENTANDO IMITAR SALVADO**

Como teria sido e havido a vida  
se eu houvesse escutado esta sereia  
e me banhado nas espumas desta praia  
compartindo esta ternura tão vizinha  
como haveria sido e tido a vida?  
Uma outra veste, uma leve cambraia  
me vestiria hoje e não me veste  
aquela velha ternura que me deste  
aquele pão e sal que se comparte.  
Agora os traços leves do retrato  
tão leves como a mais leve lembrança  
se impõem nos espelhos da memória.  
E eu me pergunto inquieto a contemplar-te  
como teria sido a nossa história?

*Paulo Jorge Brito e Abreu (Portugal)*

## ATÉ AO FIM DO MUNDO

*à Hermética Irmandade dos Amigos da Luz*

Beladona, que estás no Céu brilhando,  
Ó Musa, a mais amada de Citera,  
Ó deusa que apar'ceste em Primavera  
E ora afagas no Outono, magoando.....

O que sou, o que posso e o que mando,  
O que rezo, o que sonho e o que espera,  
Tudo é teu, tudo é vosso, ó minha Fera,  
Ó minha Mater Dona imaginando.

Meu letreiro tu és... e já não sei  
Outra causa, nas cousas que medito.  
Noite e dia, Raquel do «Agnus Dei»,

Caroável, as brasas e o fito.....  
Amor, se em cor e carne eu te abracei,  
Amor, tu és a Morte e és o Mito.

Nota do Autor: no segundo verso do último terceto, a palavra «cor» é  
sinónimo de «coração» e deve, portanto, ser lida como «cór».

## **ENTRETANTO**

Inunda sol o chão  
Inicia aos poucos este mundo  
A existência dos pássaros cantando nas árvores  
As pessoas criadas para serem umas com as outras  
Inunda sol o chão  
Aproximando-nos do verão como de um quarto escuro  
Apertando os passos com cuidado  
E um fio de suor a escorrer pelo rosto  
Pelo estômago diário  
Inunda sol o chão  
Alaga tudo de azul ilumina a terra  
É a vida entretanto  
Que se repete até um quando

## **GERAÇÃO DO POEMA**

o poema está aí onde tu o inventas  
e a tua mão subverte esse tempo indefinível que lateja  
na antecipação do prazer

está aí o poema, só teu, em nudez total  
depois move-se, sempre inacabado, suplicando na dor do corpo  
e rasga-te  
no movimento  
esse instante que ninguém viu, ou sentiu, ou respirou senão tu  
profano aprendiz da agonia da palavra exacta  
do rio profundo da matéria

está aí o poema, possuindo-te já e não possuído  
tomando-te, o suor incendiado na vigília que entra pela manhã  
calcinando-te no fogo interior da sua construção  
está aí o poema  
entre o sim e não, o amor e a morte, o anjo e a mutilação  
o nada e a revelação  
está aí, senhor e servo da tua criatura  
em permanente mudança

## **PROMETEO REDIMIDO**

Salvado de la rutina de los álamos  
(porque no todos son cantores).  
Salvado de las anclas flotando al paio,  
sin mareas, ni sirenas ni eslabones.

Salvado siempre, logrando hacer cantar los adoquines  
de las calles afinadas de Toral de los Guzmanes;  
y taconear las olas, al paso de la espuma de los cisnes  
en tus océanos de carabelas, atlantes y saudades.

Fuiste siempre Salvado por el arco de tu parábola  
y el silbo del latir plateado del recuerdo que te orla.

En fin y principio, Antonio, nuevo Prometeo redimido  
del propio fuego que prendes en versos, que escondes  
en rescoldo y lumbre de rimas, alertas del calor y brillo  
que dijo ¡hágase! Dios, al crear la poesía para el hombre.

## EM PICASSO ANCORADO

Mystère totale não só porque seu pai  
aos pombos adorava, pregando  
suas garras numa tábua.

Não mais vejo a Lavanderia Flutuante  
nas encostas de Montmartre,  
lá, onde Picasso arte produzia  
com profana indiferença  
no ateliê-colmeia.

E os cubos?  
Como é ilusão do espaço,  
levados foram  
pela subjetiva geometria.

Plástico Aleph  
de oriental perspectiva,  
disciplinada máscara negra,  
coração africano  
fabricante de esboços  
e de glórias, totem  
sem passado e sem futuro.

## NÃO PRECISA DE SELO

*A António Salvado*

Llegué muy bien. Esto es hermoso.  
    Aquí no hay gripe.  
Se me paró el reloj cuando miré la piel  
    del mar  
y el cáncer de las casas de colores.

Fui a comprar fruta y unos fados  
y algo de carne y vino verde.

Me curé la última cicareiz, dormí sin prisa,  
con las pestañas húmedas.  
Paseé por la Alfama y escribí  
    dos postales.

Después volví al poema, quería hablar.  
Decir una palabra, un cuerpo,  
otra mentira.

Pero la noche me entregó a las calles  
y a las sábanas grises  
con olores inciertos.  
Y no moví los labios, ni los sueños,  
ni los ojos.  
    Y la amé en Braille.

Aquí todo es distinto. Hace muy bueno.  
El sol está borracho  
de mujeres que huyen.

Las niñas se maquillan la tristeza.  
El mar se instala dulce en la distancia  
Y las palomas,  
de uniforme,  
pronuncian de otro modo.

Quiero aprender a nadar  
y a leer portugués  
y a morirme un día.

Todo está bien, definitivamente bien.  
Me quedo hasta las doce. Nada más.

Después apago el compac y la luz.

## **A ANTÓNIO SALVADO**

sálvenos António  
la hermosa flor de la noche

el agua clara del Sueño  
que diluye las horas turbias

sálvenos el extenso continente  
del Amor en la vigilia

sálvenos António  
el placer y el dolor de escribir

sálvenos la Música  
del silencio y de la muerte

sálvenos la Palabra  
de la muerte y el olvido

sálvenos António  
el Hombre del hombre

## CON PALABRA AUDAZ, ANTONIO SALVAD DECLARA SU AMOR

Con tu mirada sosegada te sumes en la luz  
de Salamanca  
que henchida de oro la catedral reflecta,  
-dijiste lo que pensaste para escribir y declarar el verso- :

*Sob o teu peso reconstruo a vida,  
e um suspiro de amor refaz o universo.*

Soporte y tabernáculo de ese aliento redivivo,  
tu presencia.

Tú trovador, tú peregrino, audaz señor de la palabra  
y su silencio.

Aún así,

pero amante de la vida,  
lanzas certeros dardos:

*Não vim para falar-  
eu vim para te amar.*

El misterioso aire que sopla  
de cada verso tuyo.

## **MORADA DESCONHECIDA**

E, afinal, tudo não terá  
passado de pura coincidência:  
as carícias que desaguaram em ruínas,  
oásis que confluíram em desertos,  
desesperos camuflados de desejo.  
Sentindo-me a desistir de tudo  
e tendo mentido muito sobre  
os desastres que me fogem,  
escrevo-te, onda após onda,  
aqui – onde se apaga a juventude  
que outrora desbaratámos,  
em revolto mar adormecendo.  
Continuando a não saber  
por que se morre, pergunto:  
de que servirá esta pele,  
mordida pelo silêncio?  
E dir-me-ás que,  
por vezes, a tristeza  
também pode ser isto:  
breve cicatriz de cristal,  
uma parte de mim que  
não tem medo de partir,  
o cansaço de ser sangue.

Rendido aos frios factos,  
aceito, sem desculpas,  
o fim de tudo e teço,  
com dedos de luz,  
o manto da solidão –  
a única morada  
que conheço.

## **O SANGUE DO POETA**

O sangue de poeta é salgado,  
salubre, satisfaz-se bastante  
e sempre surpreende: deixai-o  
por isso escorrer.

No lugar da chaga tem a boca -  
a dor e o dom de dar vida  
a estátuas inertes, como se  
as paredes tivessem ouvidos -  
emulando as formas informais  
da natureza.

Escreve para entrar dentro  
dos espelhos - a parede poética -  
que afinal podem ser tanques  
ou templos de pedra - faça  
o tempo que fizer.

Um aviso final à navegação:  
se se partem muitas estátuas  
corremos o risco de nos tornarmos  
uma: a neve, de resto, cairá sobre  
os nossos cacos.

*Ricardo Paseyro (Uruguai)*

## REFLEJOS

*Para António Salvado*

Reflejo, el mar, reflejos sus estelas  
reflejos, las pirámides de cantos,  
reflejo, el cielo cántido, reflejos  
los retazos de la luz en los cañones  
Y en las hojas del álamo plateado.  
Reflejo de la Idea, las ideas,  
reflejo del sinfín en el instante  
que separa la vida de la muerte.

## **A HORA DE SALVADO**

A Oeste da reta imaginária  
tratada em Tordesilhas  
logo abaixo da linha do Equador  
vieram ter naus de muitas milhas

Na terra de pau-brasil revestida  
clima e sensualidade tropical  
índios adoradores de Jaci  
rezavam a própria cartilha

Que se implantasse, pois,urgia  
outro catecismo, a fé jesuíta  
de António Vieira e suas letras  
cartas, sermões, homilia

E no chão distante, desde o passado  
reverberam vozes de irmãos lusitanos  
anuncia-se no presente, em polifonia  
a hora de António, este, o Salvado

*Rui Almeida (Portugal)*

[Homenagem ao Poeta António Salvado]

*Meus versos peregrinam  
humildes solitários  
António Salvado*

Repara no homem que se faz vigilante  
Aquele que se demora no processo  
Da limpeza das pedras  
Que marcam a margem do caminho.

Segue-o de longe,  
Presta atenção ao modo como avança,  
À justa cadência com que sustenta o rumo  
E se acerta com o horizonte.

Vê como pousa a mão,  
O modo como deixa as letras  
Subir ao texto.

Depois lê devagar,  
Não deixes o tempo tomar conta das sílabas  
Oferecidas a teus olhos e a teus passos.

## REFORMADOS

velhos jogam às cartas  
com a sombra por céu  
sob o pára-sol

velhos jogam ao dominó  
pedras postas contra o calor  
de Junho são as mãos  
que inventam um vento vestido de luz

velhos com um copo de três  
de ginginha jogam o sangue  
numa vasa mesmo o sangue bebido

depois de o calor lhes levar tudo  
na tarde que se agiganta  
até ao cálice dos predadores

ainda lhes resta uma coisa uma  
para contar aos netos:  
as mãos experimentadas na ciência das cartas.

## **CORPO / CORPUS**

No princípio, o coração. Cessando, toda a  
Poeira. Não há raiz sem ferida. É preciso  
Lancetar o abcesso enquanto lemos o pus  
Que nos liberta e angustia. Quem escreve  
Encontra o organismo: a instabilidade da  
Matéria – cor e pó, memória e gangrena –,  
Um grupo de células que o fogo não destrói,  
Que a terra não apodrece, mesmo quando a  
Cinza nos cobre e vai branqueando os tecidos.

*Santiago Aguaded Landero (Espanha)*

## EL HOMBRO DE OTOÑO

*Para Rita Ösz y António Salvado*

Los verdaderos poemas están hechos de tiempo.

También de muerte y amor. En el otoño de mi vida observo tu hombro, pequeña flor nocturna y no eres más que una alegría triste, tiempo sin tiempo dentro. Acaso las verdaderas flores están siempre ausentes y en la presencia eres pecado deseado, nombre indescifrable. Si te pido palabras, no te demores, como el olvido se apresura a la memoria para hacernos ceniza y espuma. Todos los poemas están hechos de tiempo y sal. Te beso y en mi boca arde el labio oscuro de la noche.

*Santiago Redondo Vega (España)*

## UNA MIRADA

*Al poeta Antonio Salvado,  
hermanado en la tierra y la palabra.*

Hecho de tierra y pan,  
hombre consciente; vuela  
por tu elíptico cielo un haz de esporas  
liberando tu boca y tu palabra  
y la patria que te ama y te contiene.

Hecho de hambre y de sed,  
hombre sincero; brilla  
por tu Ibérica impronta un sol de arterias  
desterrando en la sien la inútil bruma  
que convierte en frontera al horizonte.

Hecho de alma y de albur,  
hombre discreto; fluye  
por tus venas de afecto un mar de labios  
enclavando tu estela en esos mundos  
que en tu verso se inundan y acontecen.

Si has de mirar atrás,  
sueña y reincide.

*Saturnino Alonso Requejo (Espanha)*

## MIENTRAS VAMOS AL MAR

*Para Antonio Salvado,  
desde esta orilla de la “raya”.*

“Te envío este canto  
por encima del mar cano,  
al modo del comercio fenicio.”

*(Píndaro, Pítica II, a Hierón de Siracusa  
vencedor con el carro, en 475)*

Mientras vamos al mar somos “cuidado”,  
al modo de los dioses, cual las madres  
que lamben a sus crías y las guardan.  
Por eso nos incumbe  
tener una ventana y ver el Mundo  
pidiendo un vaso de agua a nuestra puerta.  
O enhebrar la espadaña con vencejos  
para echarle un remiendo a los nublados  
y tocar las estrellas con los dedos.

Cribar el trigo, que se inclina y cede;  
y amasar una hogaza y repartirla  
como la comunión del Universo,  
pues en esta hacendera consistimos  
como quien vive encima de un peligro.

Sujetar los caballos de los ríos:  
Tajo y Tejo que ruedan al abismo  
como bueyes parejos en la arada.  
¡Ay, Antonio Salvado, y cómo ellos  
le dan significado a nuestra vida!

Estar al pastoreo de los días,  
bajo los mayores de los astros.  
Y hacerse la pregunta de las hoces  
en la concavidad de los silencios.

Adorar lo divino que nos cerca  
con pezones altivos de mujeres,  
y entregarse, después, en sembradura.  
Pues nuestra propia sombra nos incumbe  
como decreto del Originario.

Echado en el cañamón a los jilgueros  
y las migas de pan a las palomas  
que salen del Arca,  
refugiarse en la lumbre, cada noche,  
y cubrir los rescoldos con SAUDADE,  
o la nieve que baja a visitarnos.  
*¡Hora Sagrada!* ¡Y sollicitudo!

¿Y el Mar, Antonio, el Mar?...  
¡Bastante tiene el Mar con sus sollozos!  
¡Y que relinchen todos sus caballos!

## ANATOMIA DA LÁGRIMA

*Para António Salvado*

Há dois pratos que se põem, irmão Salvado,  
Na imensa mesa do dia, em brancamarelas margaças:  
Um é frio ]mas nada deve ao que se come na estrada  
Entre viagens que, quentes, fazem valer caminhadas.  
Entre viagens que amargas, nas pedras açucaradas,  
Que em naturezas tortas, teus versos ortografava[.  
E por ter salvado o dia,  
a mesa  
o sal  
[te, me, lhe, nos]  
se salvava.

Outro prato o trigo  
o verso,  
irmão Salvado,  
Na mesa pensa do dia, de marcelas enfeitadas  
]quem não as quer amar elas, quentes, de branco enfeitadas,  
As quererá noutro teu verso, de romãs e de piçarras[  
Onde quente o fio tece a aranha a madrugada  
E fugindo o inseto sobe pelo fio da navalha  
O besouro o bulbo quente  
Da lâmpada luz voltaica

E o teu poema

se dia  
se mesa  
se sal

[em,lá,gri,ma]  
petrificada.

## **DOS POEMAS EN HOMENAJE A ANTÓNIO SALVADO**

I

*sobre un leve manto de alegría  
mi rostro esconde  
la cicatriz de la tristeza*

“La Hora Sagrada”  
A. S.

Mis ojos se alimentan en la luz,  
crecen en el baile de la vida,  
lloran  
la emoción del silencio,  
la comunión con el alba predecible,  
el agua que late y germina.

Mis ojos anidan la belleza,  
guardan la levedad de la semilla  
que avienta el porvenir.

En su fondo,  
en la afilada no luz  
que nace tras el cuerpo del ciprés,  
muere despacio el pétalo,  
tiembla, desnuda, el ala.

II

*No hay nada en el río, nada, nada...*

“La Hora Sagrada”

A. S.

Vacía y desnuda  
para dejar que el agua me recorra.

Cantos rodados llorando en mis orillas,  
resecos peces  
de hambrientos ojos suspendidos  
entre las ramas del ciprés.

Algas de amargo aroma  
perfumando  
el instante del miedo.

Es tiempo de erosión,  
duele ahora el agua, sola,  
fluyendo entre mis dedos,  
lavando el cementerio de los barcos.

Prístino río,  
impoluto, solo, refugio de la muerte.

## **ANTÓNIO SALVADO**

De Portugal llega la voz de António Salvado a través de la salmantina intensidad del castellano, y gracias al querido poeta Alfredo Pérez Alencart. La hora se hace sagrada cuando nombra la amistad, el vuelo, los sucesos cotidianos, la permanencia del instante atrapado; los caminos, la soledad y siempre la esperanza.

De Portugal se expande el anhelo de que “la eternidad sea fe y pan”. Notable la ausencia de estridencia, la discreta presencia del hablante en el mensaje porque - nos precisa- “sobre un leve manto de alegría / mi rostro esconde / la cicatriz de la tristeza.”

De Portugal se constata la abolición de las distancias por el trazo expandido del poema: “Una pobre mirada se escapa, / tímida, escrutadora, / buscando saber cuál la manera / de no quedar distante”.

De Portugal se nos alcanza esta proclama capaz de suscribirse desde los más distantes territorios: “Mi patria / es donde nacen las rosas. / Eterno, su perfume / persiste. / Mi corazón reposa allí / y oculta las fronteras / que la trazan, / que la colorean.”

## **LENDO ANTÓNIO SALVADO**

Genesíacas, telúricas pautas  
ânsias de terra nos vagidos lúbricos  
ouvi tuas quase pautas de júbilo.  
Encontrei essa face que não tocas,  
esses lábios ausentes que não beijas  
e até a cor das saudades dos olhos  
que fechados de exílio ainda flamejam.

E porque és Poeta, ele não se esconde  
nas mais altas ramagens da macieira  
-ele, mistério da criação inteiranem  
no fontanário d'água da vida,  
nem no que há da solidão mais recôndita  
e nem na solitude mais sofrida.

Porque Poeta, no fundo da página  
de cada vivência revive um sonho  
noites de luz! Ah dias de insónia!  
nos rodapés das folhas ensodáveis.

Porque Poeta, não é passageiro.  
mesmo sem nenhum passo ou nenhum grito.  
A vida poesia em ti – outra voz  
que só os Poetas sentem som infinito.

## TODO ACABA...

*Que todo se pierda  
en la memoria ausente:  
las pequeñas cosas  
ciertas o inciertas.*

A. Salvado

Amo la nieve y esa pátina  
que se pone encima del horizonte ,  
tapando todo lo que duele.  
Amo el remolino de la pasión  
que me suscitan las rosas al mirarlas  
y el rojo de los pétalos esparcidos.  
Admiro esos matices color carmín  
que no se graban en mi memoria.  
Amo el candor y el inmenso paisaje  
poblado de silencio sideral  
donde se instala la paz del espíritu  
y el hielo es gota de cristal.  
Me inundo de hermosura blanca,  
veo bailar las estrellas  
buscando su halo entre los hombres.  
Ajena es la maldad que recorre la tierra.  
Ajeno es el mal que nos acosa.  
Todo acaba igual que los crepúsculos.  
Todo acaba, excepto las esencialidades.  
Y canto un himno a la vida desde  
el Edén de mis sueños.

*Sylvia Miranda (Peru)*

## **CUENTO FELIZ**

*Para celebrar y acompañar  
al gran poeta Antonio Salvado.*

Era en una calle ni antigua ni moderna, una calle larga y tranquila iluminada por la luz naranja de un atardecer de verano.

Ambos éramos chicos, siete años quizá.

Íbamos por la calle como van los niños, ni juntos ni separados, ni contentos ni tristes, simplemente íbamos sin tiempo y sin límites. Cuando de improviso y sin asombrarnos apareció de pie el marco de una puerta en medio del camino.

Nos pareció simple y lógico, comenzamos a dar vueltas, entrando y saliendo por esa puerta inexistente. En ese estar seguimos riendo, a veces más veloces, a veces más despacio, a veces en silencio, hasta el fin sin fin, sin soledad, girando delante del atardecer.

## CONTRARIANDO ALBERTO CAEIRO

“Ver apenas ver” limitar-nos-ia à superfície  
das coisas.

Ouvir ilimita-as.

Amo mais as coisas  
a que posso arrancar alguma ressonância:  
a sua alma afinal.

Amo o cristal por isso  
não por ser raro ou caro.

Se houvesse céu  
a música seria o nosso cicerone.

Há no ser uma fome específica de música  
que com mais nada se engana.

A música existe antes dos instrumentos  
na Natureza e nos seus entes mais próximos:  
no canto dos pássaros  
e da água a cair, até da chuva.

Já ouviram o celestial concerto de um rebanho  
espalhado pela serra?

Ouvir é partir para longe da rasteira superfície  
das coisas

é seguir o seu prolongamento, a sua alma.  
O som amplia as coisas.

A alma dos seres não se vê  
mas pode ser ouvida

pelos que escutam o silêncio.  
E também pode cheirar-se porque tem perfume.

O som e o perfume são a alma do que existe.  
Não se pode ver nem tocar mas dão às coisas  
a sua incomensurável dimensão.

O que seria o mar só visto? E só tocado  
sem som nem cheiro?

Fecho os olhos para o ouvir e cheirar  
e até saborear

sabe-me sempre a mim  
às minhas tristezas e alegrias  
todas com travo a lágrimas.

Fechamos os olhos para ouvir música,  
para beijar e também para cheirar uma flor.  
Até para saborear um vinho ou algo  
que se quer gozar

sem avidez sem gula  
compenetradamente.

Há o bárbaro costume  
de cegar os pássaros para cantarem melhor.  
Devíamos vender os olhos às vezes  
para conhecer melhor e mais a fundo  
o mundo.

Só o tacto nos dá a conhecer  
o tronco de uma árvore, a polpa de um fruto  
ou de uma folha.

O cheiro e o paladar ajudam.  
Há ainda outro sentido a juntar aos cinco  
tradicionais: o do amor

não o sexo  
dado ao bicho para perpetuar a espécie  
não animal sofreguidão a saciar  
mas arte



## **METEOROS**

Nós somos meteoros  
infinitamente pequenos,  
frágeis ,que na terra,  
extraviados,  
tomamos forma  
em carne e osso.  
Mais valiosos que o ouro,  
o cristal ou a rosa.  
Viemos do céu  
E algum dia, embora  
Enterrados na tumba,  
regressaremos  
ao universo, outra vez  
fulgurantes e poderosos  
como reconstruídos  
meteoros.

## **FOGO**

Deslizo por sobre as pedras  
noturna sombra ligeira.  
Meu corpo a fluir da máquina  
feita de ferro. Poeira  
dourada além do horizonte  
das impassíveis estrelas  
luzes de sóis tão distantes  
dentro de acesos planetas.  
O dióxido carbônico  
me penetra por inteiro.  
Tornamo-nos flor de fogo  
quando o combustível queima.  
Um feixe só: ferro e músculos  
e a força da labareda.

## **E POR TODA A PALAVRA ABSURDAMENTE**

e por toda a palavra absurdamente  
o inverno felino e vivo  
auto-indulgente e com a noite rasante  
prefere a sinédoque da nuvem  
em caso de amor original.  
por toda a palavra absurdamente  
indivíduos alheios ao autor da voz  
esperam os exercícios ocultos que reverberam  
no azul áspero de toda a palavra absurdamente  
enquanto os termos do futuro estão por definir  
e ainda assim fazem viajar pela infusão  
da inutilidade.  
e por toda a palavra absurdamente  
aparece um significado ferido para o inverno  
nas veias abertas das guerras.  
e será assim tanto para quem ilumina  
como para quem faz milagres com flores.  
e absurdamente por toda a palavra, o champanhe  
consome os segredos para desconstruir  
o plano mais racional  
enquanto a cabeça se expressa com a mão direita  
e um predicado que nasceu no orvalho da manhã  
aguarda o seu sujeito mais cruel  
por toda a palavra absurdamente.

## **PARA ANTONIO SALVADO DESDE EL MÁS PROFUNDO IBERISMO**

Ahora que el eco es tu palabra  
en este otoño salmantino  
de piedra y fuego,  
en alas de poemas, en bandadas  
como pájaros que ocultan este espacio  
que escurre entre alegrías y lamentos;  
es un prelude tu voz, la sinfonía  
del viento profundo de tu alma,  
calor de un sol que no se oculta  
si nunca se cierran tus libros de poesía.

Podrán caer las hojas amarillas,  
los días ocultos en sus horas.  
Podrán consumirse las cosechas  
con sed abrasadora y hambre.

En ti hay un Viriato lusitano  
de dardos con palabras triunfadoras.

Ya ves como soy ahora paseante  
siguiendo tus señales, casi pautas...

Aquí recapitulo en un poema  
abierto a la sombra sin la duda  
de hallar en tu palabra un gran alivio.

*Vergílio Alberto Vieira (Portugal)*

## A CIDADE DOS RELÓGIOS

*Ao poeta António Salvado,  
o mais invisível dos poetas visíveis.*

Pelas ruas a que a neve  
Dá ares de cidade irreal,  
Vão correndo, ao de leve,  
Os anos de modo igual.

Das torres altas, caindo  
Como cristais a tinir,  
Sons frios se vão ouvindo  
No chão da praça, a partir.

Na cidade velha, as fontes  
Gelam ao anoitecer;  
Os transeuntes nas pontes  
Esperam a vez de morrer,

Como 'státuas, sombrias,  
Nos lugares mais retirados,  
Onde se gastam os dias,  
Um a um, por nós passados.

Tem o mundo suas idades,  
Os homens, anos de vida.  
Envelhecem as cidades  
Por cada hora perdida.

Dos séculos, já só o sinal  
De vagos jardins floridos,  
Em qualquer parte, afinal,  
Onde ficámos esquecidos.

## PARA ANTÓNIO

¡Hoy el poeta vive en gozo,  
va en la mirada del amigo,  
en la huella de su abrazo!

Antonio Salvado,  
amigo mío,  
tú nos das  
un hálito de sueños  
para enflorar las horas  
en tiempo poético  
de lo alto.

Y yo, poeta  
de muchas nadas,  
te ofrezco un ramito de luz para tus días  
desde el Carmen de mi alma  
acostumbrada.

Que verdade tem um límpido regato

na regularidade com que nos desperta todos os dias? Qual a certeza desta verde clareira na fulva extensão do deserto? Ou deste espaço onde as altas tamareiras resistem às duras tempestades de areia? Qual a verdade de um pássaro? Das várias tonalidades de um renque de oliveiras? Do eco de uma pedra caindo fundo no meu poço? Da poesia?

Mas a poesia não tem verdade alguma. Explode tão intempestivamente como uma enorme flor de lava; tão silenciosamente como o botão de uma rosa esquecido junto às grades da realidade. Verdade? Certezas? Deixa-as ela para outros dizeres. Só o que entrevê a desperta e dos seus vislumbres se alimenta: sem a hipocrisia da máscara, sem o medo de uma funesta consequência. Não teme as discordâncias, as contradições, os marginais desajustes. O seu país é o da mais extrema autenticidade: sem uma única amarra viaja naquilo que é – e nada mais.

Que verdade tem um límpido regato

sempre às avessas consigo próprio? Vejo-o e ao enorme oceano para que aponta. Acaso deverei eu falar de outra coisa?

*In Pelo Deserto as Minhas Mãos. Carcavelos: Coisas de Ler Edições, 2004, p 59.*

## **DEUS ET PULVIS**

*A António Salvado*

Nascera pedra. Bloco na montanha,  
Viveria, imortal, no seu recanto,  
Crestado pelo Sol, lavado em pranto  
De tempestade e orvalho, exposto à sanha

De ventos que lhe davam voz e encanto.  
Eis senão quando vem o homem, lanha-  
Lhe o dorso inerme e o leva a terra estranha  
Onde um artista, pra seu grande espanto

Esculpe um deus grandioso e venerado.  
Entanto, pouco, na divina casta  
Viveu, porque, cumprindo-se o seu fado,

Em nome da razão, o templo invade  
A fúria insana de um iconoclasta -  
Desfez-se em pó sua imortalidade.

## **POEMA AFLITO PARA RIO EXTINTO**

Rasgar as águas,  
laudas, pergaminhos,  
a caligrafia de caniço e anzol,  
os veios azuis de corpos  
sem rasuras,  
o olhar aflito,  
a mudez do homem,  
a sede e o sol,  
as escamas extintas,  
raízes de fome,  
tentáculos vivos  
do verde sudário  
a amortalhar o rio,  
seus mortos sem nome...

## ÁGUA MÍSTICA

Atravessa o rio com um deus nos ombros,  
deus de fundas margens,  
rio de ombros largos;  
semeia nas águas a semente seca  
de uma antiga raça  
expulsa da barca  
porque traficava sol e sal e sangue.  
E um peixe-demônio come a voz do tempo  
e o anzol do homem;  
tinge de vermelho seu rio só lodo,  
presente de um deus  
que navega em seus ombros.

*Xerardo Ovín (Espanha)*

## A TU COSTADO, A MI LADO

*Fulgor noble y puro,  
voz recomenzada:  
en tus brazos, ¡Vida!,  
en tu seno, ¡Mundo!*  
António Salvado

Siempre a mi lado,  
naciendo a tus pies,  
cansado andar, hollando  
de nuevos senderos el polvo.  
¡ y siempre tú, sin tiempo, sombra!  
Sombra de ti siempre tendida  
a tu costado, a mi lado  
al frente, velándote la espalda  
y a la otra orilla presta estás de nuevo.  
Sombra gris cual rama seca  
ya casi quebrada,  
mi sombra, tiempo gastado  
en cuna para que el futuro retoñe.  
Suyo es ahora el tiempo,  
suyo es el momento  
en tanto que mis pasos retroceden,  
su silueta será de mi el olvido  
confundida sombra en la penumbra  
junto al sueño imperecedero.

Su sombra es mi calendario  
llegando al final,  
en nuevo ritmo estás tú creciendo.  
Inagotable pasa la Vida  
sin detenerse ningún momento.

## DESDE A INTEMPERIE

*De quando em quando habito  
desprevenidamente  
certa casa vazia  
que me aparece à frente*

António Salvado

Chegamos orfos, arelando casas,  
indo e vindo, estrañados, dividíndonos,  
desacougados, sos entre as carpazas,  
coma labercas percurando niños.

Caemos del axiña, atoutiñamos  
paredando ilusiões, e acenan sombras  
que nos van envolvendo, que non damos  
desaloxado e nos invaden todas.

Vimos nus e ninguén nos dixo nada.  
Medramos tristes. Simulamos ledos.  
Todo engano parece que conforta.

Só á fin a vida atroz, descaretada,  
amosa o verdadeiro rostro acedo.  
Pero o camiño andado non tén volta.

## VIDA

*Para António Salvado*

Num recôndito cheio de rosas de pesto  
desfrutando da flor e da noite  
na difícil passagem  
deixando a cicatriz  
de viver as horas  
a tua poesia nos diz  
do Jardim do Paço  
e doutros lugares  
neste recanto da face atlântica.  
Estranha condição do homem e da sua procura  
no interior à luz!  
Amada vida nunca descodificada,  
matéria de inquietação,  
mas prodígio  
com o corpo do coração!

## **VAU DOS PESARES**

Ó umbrosa gândara justamarítima, sombrosa  
figura que o cortante pio da suindara enluta,  
seca o choro da tristura que em mim deságua.  
Ó proceloso aríete que anegradas águas farpa,  
sê o trocarte que a tumorosa afeição punça,  
serena a consternação que no peito supura.  
Ó aquosa salva em que a desassisada pena  
as palavras que dão vida aos versos prova,  
de enganos adversos priva a alma do poeta.  
Ó marítimo versejar, bel salvádego que trilha  
árdego o poético negrume, a forçada vaga,  
põe safa a amarra que ao pesadume me ata.  
Ó vadoso mar que vela meu nodoso afeto,  
do que gesto não sejas o abjeto sepulcro,  
mas ventre do dessueto canto que recito.  
Ó naufragoso oceano de luzidias letras lusas,  
dá azo às albicastrenses linhas do grão poeta  
que na solidão engendra a recôndita cantiga.





W. Spellbill  
2013





## COMO POSLÚDIO...

Depois de mergulhar numa polifonia de vozes de poetas, as mais variadas dos lugares mais variados, seria trivial dizer que compõem um florilégio, seria lugar-comum, pois estes poemas não são ornamento de encómio, mas saem do tear das palavras, provavelmente as mais sentidas e as mais procuradas pensando em António Salvado, no entretecimento de uma homenagem que passa pela admiração ou pela gratidão de um prazer de leitura. Uma procura, que pode ser viagem de chegada ou de partida. Mas viagem. Abre-se uma janela para um *extenso continente* das palavras poéticas de António Salvado, numa deambulação à volta da *casa do amor*, dos cheiros vegetais, de vozes rubras de romã ou de verde de giestas, a teimar esperança nas raízes da terra, nos recônditos da noite abrindo-se para a luz, de todos os motivos que, consciente ou inconscientemente, serviram de *mote*, digamos, a estes poetas que edificaram a antologia, também ela *extenso continente*.

Cresceu a árvore que se foi espreguiçando por muitos ramos, braços que se estendem para um abraço, num ardor de sentidos com o estremecimento duma latência do viver, construindo um marco contra a morte. Lançaram-se pontes de palavras que se emaranharam entre poetas, consubstanciando uma memória gravada no tronco desta árvore, eternizando afectos e valores. O fogo das palavras incendeia outras palavras que se esculpem na merecida homenagem ao poeta António Salvado. É um legado que faz a jura de fé na poesia.

No poslúdio que sinto e assumo, é de toda a justiça uma referência a Maria do Sameiro Barroso, que tem o mérito de mentora e organizadora desta antologia, com a dedicação e sensibilidade que lhe atribuem os que

a conhecem e têm o privilégio de com ela privar. Poetisa reconhecida, investigadora entusiasmada, eis características que também a honram e distinguem na organização doutras antologias do mesmo género.

Os liames estão lançados para um voo de viagem e uma união. Termino com o extracto de um poema:

Entre instante e instante,

entre eu sou e tu és,

a palavra *ponte*.

(...)

OCTAVIO PAZ, «A Ponte»

*Maria de Lurdes Gouveia Barata*





## ÍNDICE

Abdssalam Kharraz (Marrocos).....	p.33
Agripina Costa Marques (Portugal).....	p.34
Aída Acosta (Espanha).....	p.35
Albano Martins (Portugal).....	p.36
Alejandro Romualdo (Peru).....	p.37
Alexandre Bonafim (Brasil).....	p.38
Alfredo Pérez de Alencart (Espanha).....	p.41
Alice Macedo Campos (Portugal).....	p.45
Alice Spíndola (Brasil).....	p.46
Alvaro Alves de Faria (Brasil).....	p.47
Álvaro Cardoso Gomes (Brasil).....	p.50
Amadeu Baptista (Portugal).....	p.51
Américo Rodrigues (Portugal) .....	p.52
Amosse Mucavelle (Moçambique).....	p.53
Ana Maria Puga (Portugal).....	p.54
Ana Patricia Santaella Pahlén (Espanha) .....	p.55
Ana Pinto (Portugal).....	p.56
Ángeles Lence (Espanha) .....	p.57
António Arnault (Portugal) .....	p.58
António Cândido Franco (Portugal).....	p.60
Antonio Colinas (Espanha).....	p.61
António dos Santos Pereira (Portugal).....	p.63
António Fontinhas (Portugal).....	p.64
António Graça de Abreu (Portugal) .....	p.65
António José Queiroz (Portugal) .....	p.66

António Lourenço Marques (Portugal).....	67
António Miranda (Brasil) .....	68
António Ramos Rosa (Portugal).....	70
António Ribeiro (Portugal).....	71
António Vieira Pires.....	72
Araceli Sagüillo (Espanha).....	73
Arriete Vilela (Brasil) .....	74
Assumpció Forcada (Espanha, Catalunha).....	75
Astrid Cabral (Brasil) .....	76
Aurelino Costa (Portugal) .....	77
Aurélio Porto (Portugal).....	78
Barroso da Fonte (Portugal) .....	79
Boris Rozas (Espanha).....	80
Cândido da Velha (Portugal) .....	81
Carlos Aganzo (Espanha) .....	82
Carlos Felipe Moisés (Brasil).....	84
Carlos Guerreiro Gallego (Espanha).....	85
Carlos Lopes Pires (Portugal).....	86
Carlos Vaz (Portugal) .....	87
Clauder Arcanjo (Brasil) .....	88
Cláudio Lima (Portugal) .....	89
Cláudio Willer (Brasil) .....	91
Cristino Cortes (Portugal) .....	92
Cyro de Matos (Brasil) .....	93
Daniel Abrunheiro (Portugal) .....	95
David de Medeiros Leite (Brasil) .....	96
Delmar António Gonçalves (Moçambique) .....	97
Domingo F. Faílde (Espanha) .....	98
Dolors Alberola (Espanha).....	99
Elena Díaz Santana (Espanha) .....	100
Enrique Villagrasa (Espanha).....	102
Enrique Viloría Vera (Venezuela) .....	103

Ernesto Rodrigues (Portugal) .....	104
Ernesto Román Orozco (Venezuela) .....	105
Eugénio Beirão (Portugal) .....	106
Fátima Pitta Dionísio (Portugal) .....	107
Fernando Botto Semedo (Portugal) .....	108
Fernando de Castro Branco (Portugal) .....	109
Fernando Esteves Pinto (Portugal) .....	111
Fernando Gil Villa (España) .....	112
Fernando Grade (Portugal) .....	114
Fernando J. B. Martinho (Portugal) .....	116
Fernando Sabido Sánchez (Espanha) .....	117
Fina Rodríguez Palau (Espanha, Catalunha) .....	118
Florianio Martins (Brasil) .....	119
Frank Estévez Guerra (Gáldar, Gran Canaria) .....	120
Fulgencio Martínez (Espanha) .....	121
Gabriel Impaglione (Argentina - Itália) .....	123
Gabriel Jiménez Emán (Venezuela) .....	125
Gabriela Rocha Martins (Portugal) .....	127
Gisela Ramos Rosa (Portugal) .....	129
Gloria Sánchez (Espanha) .....	130
Gonçalo Salvado (Portugal) .....	131
Guillermo Juan Ibáñez (Argentina) .....	132
Helena Villar Janeiro (Espanha, Galiza) .....	134
Inês Lourenço (Portugal) .....	135
Isabel de Rueda (Espanha) .....	136
Isabel Leonor Forte Salvado (Portugal) .....	137
Isabel Mendes Ferreira (Portugal) .....	139
Isabel Miguel (Espanha) .....	140
Isabel Pavón (Espanha) .....	141
Ivan Ribeiro (Brasil) .....	142
Ivo Machado (Portugal) .....	144
Ivo Miguel Barroso (Portugal) .....	145

Javier Alcaíns (Espanha) .....	147
Javier Burguillo (Espanha) .....	148
Jean-Paul Mestas (França) .....	149
Jesús Fonseca Escartín (Espanha) .....	150
Jesús Losada (Espanha) .....	151
Joana Lapa (Portugal) .....	152
João Camilo (Portugal) .....	153
João-Maria Nabais (Portugal) .....	154
João Mendes Rosa (Portugal) .....	156
João Rasteiro (Portugal) .....	157
João Rui de Sousa (Portugal) .....	159
João de Sousa Teixeira (Portugal) .....	160
Joaquim Cardoso Dias (Portugal) .....	161
Jorge Cadavid (Colômbia) .....	162
Jorge Fragoso (Portugal) .....	163
José Agostinho Baptista (Portugal) .....	164
José Amador Martín Sánchez (Espanha) .....	165
José António Valle Alonso (Espanha) .....	168
José Carlos González (Portugal) .....	169
José d'Encarnação (Portugal) .....	171
José do Carmo Francisco (Portugal) .....	172
José Dias Pires (Portugal) .....	173
José-Emílio Nelson (Portugal) .....	175
José Félix Duque (Portugal) .....	177
José Jorge Letria (Portugal) .....	182
José Ledesma Criado (Espanha) .....	184
José Manuel Capêlo (Portugal) .....	185
José María Muñoz Quirós (Espanha) .....	186
José Miguel Santolaya Silva (Peru) .....	187
José Pulido (Venezuela) .....	188
José Ribeiro Marto (Portugal) .....	190
Juan Carlos López (Espanha) .....	191

Juan Rosco (Espanha) .....	192
Juan Ángel Torres Rechy (Espanha) .....	193
Julião Bernardes (Portugal) .....	196
Júlio Vaz Carvalho (Portugal) .....	197
Leocádia Regalo (Portugal) .....	198
Leopoldo López. Samprón (Espanha) .....	200
Luís-Cláudio Ribeiro (Portugal) .....	202
Luis Filipe Castro Mendes (Portugal) .....	203
Luís Filipe Maçarico (Portugal) .....	204
Luís Frayle Delgado (Espanha) .....	205
Luis Guillermo Alonso (Espanha) .....	206
Luís Quintais (Portugal) .....	208
Luís Serguilha (Portugal) .....	209
Luísa Freire (Portugal) .....	210
Luísa Ribeiro (Portugal) .....	211
Luís-Cláudio Ribeiro (Portugal) .....	212
Magela Colares (Brasil) .....	213
Manuel Barata (Portugal) .....	214
Manuel Silva Terra (Portugal) .....	215
Manuela Azevedo (Portugal) .....	216
Marcelo Gatica (Chile) .....	217
Margarita Arroyo (Chile) .....	218
Maria Augusta Silva (Portugal) .....	220
Maria José Leal (Portugal) .....	221
Maria de Lurdes Hortas (Brasil) .....	222
Maria de Lurdes Gouveia Barata (Portugal) .....	223
Maria do Sameiro Barroso (Portugal) .....	224
Maria Lucília F. Meleiro (Portugal) .....	225
Maria Teresa Dias Furtado (Portugal) .....	226
Mariana Ianelli (Brasil) .....	228
Mário Hélio (Portugal) .....	229
Marta López Vilar (Espanha) .....	230

Máximo Cayón Diéguez (Espanha) .....	231
Miguel Aguilar Carrillo (México) .....	232
Miguel Serras Pereira (Portugal) .....	233
Miguel Veyrat (Espanha) .....	234
Nicolau Saião (Portugal) .....	235
Nydia Bonetti (Brasil) .....	237
Osacar Rodriguez (Espanha) .....	238
Patricio González (Espanha) .....	240
Paulo de Tarso Correia de Melo (Brasil) .....	241
Paulo Jorge Britto e Abreu (Portugal) .....	242
Paulo José Miranda (Portugal) .....	243
Pedro Saborino (Portugal) .....	244
Pedro Tarquis (Espanha) .....	245
Péricles Prade (Brasil) .....	246
Raúl Vacas (Espanha) .....	247
Remo Ruiz (Espanha) .....	249
René Arrieta (Colômbia) .....	250
Ricardo Gil Soeiro (Portugal) .....	251
Ricardo Marques (Portugal) .....	253
Ricardo Paseyro (Uruguai) .....	254
Rizolete Fernandes (Brasil) .....	255
Rui Almeida (Portugal) .....	256
Rui Miguel Duarte (Portugal) .....	257
Ruy Ventura (Portugal) .....	258
Santiago Aguaded Landero (Espanha) .....	259
Santiago Redondo Vega (Espanha) .....	260
Saturnino Alonso Requejo (Espanha) .....	261
Sidney Rocha (Brasil) .....	263
Soledad Sánchez Mulas (Espanha) .....	265
Sonia Luz Carrillo (Peru) .....	267
Stella Leonardos (Brasil) .....	268
Stefania di Leo (Itália) .....	269

Sylvia Miranda (Peru) .....	270
Teresa Rita Lopes (Portugal) .....	271
Teresinka Pereira (Brasil) .....	274
Tereza Tenório (Brasil) .....	275
Tiago Nené (Portugal) .....	276
Tomás Acosta Píriz (Espanha) .....	277
Vergílio Alberto Vieira (Portugal) .....	278
Verónica Amat (Espanha) .....	280
Victor Oliveira Mateus (Portugal) .....	281
Wagner Ribeiro (Brasil) .....	282
Wender Montenegro (Brasil) .....	283
Xenardo Ovín (Espanha) .....	285
Xesús Rabáde Paredes (Galiza) .....	287
Zé das Berças (Portugal).....	288
Zeilton A. Feitosa (Brasil) .....	289

